

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CMG (FN) RICARDO PARREIRAS DE BRAGANÇA ONETO ARAUJO

NEGAÇÃO DA ASSIMETRIA ENTRE FORÇAS NAVAIS: algumas reflexões do Mar Negro para o Poder Naval brasileiro.

Rio de Janeiro

2024

CMG (FN) RICARDO PARREIRAS DE BRAGANÇA ONETO ARAUJO

NEGAÇÃO DA ASSIMETRIA ENTRE FORÇAS NAVAIS: algumas reflexões do Mar Negro para o Poder Naval brasileiro.

Tese apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Política e Estratégia Marítimas.

Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval

2024

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

DEDICATÓRIA

À minha esposa Camila e à pequena Lara, que são meu porto seguro, dedico este trabalho.

Aos meus pais o reconhecimento eterno pelos fundamentos que me permitiram ser quem sou.

AGRADECIMENTOS

Ao Capitão de Fragata (RM1) Ohara Barbosa Nagashima, amigo, companheiro de outras jornadas e meu Orientador, agradeço o inestimável e incansável apoio de sempre.

À Marinha do Brasil, à Escola de Guerra Naval e ao Encarregado, Equipe, Instrutores e Alunos do Curso de Política e Estratégia Marítimas (C-PEM 2024) pela oportunidade de vivenciar este ano de rico aprimoramento profissional e pelo ambiente saudável e fraterno que juntos construímos.

“Diferentemente dos exércitos e das forças aéreas, cujos tamanho e poder de combate estão associados aos de adversários potenciais, o vulto de uma marinha é determinado pela quantidade de recursos marítimos que ela precisa proteger.”

Geoffrey Till

RESUMO

No dia 24 de fevereiro de 2024 a Federação Russa invadiu a Ucrânia, dando início ao maior conflito ocorrido na Europa desde a Segunda Guerra Mundial. A Guerra da Ucrânia se iniciou em uma conjuntura de compactação temporal entre avanços tecnológicos. E nessa conjuntura e guerra, um paradoxo se apresentou no campo militar: os avanços ajudaram a definir a situação no Mar Negro ao mesmo tempo em que tiveram impacto marginal no cenário terrestre, caracterizado pela paralisia e atrição típicas da Primeira Guerra Mundial. Foi justamente a vertente marítima/naval do conflito que nos chamou a atenção pela oportunidade de se avaliar a conduta de uma marinha diminuta (ucraniana) ao se confrontar com uma marinha robusta, apoiada por estratégia bem definida (russa). Assim sendo, o propósito desta pesquisa foi confrontar dialeticamente as estratégias navais da Rússia e da Ucrânia para o Mar Negro, no período de 2022 a 2024, de modo a buscar conclusões sobre a relação entre a utilização de novas tecnologias em postura estratégica defensiva pelo mais fraco e a assimetria naval. Buscamos ainda verificar a aderência do que se aplicou no Mar Negro para ambientes geográficos distintos e outras forças navais. A aplicação do Método Dialético constatou como a Esquadra do Mar Negro, uma verdadeira força de dissuasão não nuclear, foi confrontada e contida em suas bases pela reduzida marinha ucraniana. Verificamos que o emprego de uma mentalidade de guerra assimétrica pelos ucranianos, conjugada com flexibilidade na liderança política e a combinação de tecnologia e inovação, possibilitou a negação da assimetria de forças. De posse dessa conclusão, realizamos a transposição dos novos conceitos para a realidade brasileira e definimos não somente a esquadra de dissuasão desejada para o século XXI, como apresentamos as sementes de um Conceito Operacional Conjunto de Defesa da Frente Leste brasileira.

Palavras-chave: Guerra da Ucrânia. Mar Negro. Estratégias navais. Novas tecnologias. Assimetria Naval. Guerra assimétrica. Negação da Assimetria. Esquadra de dissuasão. Conceito Operacional Conjunto de Defesa da Frente Leste.

ABSTRACT

DENIAL OF ASYMMETRY BETWEEN NAVAL FORCES: some reflections from the Black Sea for Brazilian Naval Power

On February 24th, 2022, Ukraine was invaded by troops of the Russian Federation starting the biggest war in Europe since World War II. The Ukrainian War began during a period of temporal compression between technological advancements. In this context and war, a paradox emerged in the military field: advances defined the situation in the Black Sea while had a marginal impact on the land scenario, characterized by the paralysis and attrition typical of World War I. It was precisely the maritime/naval aspect of the conflict that drew our attention due to the opportunity to evaluate the conduct of a tiny navy (Ukrainian) confronting a robust navy supported by a well-defined strategy (Russian). Therefore, the purpose of this research was to dialectically confront the naval strategies of Russia and Ukraine in the Black Sea from 2022 to 2024, aiming to draw conclusions about the relationship between the use of new technologies in defensive strategic posture by the weaker party and naval asymmetry. We also sought to verify the applicability of what was observed in the Black Sea to different geographical environments and other naval forces. The application of the dialectical method revealed how the Black Sea Fleet, a true non-nuclear deterrence force, was confronted and contained at its bases by the diminished Ukrainian navy. We found that the use of an asymmetric warfare mindset by the Ukrainians, combined with flexibility in the political leadership and the integration of technology and innovation, enabled the denial of force asymmetry. With this conclusion in hand, we applied these new concepts to the Brazilian reality and defined not only the desired deterrent fleet for the 21st century but also presented the seeds of a Joint Operational Concept for Defense of the Brazilian Eastern Front.

Keywords: Ukrainian War. Black Sea. Naval strategies. New technologies. Naval asymmetry. Asymmetric warfare. Denial of Asymmetry. Deterrent fleet. Joint Operational Concept for Defense of the Brazilian Eastern Front.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 -	O Mar Negro: configuração política.....	138
FIGURA 2 -	Levantamento batimétrico do Mar Negro.....	138
FIGURA 3 -	Aspectos fisiográficos do Mar Negro.....	139
FIGURA 4 -	Russofonia na Ucrânia.....	139
FIGURA 5 -	Linha do tempo.....	28
FIGURA 6 -	Mapa sintético do conflito.....	140
FIGURA 7 -	Diagrama de relações.....	32
FIGURA 8 -	Capacidade de bombardeio naval pelos mísseis <i>Kalibr</i>	140
FIGURA 9 -	A Tríade Naval Ucrâniana.....	71
FIGURA 10 -	Bateria de mísseis antinavio R-360 <i>Neptune</i>	141
FIGURA 11 -	ARP UJ-26 <i>Beaver</i>	141
FIGURA 12 -	ERP <i>Magura</i> V5.....	141
FIGURA 13 -	A Amazônia Azul.....	142
FIGURA 14 -	As linhas de comunicação marítimas brasileiras.....	143
FIGURA 15 -	O Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul (SisGAAz). ..	144
FIGURA 16 -	O entorno estratégico brasileiro.....	144
FIGURA 17 -	Força de Intervenção Marítima.....	131
FIGURA 18 -	Força de Proteção Marítima.....	131
FIGURA 19 -	Força de Desgaste.....	132
FIGURA 20 -	Força de Projeção.....	132
FIGURA 21 -	Simulação aproximada de cobertura de sistemas missilísticos.....	145
FIGURA 22 -	Conceito Operacional Conjunto de Defesa em Camadas da Frente Leste.....	113
QUADRO 1 -	Organização e principais meios da Esquadra do Mar Negro...	47
QUADRO 2 -	Fases da Estratégia 2035 da marinha ucraniana.....	66
QUADRO 3 -	Organização e principais meios da esquadra ucraniana.....	69
QUADRO 4 -	Principais ações com impactos político-estratégicos conduzidas pela Tríade Naval Ucrâniana entre 2022 e 2023...	76
QUADRO 5 -	As sínteses da Guerra da Ucrânia.....	90
QUADRO 6 -	Descrição de avaliação de riscos.....	100

QUADRO 7 -	Contribuições da ampliação do alcance dos sistemas ofensivos.....	106
QUADRO 8 -	Aderência da PPTM aos efeitos desejados da NUM e do CAM.....	110
QUADRO 9 -	Contribuições da PPTM para as forças navais brasileiras.....	111
QUADRO 10 -	Quadro resumo do Conceito Operacional Conjunto de Defesa em Camadas.....	134

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 -	Participação do Mar Negro no comércio marítimo russo.....	146
TABELA 2 -	Alcance de sistemas ofensivos navais antissuperfície.....	133

LISTA DE ABREVIATURAS

A2AD	-	<i>Anti-Access/Area Denial</i>
AEN	-	Ação Estratégica Naval
ARP	-	Aeronaves Remotamente Pilotadas
ARPEU	-	Aeronaves Remotamente Pilotadas de Emprego Único
BID	-	Base Industrial de Defesa
BNS	-	Base Naval de Sebastopol
BtlOpLit	-	Batalhão de Operações Litorâneas
C5IVR	-	Comando, Controle, Comunicações, Computação, Cibernética, Inteligência, Vigilância e Reconhecimento
CAM	-	Controle de Áreas Marítimas
CEPN	-	Capacidades Estratégicas do Poder Naval
CFN	-	Corpo de Fuzileiros Navais
CLPC	-	Comissão de Limites da Plataforma Continental
CNUDM	-	Comissão das Nações Unidas sobre o Direito do Mar
CSIS	-	<i>Center for Strategic and International Studies</i>
CS	-	Consciência Situacional
CS-ONU	-	Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas
DMN	-	Doutrina Militar Naval
DMO	-	<i>Distributed Maritime Operations</i>
EABO	-	<i>Expeditionary Advanced Base Operations</i>
EB	-	Exército Brasileiro
EEA	-	<i>European Environmental Agency</i>
ElmF	-	Elemento de Força
EDM	-	Estratégia de Defesa Marítima
EMN	-	Esquadra do Mar Negro
END	-	Estratégia Nacional de Defesa
ERP	-	Embarcações Remotamente Pilotadas
ERPEU	-	Embarcações Remotamente Pilotadas de Emprego Único
ERPEUS	-	Embarcações Remotamente Pilotadas de Emprego Único Submarinas
Etta Mi D	-	Estratégia Militar de Defesa

EUA	-	Estados Unidos da América
FA	-	Forças Armadas
FAB	-	Força Aérea Brasileira
FDM	-	Fundamentos Doutrinários da Marinha
FN	-	Fuzileiros Navais
GPS	-	<i>Global Positioning System</i>
GptFN	-	Grupamento de Fuzileiros Navais
HE	-	Hipótese de Emprego
ICPM	-	Infraestruturas Críticas do Poder Marítimo
IUU	-	<i>Illegal, Unreported and Unregulated</i>
IVR	-	Inteligência, Vigilância e Reconhecimento
Km	-	Quilômetros
LBDN	-	Livro Branco de Defesa Nacional
LCF	-	Linhas de Comunicação Fluvial
LCM	-	Linhas de Comunicação Marítima
MAGURA	-	<i>Maritime Autonomous Guard Unmanned Robotic Apparatus</i>
MANAER	-	Míssil Antinavio Ar-Superfície Nacional
MANSUP	-	Míssil Antinavio de Superfície Nacional
MB	-	Marinha do Brasil
NaPa	-	Navios-Patrolha
NUM	-	Negação do Uso do Mar
OBE	-	Objetivos Estratégicos
OBNAV	-	Objetivos Navais
OMI	-	Organização Marítima Internacional
ONU	-	Organização das Nações Unidas
OpEsp	-	Operações Especiais
OpAnf	-	Operações Anfíbias
OTAN	-	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PA	-	Possibilidades de Atuação
PBC	-	Planejamento Baseado em Capacidades
PC	-	Plataforma Continental
PEM	-	Plano Estratégico da Marinha
PIB	-	Produto Interno Bruto

P Mi D	-	Política Militar de Defesa
PND	-	Política Nacional de Defesa
R2P	-	Responsabilidade de Proteger
RPÜ	-	República Popular da Ucrânia
SARP-E	-	Sistema de Aeronaves Remotamente Pilotadas Embarcadas
SIF	-	<i>Stand-in Forces</i>
SisGAAz	-	Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul
TBPN	-	Tarefas Básicas do Poder Naval
TO	-	Teatro de Operações
UE	-	União Europeia
URSS	-	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
ZEE	-	Zona Econômica Exclusiva

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	O AMBIENTE GEOPOLÍTICO DO MAR NEGRO.....	19
2.1	AMBIENTAÇÃO GEOGRÁFICA E ANTECEDENTES HISTÓRICOS.....	19
2.2	CONSIDERAÇÕES GEOPOLÍTICAS CONTEMPORÂNEAS.....	24
2.3	CONCLUSÕES GEOPOLÍTICAS E HISTÓRICAS.....	32
3	CARACTERIZAÇÃO POLÍTICO-ESTRATÉGICA RUSSA E SUA ESTRATÉGIA NAVAL PARA O MAR NEGRO.....	35
3.1	COMPREENDENDO O PENSAMENTO POLÍTICO RUSSO.....	35
3.2	A CAMPANHA NAVAL RUSSA NA GUERRA.....	41
3.2.1	As Estratégias Marítima e Naval russas para o Mar Negro.....	41
3.2.2	A Esquadra do Mar Negro.....	45
3.2.3	Ações navais russas de impacto estratégico.....	50
3.3	CONCLUSÕES.....	55
4	CARACTERIZAÇÃO POLÍTICO-ESTRATÉGICA UCRANIANA E SUA ESTRATÉGIA NAVAL PARA O MAR NEGRO.....	57
4.1	COMPREENDENDO O PENSAMENTO POLÍTICO UCRANIANO....	57
4.2	A CAMPANHA NAVAL UCRANIANA NA GUERRA.....	63
4.2.1	As Estratégias Marítima e Naval ucranianas para o Mar Negro.....	63
4.2.2	A esquadra ucraniana no Mar Negro.....	68
4.2.3	Ações navais ucranianas de impacto estratégico.....	74
4.3	CONCLUSÕES.....	78
5	ILAÇÕES SOBRE AS INTERAÇÕES ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA.....	82
5.1	O NÍVEL POLÍTICO: O LÍDER IMPROVÁVEL <i>VERSUS</i> O LÍDER FORTE.....	82

5.2	O NÍVEL ESTRATÉGICO-OPERACIONAL.....	84
5.2.1	A “Esquadra <i>Kalibr</i> ” versus a “Esquadra de Mosquitos”	85
5.2.2	A Projeção de Poder de Terra sobre o Mar (PPTM).....	87
5.3	A SÍNTESE DIALÉTICA E CONCLUSÕES.....	90
6	PERSPECTIVAS PARA A MARINHA DO BRASIL.....	93
6.1	O DESAFIO ESTRATÉGICO E DOCUMENTOS NORTEADORES DE ALTO NÍVEL.....	94
6.1.1	O Livro Branco de Defesa Nacional, a Política Nacional de Defesa e a Estratégia Nacional de Defesa.....	94
6.1.2	A Política Naval, o Plano Estratégico da Marinha e a Estratégia de Defesa Marítima.....	97
6.1.3	Conclusões parciais.....	101
6.2	VISÕES DE DEFESA DA FRENTE LESTE.....	102
6.2.1	Uma Esquadra de Dissuasão Não Nuclear.....	103
6.2.2	A PPTM na MB.....	107
6.2.3	Reflexão sobre um Conceito Operacional para a defesa da Frente Leste: revisitando modelo de defesa em camadas.....	112
6.3	SÍNTESE FINAL.....	116
7	CONCLUSÃO.....	118
	REFERÊNCIAS.....	124
	APÊNDICE A – O DIMENSIONAMENTO DA FORÇA.....	130
	APÊNDICE B – ALCANCE DE SISTEMAS OFENSIVOS NAVAIS..	132
	APÊNDICE C – QUADRO RESUMO DO CONCEITO OPERACIONAL CONJUNTO DE DEFESA EM CAMADAS.....	133
	APÊNDICE D – SUGESTÕES DE APRIMORAMENTO.....	134
	ANEXO A – ILUSTRAÇÕES.....	137
	ANEXO B – TABELA.....	146

1 INTRODUÇÃO

O mundo assistiu, em perplexidade, no dia 24 de fevereiro de 2022, a invasão da Ucrânia por tropas russas. O avanço das inúmeras colunas blindadas parecia ter selado o destino do país. Mas o que se supunha uma rápida operação militar de decapitação do regime ucraniano e domínio territorial pleno evoluiu para uma guerra de grande atrição, já considerada a maior na Europa desde a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). A Guerra da Ucrânia completou seu segundo ano sem perspectivas de encerramento.

O conflito, iniciado em período de considerável desenvolvimento tecnológico, nos apresentou um paradoxo. Por um lado, apesar do uso de diversas novas ferramentas, observamos em terra grande atrição e indefinição, com cenas de linhas intermináveis de trincheiras e batalhas por cidades arrasadas, ao custo de milhares de vidas, que parecem um regresso aos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). Por outro lado, no Mar Negro, notamos o emprego de novas abordagens e tecnologias por parte da Ucrânia que causaram grandes impactos estratégicos ao adversário e, em larga medida, definiram limitações ao emprego do poder naval russo. Ou seja, o período de considerável desenvolvimento tecnológico ajudou a definir a situação no Mar Negro ao mesmo tempo em que não foi capaz de evitar a paralisia do cenário terrestre.

É justamente a vertente marítima/naval do conflito que chama a atenção pela oportunidade de se avaliar a conduta de uma marinha diminuta (ucraniana) ao se confrontar com uma marinha robusta, apoiada por estratégia bem definida (russa). Apesar de existir uma clara superioridade naval russa, as ações ucranianas levaram à perda de mais de vinte meios navais de grande ou médio portes, incluindo o Cruzador Moscou, Capitânia da Esquadra do Mar Negro (EMN), e o Submarino *Rostov-on Don*. Levaram, ainda, ao recolhimento de meios navais aos portos e, até mesmo, à redução do valor estratégico da Base Naval de Sebastopol (BNS), constantemente atacada. Visualizamos, portanto, a relevância de pesquisar as maneiras encontradas pela Ucrânia para se contrapor à força naval oponente superior, bem como se as soluções encontradas teriam aderência a outros cenários estratégicos e realidades distintas.

Assim sendo, o propósito desta pesquisa é, a partir da investigação de como interagiram as estratégias navais – preparo e emprego – da Rússia e da Ucrânia para

o Mar Negro, no período de 2022 a 2024, chegar a conclusões sobre a relação entre a utilização de novas tecnologias em postura estratégica defensiva pelo mais fraco, Ucrânia, e a assimetria naval. Serão analisados os diversos níveis de condução do emprego das Forças Armadas¹, contudo o par estratégico-operacional terá preponderância.

Para tanto, a presente pesquisa foi dividida em cinco seções, antecedidas pela presente Introdução.

Em uma primeira seção, julgamos relevante caracterizar o ambiente geográfico analisado. O Mar Negro e sua geopolítica terão, nesse momento, papel de destaque. Apresentaremos, ainda, um panorama da guerra, dos seus antecedentes até a situação em meados de 2024. O propósito do capítulo é prover os fundamentos necessários ao futuro entendimento dos pensamentos políticos das lideranças antagônicas, os quais desaguaram nas estratégias navais.

Em uma segunda seção, caracterizaremos o pensamento político-estratégico russo, bem como a sua materialização na campanha naval. Não somente abordaremos os documentos de alto nível, mas a própria visão do líder Vladimir Putin. Observaremos, ainda, a organização naval russa para o Mar Negro e sua atuação no decorrer da guerra.

A terceira seção será similar à anterior, porém dedicada à Ucrânia. Caracterizaremos a complexidade política do país, a diversidade étnico-cultural e religiosa e a grande instabilidade interna, além da visão do Presidente Volodymyr Zelensky e de suas lideranças militares, que possibilitaram o prolongamento de uma guerra que muitos avaliaram que duraria menos de uma semana. Nesta seção, analisaremos também as estratégias navais ucranianas e seus impactos.

Após os passos anteriores será possível, em uma quarta seção, confrontarmos não somente a visão político-estratégica, mas as ações estratégicas e táticas – com desdobramentos estratégicos, que se consubstanciaram entre 2022 e 2024. A ferramenta científica selecionada para chegar às ilações que apresentaremos foi o Método Dialético. Trata-se de comparação de realidades, apoiada na observação cuidadosa de movimentos, contramovimentos, ações e reações.

A dialética remonta à Grécia Antiga, mais especificamente sobre a figura histórica de Heráclito Éfeso (540 a 470 a.C.) que lançou seus dois tempos

¹ Este trabalho adota os níveis de condução do emprego das Forças Armadas previstos nos Fundamentos Doutrinários da Marinha: político, estratégico, operacional e tático (Brasil, 2023, p. 1-11).

fundamentais: os polos contrários denominados “tese” e “antítese”. Mas foi o filósofo alemão Friedrich Hegel (1770 – 1831) que, ao criar o terceiro tempo da dialética, denominado “síntese”, foi alçado ao título informal de “criador da dialética moderna”. Assim, segundo a filosofia, existe um estado constante de síntese de conhecimentos a partir do choque de teses e antíteses. Tais conhecimentos, todavia, podem ser revertidos em novas teses e assim serem partes de um ciclo infinito de aprendizado a partir de negações (Souza, 2011; Marconi e Lakatos, 2017). São as sínteses da guerra naval no Mar Negro, em linhas gerais, o que buscamos nesta pesquisa.

No momento seguinte, buscaremos caracterizar o Brasil como potência marítima, capaz de influenciar diretamente seu entorno estratégico², mas com um enorme desafio de defender não somente a sua Amazônia Azul³, mas também, na crise e no conflito eventual, extensas linhas de comunicações marítimas (LCM).

Há, na História militar, momentos em que transformações e inovações tecnológicas favorecem o mais forte; mas há também momentos em que o lado mais fraco é beneficiado. Inspirados pelas conclusões desta pesquisa, por meio das quais buscaremos apreender e compreender um conflito que se iniciou em momento de significativas transformações tecnológicas e com considerável assimetria de forças, somadas à breve descrição de outras realidades, apontaremos caminhos para novas possibilidades estratégicas para a Marinha do Brasil (MB) na defesa do Território Nacional, em consonância com os documentos de alto nível de defesa.

Encerraremos consubstanciando o pesquisado em uma conclusão geral, onde enfatizaremos a relevância de se buscar pensar, em ciclo infinito, as melhores formas de defender o patrimônio herdado pelo povo brasileiro. As repetidas lições da história apontam, e a contemporaneidade caótica alertam, para os riscos inaceitáveis de negligenciar a defesa territorial sob risco de mutilação irreversível da Pátria.

A seguir, o ambiente geopolítico do Mar Negro.

² Espaço compreendido pelos seguintes limites geoestratégicos: ao Norte, o paralelo 16º N; ao Sul, o Continente Antártico; a Leste, o litoral da África Ocidental; e a Oeste, a América do Sul (Brasil, 2020a).

³ O conceito geoestratégico “Amazônia Azul®” foi apresentado pela Marinha do Brasil com o propósito de disseminar, perante a sociedade, a importância da região para o desenvolvimento nacional, bem como a importância de cuidar das suas infinitas riquezas. A partir do ano de 2024, o IBGE passou a acrescentar nos mapas escolares oficiais brasileiros a delimitação da região a fim de contribuir para a conscientização da população. Disponível em: https://www.mar.mil.br/hotsites/amazonia_azul/#:~:text=A%20Amaz%C3%B4nia%20Azul%C2%AE%EF%B8%8F%20%C3%A9,exterior%20da%20Plataforma%20Continental%20brasileira e <https://www.marinha.mil.br/secirm/pt-br/psrm/noticias/no-vo-atlas-geografico#:~:text=O%20Instituto%20Brasileiro%20de%20Geografia,geral%20sobre%20o%20territ%C3%B3rio%20nacional>.

2 O AMBIENTE GEOPOLÍTICO DO MAR NEGRO

As interações navais entre Rússia e Ucrânia no Mar Negro são o foco desta pesquisa e, por óbvio, buscaremos caracterizar esse espaço geográfico e seu entorno. O que faz dessa região tão relevante do ponto de vista estratégico? Quais são as motivações que cercam continuadas desavenças entre os povos?

Neste capítulo pretendemos trazer luz ao complexo espaço geográfico onde, na atualidade, se encontram presentes seis países: Turquia, Bulgária, Romênia, Ucrânia, Rússia e Geórgia (figura 1). Buscaremos, ainda, analisar sua geopolítica e seus conflitos – desde tempos antigos⁴ – e o pensar dos povos ao redor, alguns dos quais hoje lutam.

Pretendemos com isso alcançar uma base de conhecimentos históricos e geopolíticos que nos permitam, nos capítulos seguintes, compreender as visões estratégicas das lideranças dos dois países beligerantes, bem como as estratégias navais delas decorrentes.

Para tanto, estruturaremos em três subseções: em uma caracterizaremos o Mar Negro e a história dos diversos grupos étnicos que habitaram seu entorno desde os séculos anteriores à era cristã; na subseção seguinte apresentaremos uma análise geopolítica bem como apresentaremos a Guerra da Ucrânia, desde seu eclodir até meados de 2024; e, ao final, apontaremos conclusões associadas ao conflito que contribuam para o entendimento dos capítulos seguintes.

2.1 AMBIENTAÇÃO GEOGRÁFICA E ANTECEDENTES HISTÓRICOS

O Mar Negro é um imenso conjunto de água de cerca de 1,2 mil quilômetros na direção Leste-Oeste por 530 quilômetros na direção Norte-Sul. Comunica-se com o Mar Mediterrâneo por meio dos estreitos de Bósforos e Dardanelos, pertencentes à Turquia. O clima predominante na região costeira é o temperado continental europeu, com influência do Mediterrâneo. Características severas de ventos em determinadas épocas do ano, particularmente no inverno, demandam cuidados à navegação⁵.

⁴ A Idade Antiga ou Antiguidade é o período histórico que se estende do aparecimento da escrita até a queda do Império Romano do Ocidente em 476 d.C. (Burns, 1948).

⁵ Fonte: *United Nations Environment Program*. Disponível em: <https://www.unep.org/explore-topics/oceans-seas/what-we-do/working-regional-seas/regional-seas-programmes/black-sea>. Acesso em 23 fev. 2024.

Curiosa caracterização a partir da perspectiva dos gregos⁶ na Antiguidade nos traz Ascherson (2015):

[...] nessa época [Homérica] foi denominado “Axeno” [inóspito] devido às insuportáveis tempestades e ainda pela presença de tribos ferozes que viviam ao seu redor [...] que assassinavam cruelmente estranhos... mais tarde, porém, passou a ser conhecido por “Euxeinos” [amigável a estranhos] quando os Jônios fundaram diversas cidades na costa (Ascherson, 2015, p. 269, tradução nossa)⁷.

Sua água salina é menos densa que a mediterrânea, o que leva a existência de uma corrente de enorme poder que o invade pelas profundezas na direção interna, ao passo que na superfície um fluxo de retorno no sentido oposto se verifica. Em termos de profundidade, alcança incríveis 2,2 mil metros, mas existe uma porção rasa que se estende da atual Romênia até a Península da Criméia em que a profundidade média é de 100 metros somente (figura 2) (Paterno, 2019).

Destacamos a presença de águas rasas na porção Oeste do Mar Negro, bem como em toda a região circunvizinha ao Estreito de *Kerch*, canal de acesso único ao Mar de Azov, localizado a Nordeste.

O Mar Negro é, portanto, uma grande massa de água com entrada única pelos estreitos turcos, apresentando características peculiares de clima, relevo submarino e salinidade com impactos à navegação e operações navais.

O relevo ao entorno oscila entre áreas montanhosas a Sul (Turquia), a Leste (região do Cáucaso) e uma estreita franja a Sul da Península da Criméia. As áreas a Norte, tanto na Ucrânia quanto na Rússia, observam planícies de estepes que se estendem para o coração da Eurásia por milhares de quilômetros (figura 3).

O volume de água doce que desagua no Mar Negro pelos Rios *Kuban*, *Don*, *Dniester* e *Danúbio* é enorme e ajuda a explicar sua baixa salinidade e densidade em comparação ao Mediterrâneo. Explica também o motivo de 90% daquele mar ser morto. O volume de material orgânico que deságua é tão grande que leva a um fenômeno químico de decomposição da água salgada gerando um excesso de sulfato de hidrogênio, tóxico aos seres vivos. Assim, abaixo de cerca de 150 metros de profundidade não há vida. Em contrapartida, acima de 100 metros a vida marinha é

⁶ A Civilização Grega ou Grécia Antiga existiu entre os anos 3000 e 168 a.C. sendo subdividida em fases ou épocas, dentre as quais a Homérica (1100 a 800 a.C.) (Burns, 1948).

⁷ Original em inglês: “At this [Homeric] time, [...] was called ‘Axenos’ [inhospitable] because of its wintry storms and the ferocity of the tribes that lived around it, [...] in that they sacrificed strangers...but later it was called ‘Euxeinos’ [friendly to strangers] when the Ionians founded cities on the seaboard”.

abundante. A pesca foi a maior riqueza do Mar Negro por séculos, desde os gregos, passando pelo Império Bizantino (330 – 1453) e além, possibilitando o estabelecimento dos primeiros agrupamentos costeiros (Ascherson, 2015).

Ascherson (2015) aponta que, em termos históricos, tais agrupamentos materializaram um choque entre civilizações indo-asiáticas e ocidentais desde tempos imemoriais. Destaca as influências ocidentais vindas pelo *Danúbio*, gregas pelos estreitos, asiáticas como os mongóis⁸, pelo Cáucaso, e descendentes dos persas⁹ a partir do Sul. Verificamos que a região do Mar Negro foi se tornando um polo de interseção cultural, onde pessoas das mais diversas línguas, religiões, meios de vida e ascendência viviam juntas.

Esses encontros e choques civilizacionais se desdobram até o presente e contribuem para explicar a falta de coesão nacional e a heterogeneidade cultural.

As primeiras informações de cidades costeiras datam do segundo milênio antes da era cristã, mas a chegada dos jônios¹⁰ em VIII a.C. possibilitou o estabelecimento de feitorias e cidades fortificadas e do comércio que, mais tarde, conectaria os mais distantes locais da Ásia até o Ocidente. Foi por meio dessa atividade comercial que a região recebeu romanos¹¹ e bizantinos, na Antiguidade, e italianos genoveses na Idade Média (Ascherson, 2015).

Ascherson (2015) nos lembra ainda que o poder na região foi fluido e diluído ao longo dos séculos. Os comerciantes gregos, judeus ou italianos detinham sua parcela de autoridade. Todos conviviam, mas sem necessariamente terem afinidade. Imperava a desconfiança e um equilíbrio instável. Havia ainda forte presença de escravos, representantes das mais diversas origens culturais.

Importa observarmos que a convivência entre tantas culturas não significou que tenha sido gerada união ou aceitação plena entre elas. Na verdade, muitas vezes o efeito foi oposto. O que se viu foi uma incubadora de ressentimentos étnicos.

Todo esse quadro ajuda na compreensão do porquê da desconfiança entre diferentes culturas ter se tornado regra. Perseguições e limpezas étnicas, genocídio e outras formas de terror foram tendo a região como palco. Como se a região pertencesse a todos e, ao mesmo tempo, a ninguém.

⁸ Império Mongol (1206 – 1368).

⁹ Civilização Persa (2000 mil a.C.).

¹⁰ Um dos povos que formaram a Civilização Grega (Burns, 1948).

¹¹ Povos oriundos ou descendentes do Império Romano (27 a.C. – 476).

Silva e Figueiredo (2018) descrevem o século IX como marcante pois viu o surgimento, na região onde hoje se encontram a Ucrânia, Bielorrússia e Oeste da Rússia, de uma união de povos eslavos (povos de origem indo-europeia), bálticos e nórdicos. Tal união se denominou “Rus de Kiev”, que em tradução livre seria sinônimo de “homens que remam”, analogia à sua ampla utilização dos rios. Esses povos ocuparam as enormes estepes e passaram a ligar o poderoso Império Bizantino, cuja capital era Bizâncio (posteriormente Constantinopla e atualmente Istambul) ao coração da Europa. Vale mencionar que o estreito contato com os bizantinos fez com que os eslavos absorvessem sua influência cultural, principalmente incorporando a religião cristã ortodoxa grega. Esse arranjo político perdurou até meados do século XIII, quando o Império Mongol conquistou toda a região. Mas mesmo com essa conquista, a cultura eslava se manteve viva nos séculos que se seguiram.

Assim, o “Rus de Kiev” inspirou o discurso de Vladimir Putin, presidente da Rússia à época da Guerra da Ucrânia, de negação da existência de dois povos distintos, um russo e outro ucraniano. Nas palavras dele: “[...] quando perguntado sobre as relações Rússia-Ucrânia eu disse que russos e ucranianos eram um só povo [...] russos, ucranianos e bielorrussos são todos descendentes da Rússia Ancestral, a maior Nação da Europa em sua época” (Putin, 2021, p. 1, tradução nossa)¹².

Observamos que o vácuo da região que separa a Europa da Ásia, caracterizada por uma vastidão de estepes férteis, antes habitada por tribos nômades, possibilitou a ocupação por parte de povos nórdicos e de natureza eslava. Essa é considerada a gênese dos atuais povos russo e ucraniano. Uma origem comum que antecede em muitos séculos a formação do Império Russo e é apontada por muitos como justificativa de incongruência ao se falar em povos distintos.

É exatamente a origem comum da “Rus de Kiev” que serve de combustível para discursos de uma possível artificialidade da Ucrânia como Nação, e que forneceu elementos retóricos às ações de Vladimir Putin doze séculos mais tarde.

A conquista de toda a região por Gengis Khan (1162-1227), líder mongol, trouxe a centralização que possibilitou ligar a China até a região da atual Hungria. Foi estabelecida a denominada Primeira Rota da Seda. Os produtos chegavam por caravanas da China ou da Pérsia até a Criméia e de lá, por meio marítimo,

¹² Original em inglês: “[...] when I was asked about Russian-Ukrainian relations, I said that Russians and Ukrainians were one people [...] Russians, Ukrainians, and Belarusians are all descendants of Ancient Rus, which was the largest state in Europe”.

demandavam o Mediterrâneo e além. Mas o domínio Mongol permitiu a manutenção e desenvolvimento das culturas eslavas nas suas possessões (Ascherson, 2015).

O ano de 1453 trouxe a queda de Constantinopla, tomada pelos turcos. A destruição do Império Bizantino isolou a região que caiu em desgraça. A costa do Mar Negro somente retomaria seus dias de glória após a conquista por Catarina II, a Grande (1729-1796), Czarina do Império Russo, no ano de 1783. Destacamos que o Império Russo surgiu justamente do declínio de diversos impérios, dentre os quais o Bizantino, o Persa e o Mongol (ASCHERSON, 2015). Assim, a Rússia firmava suas possessões gigantescas de terra e, naquele momento histórico, tomava posse do que hoje é não somente seu território, mas o da própria Ucrânia.

Silva e Figueiredo (2018) destacam que o Império Russo posteriormente seria derrubado pela Revolução Russa (1917) e daria origem à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) a partir de 1921. Os destinos de Rússia e Ucrânia passaram a estar conectados a partir daquele momento, ainda que os países estivessem estruturados sob partições distintas.

Importa salientarmos que a vastidão dos povos eslavos dispersos sobreviveu à dominação mongol e foi gerando diferenças localizadas que deram origem a diversas agrupações étnicas. Foram elas que se desenvolveram e geraram povos tais como: russo, lituano, ucraniano, polonês, húngaro, dentre tantos outros.

Concluimos nesta seção, que o Mar Negro, peculiar em suas condições de salinidade e relevo submarino, se destaca estrategicamente por sua posição de ligação entre Ocidente e Oriente, Europa e Ásia.

A região foi permeável a diversas culturas, fragilmente unidas por meio da atividade comercial e que os Mares Negro e de Azov se caracterizaram como sua fonte de sustentação econômica.

Notamos também que a formação do Império Russo deriva daqueles povos originários do “Rus de Kiev”, que permaneceram vivos em gigantesco espaço territorial, ainda que dominados pelos mongóis.

Vimos também que, em termos étnicos, a região se caracteriza como um caldeirão de culturas, muitas das quais não permeáveis e, até mesmo, hostis a qualquer miscigenação. Concluimos, dessa maneira, a existência histórica de descentralização de poder. Somando-se a certa estanqueidade cultural, chegamos a um quadro de dificuldade de percepção de sentimento nacional entre os países que ali futuramente se instalariam e temos justificativa para conflitos persistentes.

Especificamente no que diz respeito ao atual território ucraniano, incluindo a Península da Criméia, percebemos que foi parte territorial russa a partir da consolidação do Império por Catarina, a Grande. Destacamos ainda a origem comum de russos e ucranianos, remontando ao longínquo século IX e a “Rus de Kiev”.

Caracterizamos ainda o Mar Negro como fonte de sustentação econômica importante para os povos costeiros, seja pela pesca, possível graças a uma rica fauna marinha, seja pelo comércio que ligou, por séculos, Oriente e Ocidente. Esse papel de ligação é exatamente o que confere, até hoje, o peso estratégico de toda a região.

2.2 CONSIDERAÇÕES GEOPOLÍTICAS CONTEMPORÂNEAS

Após a queda da URSS em 1991, os países do Mar Negro viveram desafios internos para materializar seus governos e lutar contra o caos econômico. O início do século XXI, no entanto, trouxe uma nova era de turbilhonamento para a região e fez o mundo novamente se preocupar (Ascherson, 2015).

Houve algumas revoltas internas e duas pequenas guerras. A Revolução Rosa na Geórgia e a Laranja na Ucrânia em 2004 e 2005, respectivamente, de cunho nacionalista, testemunharam baixo nível de violência. Da mesma forma foram os protestos antigoverno na Turquia em 2013. Mas a decisão russa de atacar a Geórgia em 2008, a fim de apoiar o movimento separatista na Ossétia do Sul, alterou a tendência e trouxe resultados violentos. Ao final da guerra os russos apoiaram a independência não somente daquele enclave, mas também da Abecásia¹³ (Ascherson, 2015). A grande potência passou a fazer movimentos mais contundentes no seu esforço de manter o poder e a influência nas suas regiões circunvizinhas.

Os países da região se organizaram na era pós-soviética como territórios compostos por grupos étnicos distintos. Exemplificamos ao apontar a existência de minorias russas e armênias em praticamente todos os países de Cáucaso e Mar Negro. A cultura de tais etnias foi, muitas vezes, incompatível às aspirações nacionalistas românticas dos novos Estados que se firmavam (Ascherson, 2015).

¹³ Dentre as onze divisões administrativas que compõem a República da Geórgia, duas se autoproclamaram independentes, ainda que por razões distintas: a Ossétia do Sul, com o objetivo de se unir à Ossétia do Norte, parte da Rússia; e a Abecásia, cujo objetivo é, de fato, se tornar um país independente. Apenas cinco países reconheceram a independência das regiões.

Podemos concluir que o que se seguiu à queda da URSS foi um quadro de instabilidade nas suas ex-repúblicas, que buscavam o desenvolvimento das condições mínimas para se estabelecerem como países viáveis. Para tal, fazia-se imprescindível o desenvolvimento de sentimentos de união nacional; sentimentos nacionalistas afloraram. Vimos ainda uma busca da Rússia para se manter como polo de poder e influência regional.

Ascherson (2015) aponta que a Ucrânia novamente fervilhava em 2014, dessa vez com derramamento de sangue. O início da crise se deu com o presidente Viktor Yanukovych cedendo às pressões russas e revogando as negociações de associação à União Europeia (UE). Um levante derrubou o governo pró-russo, o que traria graves consequências futuras, notadamente com relação à Rússia.

Vale mencionarmos que a UE vinha buscando uma postura de aproximação com a Rússia, mas o tabuleiro do Mar Negro reverteu a tendência. A Europa passou a temer as ações agressivas russas e foi levada mais ao encontro dos Estados Unidos da América (EUA). O país norte-americano condenava seguidamente a Rússia por diversas questões externas (apoio à independência da Ossétia do Sul e da Abecásia e invasão da Geórgia) e internas (essas nitidamente relacionadas a abusos aos direitos humanos) (Ascherson, 2015).

O Ocidente buscava neutralizar a tendência expansionista russa por meio de pressões econômicas e pela atuação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Em termos econômicos, a UE estabeleceu acordos comerciais com a Ucrânia, com a Moldávia e com a Geórgia. No que tange à OTAN, estava em franco processo de expansão para o Leste. Houve diversas ondas da Aliança naquela direção. Em um primeiro momento incorporaram Polônia, Hungria e República Tcheca, e em um segundo momento Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia e Eslovênia. Albânia e Croácia aderiram em 2009, seguidos da Macedônia e Montenegro. Os próximos seriam Ucrânia e Geórgia (Ascherson, 2015).

O que se desenhava em termos de expansão ocidental para o Leste se mostrava inaceitável para o líder russo. O Mar Negro, então, a partir de meados dos anos 2010, não mais poderia ser negligenciado e passou a ser um dos principais focos de tensão mundial entre EUA, UE e Rússia.

No jogo geopolítico de movimentos e contramovimentos, após os desdobramentos do afastamento de Yanukovych e as seguidas ondas de expansão da OTAN, a Rússia colocou em ação planos que surpreenderiam o mundo.

A Península da Criméia foi concedida à Ucrânia pelo líder soviético Nikita Krushchev (1894 – 1964) no ano de 1954. O território ucraniano permaneceu sediando a Esquadra do Mar Negro, por acordo entre os dois países, mantendo a Rússia o controle da Base Naval de Sebastopol. Assim, após sua frustração com os acontecimentos políticos na Ucrânia, Putin anexou a Criméia em 2014. Um plebiscito foi realizado em maio do mesmo ano e o resultado apontou para 98,6% dos habitantes da península como favoráveis à reincorporação à Federação Rússia. A Ucrânia e a comunidade internacional contestaram a veracidade do resultado, mas a anexação da Criméia já se configurava realidade (Ascherson, 2015).

A Rússia passou também a apoiar abertamente movimentos de independência no Leste ucraniano, nas regiões de *Donetsk* e *Luhansk*. Seguiram-se sangrentas lutas entre rebeldes apoiados militarmente pelos russos e tropas ucranianas em todo aquele setor do país (Ascherson, 2015)¹⁴.

Os ucranianos observavam uma divisão interna importante: o pensamento nacionalista do Oeste, cujas palavras de ordem na Revolução Laranja eram “Só nos deixem viver como um país europeu normal”, *versus* a visão de parcela ponderável da população do Leste industrial, cultuadores não somente da língua (figura 4) mas das tradições russas (Ascherson, 2015).

Essa divisão permeava diversos aspectos. Em termos de idioma, populações russófonas numerosas habitavam o Leste do país. Tais grupos defendiam sua incorporação à Rússia ou a formação de repúblicas independentes e, por exemplo, apoiaram a anexação da Criméia. No que diz respeito à religião, a Oeste a influência católica ocidental contrastava com a ortodoxia grega no Leste.

A rivalidade Rússia *versus* Ocidente, anteriormente associada às disputas geopolíticas no Mar Cáspio em decorrência das reservas de óleo e gás, bem como aos dutos de escoamento que cruzam o Cáucaso, agora transbordava diretamente ao ambiente do Mar Negro em função da disputa pela influência na Ucrânia.

No dia 24 de fevereiro de 2022, em movimento antecipado pelos serviços de inteligência dos países da OTAN, a Rússia invadiu a Ucrânia iniciando o maior conflito bélico da Europa desde a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) (Plokhly, 2023).

¹⁴ O apoio russo aos movimentos separatistas culminaria com sua proclamação de independência, prontamente reconhecida pela Rússia em 21 fev. 2022. Na sequência foi assinado pelas partes o “Tratado de Amizade, Cooperação e Assistência Mútua”. A maior parte da comunidade internacional não reconheceu os novos países (Brasil, 2022).

Putin, em esforço de comunicação estratégica e *Lawfare*¹⁵, proibiu a denominação de “guerra” ou “invasão”, adotando a expressão “operação militar especial”. A argumentação utilizada pela chancelaria russa foi de que o uso da força no país vizinho poderia ser justificado pelo princípio de relações internacionais *Responsability to Protect* ou, em tradução livre, Responsabilidade de Proteger (R2P)¹⁶. Mas o argumento foi amplamente refutado tanto pelas Nações Unidas quanto por especialistas em direito internacional. Particularmente Zannarini (2023) nos lembra que a Rússia vem adotando posturas incongruentes em relação ao R2P: em determinadas situações criticou a existência do princípio na sua essência, mas em outras, como nas intervenções na Geórgia e na Ucrânia, utilizou-lhe como justificativa. Assim, os principais atores internacionais enquadraram as ações russas como violação à soberania ucraniana e, portanto, um ato de guerra (Plokhly, 2023; Zannarini, 2023).

O enquadramento “guerra”, de acordo com o Art. 2º das Convenções de Genebra¹⁷, trouxe ao conflito o regime jurídico “*Jus in Bello*” e as respectivas salvaguardas aos civis e combatentes de ambos os lados, após rechaçadas as argumentações russas de R2P¹⁸.

A guerra, que muitos avaliaram que seria rapidamente vencida pelos russos, na verdade observou feroz resistência ucraniana – possível graças a amplo apoio financeiro e militar ocidental. O conflito pode ser dividido em dois momentos: da invasão até julho de 2023, com a retomada de vastos territórios pela Ucrânia e a estabilização da frente; e um segundo momento com a grande contraofensiva

¹⁵ A estratégia denominada *Lawfare*, é aquela por meio da qual os Estados utilizam de atuação jurídica (no campo interno do oponente ou perante à comunidade internacional) como arma de guerra para atingir objetivos militares. O conceito ganhou força a partir do pensamento do Major General Charles J. Dunlap Jr, ex-Advogado Geral da Força Aérea dos EUA (Kitrie, 2016; Williams, 2021).

¹⁶ Desdobramentos dos crimes contra a Humanidade ocorridos principalmente nos Bálcãs e em Ruanda, na década de 1990, em 2005, na Cúpula Mundial da ONU, os chefes de Estado então reunidos em Nova York endossaram o conceito de Responsabilidade de Proteger (R2P), o qual foi consagrado por Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas, estruturando-se sobre três pilares: 1) a obrigação de todo e de cada Estado nacional de proteger a sua população de graves violações dos direitos humanos e do direito humanitário; 2) o dever da comunidade internacional de assistir as sociedades que falhassem na consecução; e 3) no caso de os meios pacíficos se mostrarem inadequados e insuficientes, a mesma comunidade internacional estaria habilitada a tomar as medidas de segurança coletiva cabíveis, mobilizando inclusive a força, para fazer cumprir o seu objetivo. Disponível em: <https://www.un.org/en/genocideprevention/about-responsibility-to-protect.shtml>. Acesso em: 5 ago. 2024.

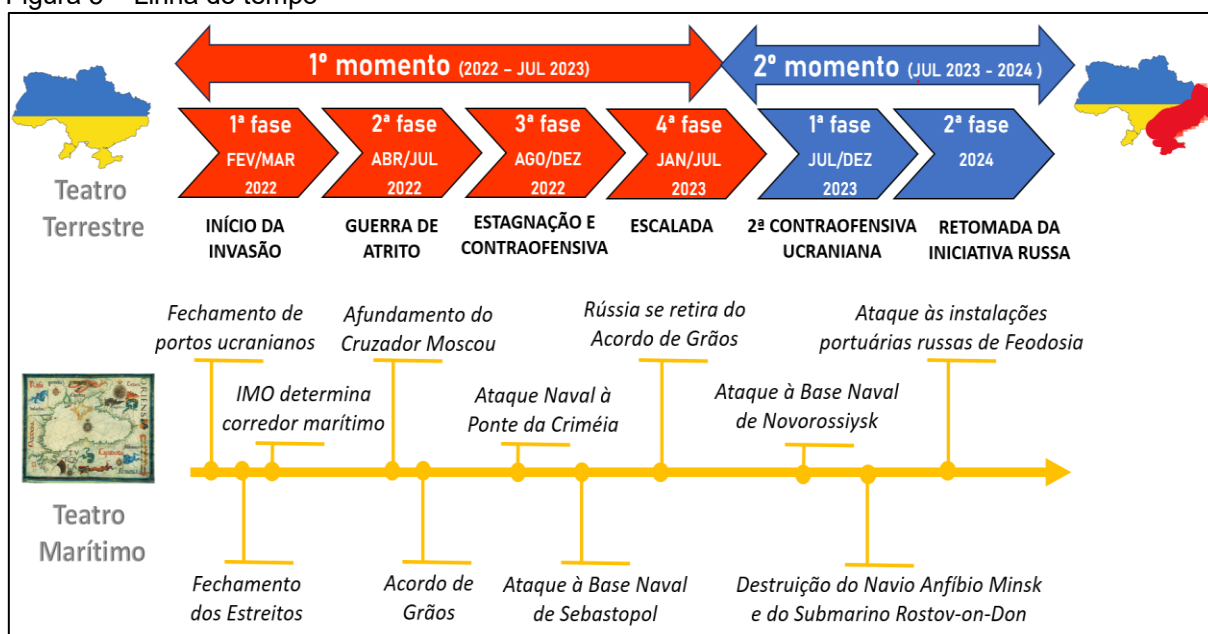
¹⁷ Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/guerra-e-o-direito/tratados-e-direito-consuetudinario/convencoes-de-genebra>. Acesso em: 10 mar. 2023.

¹⁸ Este Autor segue o entendimento da Organização das Nações Unidas (ONU) e, por conseguinte, utiliza no trabalho a denominação “Guerra da Ucrânia” para se referir ao que hoje ocorre em território ucraniano.

ucraniana de julho de 2023 e a reação russa em 2024 (Plokhyy, 2023; Delanoë, 2023). A linha do tempo sintetiza as fases (figura 5).

Salientamos que esses momentos se referem ao desdobramento das ações em terra. No mar, Delanoë (2023) aponta uma superioridade russa (sob o prisma de avaliação tradicional), mas que começou a ser fortemente contestada pelo uso de novas ferramentas militares ucranianas como drones e ataques a partir de terra.

Figura 5 – Linha do tempo



Fonte: Elaborado pelo Autor¹⁹.

O primeiro momento podemos subdividir em quatro fases: 1ª fase – início da invasão (fevereiro a março de 2022), período no qual a Rússia anexou vastas porções territoriais no Leste e na costa e tentou capturar Kiev; 2ª fase – guerra de atrito (abril a julho de 2022), quando os russos recuaram de Kiev e focaram esforços na região do Donbas; 3ª fase – estagnação e contraofensiva (agosto a dezembro de 2022), com avanços significativos ucranianos estabelecendo nova linha de contato; e 4ª fase – escalada russa (janeiro a julho de 2023), com o incremento de ataques aéreos à infraestrutura ucraniana, mas certa manutenção da frente (Brasil, 2023d).

Já o segundo momento podemos subdividir em duas fases: 1ª fase – contraofensiva ucraniana (julho e dezembro de 2023), que trouxe avanço mínimo ante às fortes linhas de defesa russas; e 2ª fase – retomada da iniciativa russa (a partir de janeiro de 2024), com a reconquista lenta e gradual de territórios, incluindo a cidade

¹⁹ A partir de informações obtidas em Brasil (2023), Brasil (2024) e Delanoë (2023).

estratégica de *Avdiivka*. Salientamos que, durante todas as fases, duras sanções econômicas foram aplicadas à Rússia (SPS, 2024; Barros; Silva, 2022).

Com o prosseguimento do conflito, Putin seguiu buscando justificar suas ações com retóricas nacionalistas e antiocidentais. “Nesse contexto a perspectiva difundida na Rússia é que esse conflito consiste em confronto por procuração com o Ocidente, especialmente a OTAN” (Brasil, 2023, p.7).

No que diz respeito à confrontação com a OTAN, podemos apontar um resultado ambíguo para Putin: se por um lado, inegavelmente, anexou territórios ucranianos e inviabilizou o ingresso da Ucrânia na Organização, por outro teve que amargar o ingresso da Finlândia em 2023 e da Suécia em 2024²⁰.

A evolução da frente de combate podemos observar na figura 6.

Como visto, e enquanto estas linhas estão sendo escritas, a evolução dos movimentos e contramovimentos dos atores levou a um impasse. A Ucrânia teve cerca de 18% do seu território ocupado com baixa perspectiva de recuperação, mesmo com o suporte maciço do Ocidente.

A questão central por detrás das ações russas apresentadas vem especificamente da ideologia cultuada por Vladimir Putin de reviver o antigo poder russo, controlando os vizinhos e os fazendo fantoches ou Estados satélites. A franca expansão da UE para o Leste materializada pela entrada da Polônia, Romênia e Bulgária (entre 2004 e 2007) apontava claramente para a futura incorporação também da Ucrânia pelo bloco europeu, o que para a liderança russa era inaceitável.

A Rússia se configurava como grande potência da região, em luta para manter seu prestígio no cenário internacional. Buscava, ainda, por séculos, manter sua estratégica saída para “águas quentes” por meio do Mediterrâneo, bem como conter a expansão da OTAN na região. Utilizava a retórica de proteção às minorias russas no Leste europeu para manter constante pressão e interferência.

O conflito no Mar Negro envolveu, além da Rússia e da Ucrânia, outros atores internos ao sistema.

A Bulgária e a Romênia, a Oeste, gozavam de relativa estabilidade interna e externa. No caso específico da Romênia, o país teve papel vital já que por meio de

²⁰ Por força do Art. 5º do Tratado, uma agressão a um Estado é uma agressão a todos. Portanto, em termos práticos, fica inviabilizada a entrada na Organização de país em estado declarado de guerra. Na relação de países membros já constam a Finlândia e a Suécia. Disponível em: [https:// www.nato.int/](https://www.nato.int/). Acesso em: 19 jun. 2024.

seus portos a Ucrânia pôde escoar sua produção de grãos – superior a 3 milhões de toneladas por mês –, vital ao esforço de guerra²¹.

A Sul, observamos a presença forte e geopoliticamente influente da Turquia. O país, ainda que enfrentando desafios externos – como a questão curda e transbordamentos da Guerra da Síria (2011-2024) –, e internos por reivindicações populares por mais liberdades, gozava de certa estabilidade sob a liderança forte de Recep Erdogan. Destacamos que, apesar de fazer parte da OTAN, manteve, desde o início, posição de neutralidade. Teve, entretanto, papel fundamental ao fechar os Estreitos de Bósforo e Dardanelos para a passagem de navios militares, invocando a Convenção de *Montreaux*²². Apoiou ainda a concretização do Acordo de Grãos²³ que viabilizou à Ucrânia manter suas exportações. O país se beneficiou de um aumento comercial com a Rússia e acesso mais barato aos hidrocarbonetos (Brasil, 2023d).

A Leste observamos a Geórgia, o Estado que amargou a perda dos territórios após a invasão russa de 2008, e convive com a Abecásia e a Ossétia do Sul, Estados não reconhecidos pela esmagadora maioria dos países (Ascherson, 2015).

Outros atores geopolíticos relevantes, externos à região, além dos EUA e UE, devem ser destacados.

Com relação à China, o país assumiu oficialmente uma postura de neutralidade, mas na realidade podemos considerá-la uma “neutralidade pró-Rússia” como se pôde verificar nas seguidas abstenções de Pequim frente a Resoluções condenatórias à Rússia no âmbito do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (CS-ONU). Assim, ao analisarmos o fator econômico, vemos que o país se beneficiou nas relações comerciais com a Rússia e passou a ter acesso a hidrocarbonetos a preços reduzidos. Recusou-se, ainda, a degradar suas relações com a UE, região

²¹ Dados obtidos no *website* oficial da Presidência da Ucrânia. Disponível em: <https://www.president.gov.ua/en/news/glava-derzhavi-obgovoriv-iz-prezidentom-rumuniyi-ekonomichnu-88-161>. Acesso em: 21 fev. 2024.

²² A Convenção de *Montreaux* foi um acordo assinado entre as principais potências mundiais e países do Mar Negro em 1936 que impunha regras ao tráfego marítimo pelos Estreitos de Bósforos e Dardanelos. Prevê que o tráfego mercante tem liberdade de navegação, mas impõe, por meio do controle turco, restrições ao tráfego militar de acordo com critérios pré-estabelecidos. Fonte: Ministério de Relações Exteriores, República da Turquia. Disponível em: <https://www.mfa.gov.tr/implementation-of-the-montreux-convention.en.mfa>. Acesso em: 21 fev. 2024.

²³ O *Black Sea Grain Initiative*, também conhecido como Acordo de Grãos entre Rússia e Ucrânia, foi intermediado pela Turquia e pela ONU e possibilitou a manutenção das exportações de trigo ucranianas a fim de evitar uma alta mundial de preços. Perdurou entre julho de 2022 e julho de 2023, até que a Rússia não aceitou renová-lo. Fonte: Organização das Nações Unidas. Disponível em: <https://www.un.org/en/black-sea-grain-initiative>. Acesso em: 21 fev. 2024.

estratégica às exportações (Brasil, 2023d). Observamos que as relações exteriores chinesas seguiram o pragmatismo, com um discurso de equidistância.

A Índia também seguiu uma postura de evitar comprometer tanto suas fortes relações com a Rússia, quanto aquelas estabelecidas com o Ocidente. Mas é importante enfatizar que a parceria com os russos era estratégica e envolvia a dependência de material militar fundamental. Com relação ao comércio bilateral, saltou 310% desde o início da guerra, com vantagem indiana. A Índia também se beneficiou do acesso mais barato aos hidrocarbonetos russos. O revés indiano foi a redução drástica no fornecimento de equipamento militar, o que levou o país à busca pela autossuficiência (Brasil, 2023d).

A Polônia teve papel fundamental no apoio à Ucrânia por sua rivalidade histórica com a Rússia. O papel mais relevante, além de contribuições financeiras e militares, foi no sentido de receber milhares de refugiados ucranianos nos momentos iniciais do conflito (Brasil, 2023d).

Um ator importante e inesperado surgiu em meados de 2023: a Coreia do Norte. O país assumiu papel de destaque em prover à Rússia algo que despontou como um dos itens logísticos mais preciosos da guerra, mesmo em épocas de avanços tecnológicos: a munição de obuseiros 155 mm²⁴.

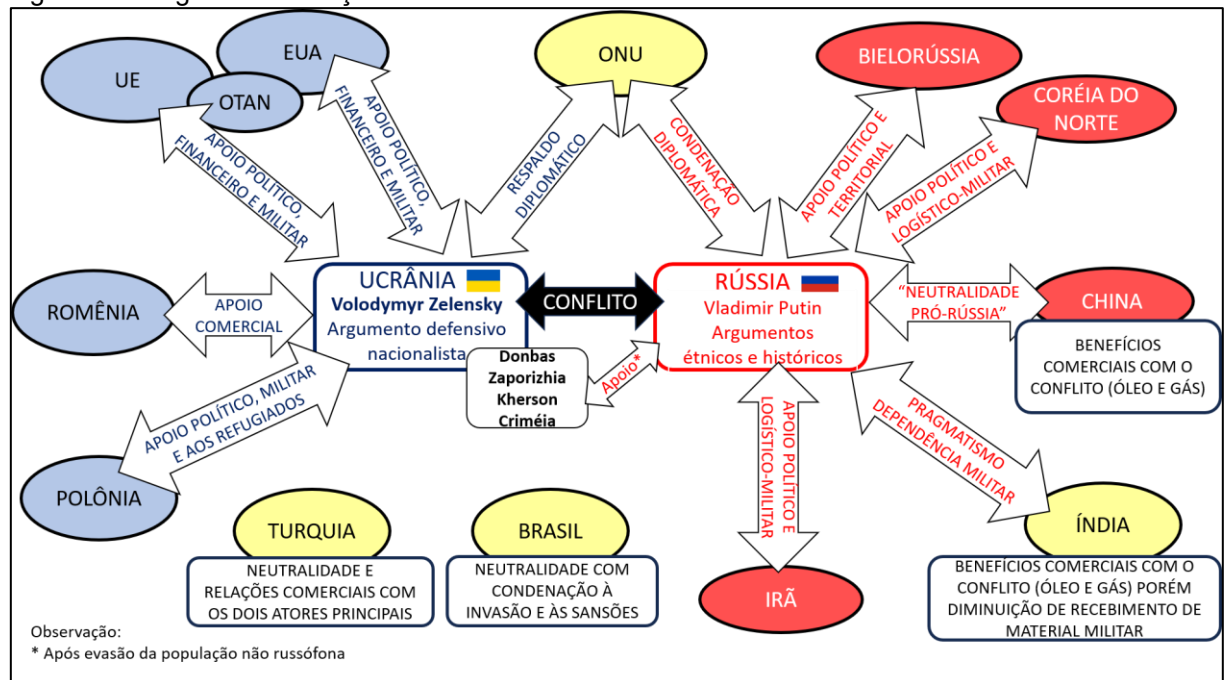
Por fim, vale mencionarmos o papel do Irã. O país assumiu apoio total à Rússia e contribuiu não só politicamente, mas também por meio do fornecimento de material bélico relevante como aeronaves remotamente pilotadas (ARP). O uso desses dispositivos possibilitou a imposição de danos à infraestrutura ucraniana.

O caldeirão do Mar Negro, dessa forma, se mostra complexo e dinâmico. Para a potência russa significa acesso estratégico vital ao mundo por meio do Mar Mediterrâneo. Significa ainda a região estabelecida como ponto de contenção da expansão da OTAN, por meio da interferência na Ucrânia. A região ferve com graves questões étnicas e dessemelhanças culturais profundas. A presença da Turquia, dominando os estreitos, limita a concentração de meios navais na região e traz certa estabilidade ao Sul daquele Mar.

²⁴ Fonte: *European Defense Agency*. Disponível em: <https://eda.europa.eu/webzine/issue25/focus/eda-steps-in-for-a-two-year-fast-track-project-for-155mm-artillery-shells#:~:text=Within%20this%20project%2C%20Member%20States,had%20to%20make%20it%20happen> e <https://www.aljazeera.com/news/2024/2/28/n-korea-sent-russia-millions-of-munitions-in-exchange-for-food-says-seoul>.

A partir da análise, é possível sintetizar as interações geopolíticas por meio do diagrama de relações a seguir (figura 7).

Figura 7 – Diagrama de relações



Fonte: Elaborado pelo Autor²⁵.

2.3 CONCLUSÕES GEOPOLÍTICAS E HISTÓRICAS

A rivalidade entre Rússia e Ucrânia, que culminou com a guerra atual, tem raízes complexas. Para que o conflito possa ser compreendido e analisado, a fim de permitir as desejadas conclusões com potencial de gerar aprendizado, é fundamental conhecer a região do Mar Negro e sua história.

Geograficamente, observamos um ambiente marítimo encapsulado pelo acesso único por meio dos estreitos turcos e ainda com características de clima, correntes e relevo submarino que afetam a navegação e operações navais.

Em termos culturais a região apresentou, desde a Antiguidade, permeabilidade a uma infinidade de culturas, muitas de caráter nômade, e outras que se mantiveram na região de forma permanente.

O vácuo gerado pelo nomadismo, possibilitou a ocupação das vastas estepes ao Norte pelos povos de origens eslava e nórdica. Trata-se da origem dos países do

²⁵ A partir de informações obtidas em Brasil (2023).

atual Leste europeu, incluindo Ucrânia e Rússia. Essa raiz comum é fundamental ao entendimento do posicionamento geopolítico do atual líder russo.

A região floresceu em função do comércio, mas só conseguiu gozar de desenvolvimento quando os mongóis lhe proporcionaram a centralização política anteriormente inexistente. Essa centralização permitiu a mudança da percepção que a definida como “de todos e de ninguém”. Passava a ligar o Oriente e o Ocidente.

Mas as características do Império Mongol não acarretaram a extinção da cultura eslava, que perdurou e seguiu seu desenvolvimento pelos séculos de dominação. Assim, a coexistência entre eslavos e bizantinos, materializada justamente na região do Mar Negro, foi vital à aculturação daqueles. Absorveram, principalmente, a religião cristã, em substituição ao politeísmo.

O que se seguiu à fragmentação mongol foi declínio e caos, processo somente revertido com a reunificação por outro grande Império: o Russo.

Assim, em resposta às questões apresentadas no início do capítulo, a região se destaca, em termos de valor estratégico, por permitir a ligação entre o Ocidente e o Oriente, entre a Eurásia e a África e, mais recentemente, entre o Cáucaso e a Europa. Carece, no entanto, de um espírito de raiz. Não há, como em outras áreas geográficas, uma população étnica e culturalmente homogênea, o que motiva desavenças continuadas entre os povos.

A queda dos Impérios Mongol, Bizantino e Persa possibilitou a formação do Império Russo que passou a dominar um gigantesco território, coberto por uma vastidão de povos e culturas.

Essas observações reverberaram após a queda da URSS em 1991. Novos países foram se organizando a partir das ex-repúblicas soviéticas, mas reunindo grupos de etnias variadas, lutando pela construção de sentimentos nacionais.

Na Ucrânia, então, uma divisão sectária passou a se verificar entre nacionalistas no Oeste, desejosos de incorporar ao estilo de vida europeu, e povos de origem russa no Leste, ávidos por um retorno ao país considerado berço de sua cultura. Mas de maneira geral, percebemos o prevalecer do sentimento nacional que se traduz pelo apoio popular ao Presidente na árdua resistência à invasão.

No que diz respeito à Rússia, observamos sua busca por se manter como potência dominante na região. Reagiu às seguidas ondas de expansão tanto da UE quanto da OTAN. Em momentos iniciais apresentou reação diplomática ou ameaças ostensivas. Mas quando o ingresso da Ucrânia na Organização se mostrava iminente,

partiu para a opção militar por meio da anexação da Criméia e, posteriormente, pela invasão.

Em termos de resultados práticos, parecem ambíguos para o país: por um lado houve a anexação de 18% do território ucraniano, com baixa perspectiva de recuperação; por outro, em função do fracasso da tentativa de sensibilizar a comunidade internacional sobre a argumentação do princípio R2P, acabou amargando severas sanções econômicas, políticas²⁶ e a concretização da expansão da OTAN no flanco Norte, pela incorporação da Finlândia em 2023 e da Suécia em 2024.

Por fim, da análise do Diagrama de Relações produzido (figura 7), concluímos que a complexidade do ambiente e das relações, bem como a presença das maiores potências mundiais interagindo com ambos os contendores, direcionaram a região para um impasse estratégico com perspectiva de perdurar.

Após situarmos a história do Mar Negro e seu entorno, as peculiares relações geopolíticas e descrevermos o desenrolar da guerra, caracterizaremos no próximo capítulo o pensamento político-estratégico russo, com ênfase no Mar Negro, e sua atuação no cenário marítimo por ocasião do conflito.

²⁶ Em parte, resultados de aplicação de *Lawfare* pela Ucrânia junto a organismos internacionais. São exemplos: a sua exclusão do Conselho da Europa e da Comissão de Direitos Humanos da ONU; e o mandado de prisão expedido contra Vladimir Putin pelo Tribunal Penal Internacional. Disponível em: <https://www.icc-cpi.int/news/situation-ukraine-icc-judges-issue-arrest-warrants-against-vladimir-irovich-putin-and>. Acesso em: 5 ago. 2024.

3 CARACTERIZAÇÃO POLÍTICO-ESTRATÉGICA RUSSA E SUA ESTRATÉGIA NAVAL PARA O MAR NEGRO

Após dois anos de grande violência, um impasse político-estratégico se impôs tanto no teatro terrestre quanto no marítimo. A Rússia insistia em uma retórica de negociação que implicasse a aceitação de perdas territoriais, o que se mostrava inaceitável para os ucranianos.

No presente capítulo nos propomos a descrever o pensamento político da Rússia com relação ao conflito, bem como sua estratégia naval e consequente tradução em ações na porção marítima do teatro de operações.

Importa salientarmos que, por se tratar de estudo sobre uma guerra em desenvolvimento no momento de redação da pesquisa, diversas fontes da mídia serão utilizadas. A fim de buscarmos o máximo de fidelidade ao apresentarmos acontecimentos relevantes, asseguramos que, se oriundos desse tipo de fonte, fossem fundamentados em no mínimo duas matérias jornalísticas distintas, ambas de credibilidade internacional.

Estruturaremos o capítulo em três subseções: em uma caracterizaremos o pensamento político russo com ênfase no Presidente Vladimir Putin; na subseção seguinte, as estratégias marítima e naval russas para o Mar Negro, bem como as principais ações de impacto estratégico; e ao final apontaremos conclusões relevantes sobre as ações no mar perante o adversário.

3.1 COMPREENDENDO O PENSAMENTO POLÍTICO RUSSO

Primeiramente eu gostaria de enfatizar que considero a barreira entre Rússia e Ucrânia que surgiu recentemente, barreira entre partes que na verdade compõem um mesmo espaço físico e espiritual, o nosso grande e trágico infortúnio. Trata-se de consequência de nossos próprios erros cometidos em distintos períodos. Mas são também o resultado de esforços deliberados das forças que sempre buscam minar nossa união. A fórmula que utilizam é conhecida desde tempos imemoriais – dividir para dominar. Não há nada novo. Portanto, o estímulo de “questões nacionais” e a pregação da discórdia entre nosso povo têm como objetivo lançar partes de um mesmo povo contra si (Putin, 2021, p. 1, tradução nossa)²⁷.

²⁷ Original em inglês: “First of all, I would like to emphasize that the wall that has emerged in recent years between Russia and Ukraine, between the parts of what is essentially the same historical and spiritual space, to my mind is our great common misfortune and tragedy. These are, first and foremost, the consequences of our own mistakes made at different periods of time. But these are also the result of deliberate efforts by those forces that have always sought to undermine our unity. The formula they apply has been known from time immemorial – divide and rule. There is nothing new

No dia 12 de junho de 2021 o *website* oficial da Presidência da República da Federação Russa publicou um artigo redigido pelo seu líder. As palavras traduziam com clareza o pensamento e antecipavam movimentos que desaguiariam na guerra.

Putin mergulhou em mil anos de história e sobre a capital ucraniana Kiev cita profecia do século X, reputada ao líder Oleg de Novgorod (845 – 912): “Deixem que seja a mãe de todas as cidades russas” (Putin, 2021, p. 1, tradução nossa)²⁸.

Em suas pesquisas, reputa a denominação “Ucrânia” como oriunda da palavra russa antiga “*okrana*”, significando periferia. “Ucranianos” seriam, à época, tão somente guardas de fronteira russos protetores das bordas do Império (Putin, 2021).

O desenrolar dos séculos posteriores à formação do Rus de Kiev, com subsequente dominação pelos mongóis, teria possibilitado a formação de regionalismos que incluíram o surgimento de idiomas localizados, como o ucraniano, mas ainda, segundo o Putin, sem base para se falar em povos diferentes. Também no campo religioso, por estar a Ucrânia situada na borda da Rússia, em ligação com a Europa Ocidental, teria havido a incorporação do catolicismo por parcela da população. Da mesma forma, não consubstanciaria uma base distinta (Putin, 2021).

A visão do líder russo é muito clara no sentido de serem russos e ucranianos um só povo e que quaisquer versões contrárias redundariam de movimentos visando enfraquecer a consagrada e histórica união.

Segundo Putin, o quadro de ligação entre russos e ucranianos perdurou com o tempo. Foi somente nos desdobramentos da Revolução Russa (1917) que se vislumbrou a criação de Repúblicas que facilitassem o controle de vastas áreas. Surgiu a República Popular da Ucrânia (RPU) (Putin, 2021). Para o estadista:

O exemplo da RPU nos mostra que os diversos “quase-Estados” que se formaram dentro do território do Império Russo durante a guerra civil (Revolução Russa) e período de turbulência eram inerentemente instáveis. Nacionalistas buscaram criar Estados, enquanto líderes do Movimento Branco advogavam a indivisibilidade da Rússia (Putin, 2021, p. 10, tradução nossa)²⁹.

Assim, a Ucrânia seria um mero produto burocrático de contingências da administração soviética, com o simples propósito de facilitar a gestão de territórios.

here. Hence the attempts to play on the “national question” and sow discord among people, the overarching goal being to divide and then to pit the parts of a single people against one another”.

²⁸ Original em inglês: “*Let it be the mother of all Russian cities*”.

²⁹ Original em inglês: “*The example of the UPR shows that different kinds of quasi-state formations that emerged across the former Russian Empire at the time of the Civil War and turbulence were inherently unstable. Nationalists sought to create their own independent states, while leaders of the White movement advocated indivisible Russia*”.

Nesse momento, Putin chegou a um ponto importante do seu raciocínio. Se, por desdobramento histórico, as pessoas de determinada região se identificam como membros de um Estado independente, a princípio poderiam ser, desde que negociados os termos territoriais. Tais termos, segundo o líder russo, derivariam da proposição do jurista Anatoly Sobchak (1937 – 2000) de que, caso uma ex-República soviética desejasse a independência, deveria retornar às fronteiras territoriais anteriores à URSS (Putin, 2021).

Pelo raciocínio de Putin, tal premissa não ocorreu. Territórios russos, como a Península da Criméia, teriam sido perdidos por essa definição. Assim, em princípio, Putin pregou que a Ucrânia deveria ter seu território reduzido como preço da liberdade. Essa redução poderia chegar até as cercanias de Kiev.

Putin apontou, ainda, que a Rússia buscou apoiar a Ucrânia quando da sua emancipação. Ressalta os aportes financeiros pela passagem dos gasodutos russos pelo território ucraniano, entre 1991 e 2013, na ordem de US\$ 82 bilhões e define as duas economias como “naturalmente complementares” (Putin, 2021).

Fazendo referência à economia ucraniana, o líder russo a definiu como pujante e industrial na era soviética, mas que teria ruído após sua independência alcançando o patamar de país mais pobre da Europa. Uma oligarquia corrupta seria responsável por essa situação, em conjunto com uma crescente corrente política neonazista³⁰ que buscou isolar a Rússia e manter ligações comerciais apenas com a UE. A Rússia teria buscado repetidas vezes conduzir negociações triangulares entre o país, a Ucrânia e a Europa, mas, de modo geral, infrutíferas. Tal cenário teria culminado em insatisfação popular interna que fez com que o sentimento russofóbico desse lugar a uma vontade de reintegração, como na Criméia. Teria ajudado, ainda, a orientar a política de Estado russa para a Ucrânia (Putin, 2021).

No quesito econômico, Putin descreveu a aproximação ucraniana com o Ocidente como um fracasso e inferiu que uma ligação com a Rússia teria trazido mais prosperidade à Ucrânia, como no passado soviético.

Em relação às questões étnicas, as minorias russas na Ucrânia, na sua visão, estariam sendo obrigadas a negar suas crenças, origens, religião e até mesmo língua. Seria uma visão de supremacia ucraniana, que para as populações russas

³⁰ No artigo estudado, Putin define como “movimentos neonazistas” ucranianos aqueles que desejam aculturar as minorias russas, forçando-as a abdicar de suas bagagens culturais.

representaria algo similar ao nazismo ou ao uso de armas de destruição em massa (Putin, 2021).

O líder citou a suposta indignação de milhões de ucranianos descendentes dos que lutaram no Exército Vermelho pela terra natal na Grande Guerra Patriótica (1942 – 1945)³¹. Segundo Putin, um imenso número de ucranianos rejeitaria o processo antirrusso e a comprovação seria a autodeterminação dos povos da Criméia e do Leste ucraniano (Donbas). Fez específica referência à forte repressão ucraniana e imensos danos às populações civis, bem como um suposto massacre neonazista em Odessa em 2014. Afirmou, ainda, que planejamento semelhante se encontrava em andamento para ser conduzido em *Donetsk* e *Luhansk*, o que a Rússia não permitiria (Putin, 2021). Com visto anteriormente, trata-se da origem da argumentação da R2P.

A luta do governo ucraniano contra grupos separatistas no Donbas foi intensa e, em se tratando de combate a forças irregulares, acarretou danos colaterais oriundos de ambas as partes. As vítimas civis serviram de combustível ao discurso do líder russo de perseguição às minorias e atitudes de cunho neonazista por parte de Kiev.

Putin afirmou que buscou estar aberto ao diálogo, o que seria comprovado por sua adesão aos Acordos de Minsk (2014)³² trazendo cessar fogo ao conflito na região do Donbas. Afirma, contudo, que seus esforços teriam sido minados pela Ucrânia cuja intenção não seria a paz, mas o extermínio de minorias russas (Putin, 2021).

O Presidente inferiu, portanto, que um suposto projeto ocidental russofóbico teria feito com que o ressentimento de parte dos ucranianos contra os russos se perpetuasse – não dependesse mais de lideranças sazonais. O Ocidente não teria previsto, entretanto, que milhões de ucranianos não compartilhariam desse sentimento e resistiriam.

Assim, em sua visão, o frágil Estado da Ucrânia teria se erguido sobre argumentos de ódio em relação aos russos, não sobre sentimentos realmente nacionalistas.

³¹ Designação russa para a Segunda Guerra Mundial (da invasão alemã até o término da guerra na Europa).

³² Acordos assinados entre a ONU, a Rússia e a Ucrânia para cessação de hostilidades no Donbas (*Donetsk* e *Luhansk*). Dentre outras medidas, estabelecia: cessar-fogo imediato; descentralização de poder permitindo o estabelecimento de governos locais em *Donetsk* e *Luhansk*, sob *status* legal especial; libertação imediata de prisioneiros e reféns; garantia de monitoramento da fronteira entre Rússia e Ucrânia e estabelecimento de zona de segurança; garantia de realização de eleições locais; retirada de grupos paramilitares e seus equipamentos, inclusive mercenários; e aprovação de lei de anistia para pessoas envolvidas nos conflitos. Disponível em: <https://peacemaker.un.org/UA-ceasefire-2014>. Acesso em: 29 fev.2024.

Putin, então, caracterizou a Ucrânia como um Estado vassalo do Ocidente. Afirmou que a Rússia estaria pronta para dialogar sobre qualquer assunto complexo, mas desde que com a certeza de que estivesse de fato dialogando com os ucranianos, não com terceiros.

A Rússia está aberta ao diálogo com a Ucrânia e pronta para discutir os mais complexos assuntos. Mas é importante para nós termos convicção de que nosso parceiro esteja defendendo os seus interesses nacionais e não servindo aos interesses de outros, e que não seja uma ferramenta manipulada por terceiros para lutar contra nós. [...] Sei que a verdadeira soberania ucraniana somente será alcançada em parceria com a Rússia. Nossos laços espirituais, humanos e civilizacionais comuns foram fortalecidos pelas nossas conquistas e vitórias. Nossa irmandade foi transmitida de geração em geração. Está viva na memória e nos corações dos povos que vivem na Rússia e na Ucrânia, nos laços sanguíneos que unem milhões de famílias. Juntos somos e seremos muito mais fortes e teremos mais sucesso. Porque somos um povo (Putin, 2021, p. 24, tradução nossa)³³.

Em entrevista concedida em 6 de fevereiro de 2024 ao jornalista estadunidense Tucker Carlson³⁴, Putin novamente mergulhou na história para justificar a anexação da Criméia e utilizou a retórica de proteção das minorias russófonas no Leste ucraniano como justificativa da invasão do país vizinho (Putin, 2024).

Afirmou, em referência às operações contra movimentos separatistas no Donbas em 2022: “Não poderíamos deixar nossos irmãos na fé, parte do povo russo, sujeitos a essa máquina de guerra” (Putin, 2024, 48 min 25 s, tradução nossa)³⁵.

Manifestou, ainda, o presidente Putin que “[...] foi o golpe na Ucrânia que provocou o conflito”, em alusão à derrubada do Presidente Yanukovich (Putin, 2024, 48 min 50 s, tradução nossa)³⁶.

Putin deixou claro não existir possibilidade de que a Rússia perdesse a guerra, bem como viesse a devolver territórios anexados (Putin, 2024).

³³ Original em inglês: “Russia is open to dialogue with Ukraine and ready to discuss the most complex issues. But it is important for us to understand that our partner is defending its national interests but not serving someone else’s, and is not a tool in someone else’s hands to fight against us. [...] I am confident that true sovereignty of Ukraine is possible only in partnership with Russia. Our spiritual, human and civilizational ties formed for centuries and have their origins in the same sources, they have been hardened by common trials, achievements and victories. Our kinship has been transmitted from generation to generation. It is in the hearts and the memory of people living in modern Russia and Ukraine, in the blood ties that unite millions of our families. Together we have always been and will be many times stronger and more successful. For we are one people”.

³⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fOCWBhuDdDo>. Acesso em: 15 fev. 2024.

³⁵ Original em inglês: “Besides we could not leave our brothers in faith, in fact a part of Russian people, in face of this war machine”.

³⁶ Original em inglês: “[...] it was the coup in Ukraine that provoked the conflict”.

Apesar de robustas sanções econômicas, severas perdas humanas e materiais na guerra e a oposição de boa parte do mundo ocidental, Putin se manteve firme em suas convicções.

O tom agressivo foi elevado por parte do líder russo quando da ameaça direta de ataque nuclear, realizada em 28 de fevereiro de 2024, em resposta às declarações do Presidente francês Emmanuel Macron, três dias antes, de que a OTAN pensava em enviar tropas para a guerra³⁷.

Verificamos que o pensamento político de Putin foi fielmente replicado por três vitais interlocutores: os então Vice-Presidente do Conselho de Segurança da Rússia Dmitry Medvedev, Ministro de Relações Exteriores Sergei Lavrov e Ministro da Defesa Sergei Shoigu.

Medvedev afirmou em 17 de dezembro de 2023 que a existência da Ucrânia seria nociva e perigosa aos ucranianos e que, enquanto houver o que classifica como ocupação ucraniana de territórios historicamente russos, não cessarão as hostilidades. Afirmou ainda, em resposta a declarações de líderes europeus de que a presença de tropas terrestres da OTAN na Ucrânia estava sendo considerada, que tal atitude levaria a um ataque nuclear russo³⁸.

Lavrov, proeminente ministro de relações exteriores russo, traduziu o pensamento político de Putin ao declarar não existir sentido em se falar de política externa russa sem que se tenha a história como base (Hellenbrich, 2016).

O General Shoigu, por sua vez, afirmou em 30 de outubro de 2023, na cúpula diplomática e militar chinesa *Xiangshan Forum*, que o Ocidente teria provocado a crise atual na Europa e desejava que se espalhasse para o cenário do Indo-Pacífico³⁹.

Assim sendo, podemos concluir que existem duas vertentes que embasam o raciocínio do líder russo para justificar suas ações na Ucrânia desde a anexação da Criméia. A primeira é de natureza histórico-cultural. Por essa vertente, buscava

³⁷ A ameaça foi feita por ocasião do discurso anual “Estado da União”, em Moscou, no dia 28 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2024/02/29/europe/putin-nuclear-war-state-of-nation-russia-ukraine-intl/index.html> e <https://www.reuters.com/world/europe/putin-warns-west-risk-nuclear-war-says-moscow-can-strike-western-targets-2024-02-29/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

³⁸ Discurso proferido na convenção do partido Rússia Unida, ocorrida em Moscou, em 17 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/russia-bite-off-much-more-ukraine-putin-ally-medvedev-says-2024-02-22/> e <https://www.cnbc.com/2024/02/22/russia-signals-it-could-try-to-seize-kyiv-again-at-some-point.html>. Acesso em: 29 fev. 2024.

³⁹ Disponível em: <https://www.reuters.com/world/russias-shoigu-warns-west-direct-military-clash-between-nuclear-powers-2023-10-30/> e <https://www.usnews.com/news/world/articles/2023-10-29/russias-shoigu-accuses-west-of-seeking-to-expand-ukraine-war-to-asia-pacific>. Acesso em: 29 fev. 2024.

repetidamente caracterizar a natureza única de russos e ucranianos e a fragilidade e artificialidade do sentimento nacional do país vizinho. Salientava, ainda, que se de fato um Estado ucraniano teimasse em existir, deveria retornar à condição territorial anterior à URSS.

A segunda vertente leva em direção a uma suposta obrigação moral dos russos de proteger as minorias russófonas no Leste ucraniano, as quais o líder definia como perseguidas em decorrência de uma política de limpeza étnica. Para aquelas minorias, salientou que seu futuro econômico seria mais dinâmico sob administração russa, como teria sido na era soviética.

Seu discurso é amplamente reverberado na Rússia e no Donbas, com apoio do seu círculo próximo, e conseguiu angariar simpatia de parcela substancial da população. Imagens de descontentamento e tímidas manifestações sendo severamente reprimidas indicaram a existência de oposição interna no início do conflito, mas cuja real grandeza dificilmente poderia ser mensurada em um regime semiditatorial.

3.2 A CAMPANHA NAVAL RUSSA NA GUERRA

Nesta seção apresentaremos a tradução da vontade política por meio da descrição das estratégias marítima e naval russas, as capacidades alocadas pela vertente militar do poder nacional para o Mar Negro e, por fim, a materialização da vontade política no nível operacional por meio das ações práticas em combate.

3.2.1 As Estratégias Marítima e Naval russas para o Mar Negro

No ano de 2022 o Presidente Vladimir Putin aprovou a nova versão da *Maritime Doctrine for the Russian Federation*⁴⁰. O documento, substituto da versão de 2015, ampliou o papel da Marinha russa e previa expansão de capacidades em áreas como mobilização e cooperação internacional no mar. Mas apontava também sua visão para o Mar Negro, foco deste trabalho.

⁴⁰ Este trabalho utiliza a versão traduzida para o idioma inglês pelo *Russia Maritime Studies Institute*, do *United States Naval War College*. Disponível em: <https://usnwc.edu/Research-and-Wargaming/Research-Centers/Russia-Maritime-Studies-Institute>. Acesso em: 1º mar. 2024.

De maneira abrangente, seguiu o modelo estadunidense definindo claramente países oponentes.

A postura independente da Rússia em seus assuntos internos e externos é antagonizada pelos Estados Unidos da América e seus aliados, que buscam manter seu domínio global, inclusive nos oceanos. Eles implementaram uma política de contenção da Federação Russa, que inclui pressão política, econômica, militar e informacional contra o Estado (USNWC, 2022, p. 6, tradução nossa)⁴¹.

Ao citar os 14 “interesses nacionais” para os mares, dois merecem destaque: “7) Garantir o acesso da Rússia às linhas de comunicação marítimas internacionais”; e “14) Desenvolver a rota do Mar do Norte como uma rota economicamente viável de acesso ao mercado global” (USNWC, 2022, p. 4 e 5, tradução nossa)⁴².

De fato, Delanoë (2024) nos apresentou que 30% de todo o comércio marítimo russo depende do Mar Negro (tabela 1), tendo o porto de *Novorossiysk* papel vital para o escoamento de óleo e grãos. Qualquer impacto na segurança da navegação no Mar Negro, estreitos de acesso e Mediterrâneo impactaria diretamente a economia russa, pela possível redução de tráfego, ou por outros custos como seguros e frete.

Da composição dos dois interesses nacionais destacados, a estratégia apontou que o país deveria buscar operacionalizar viavelmente a “saída pelo Norte” por meio marítimo a fim de reduzir sua vulnerabilidade ao depender dos estreitos de acesso ao Mediterrâneo. Mas enquanto aquele objetivo não se concretizasse, deveria possuir as ferramentas para garantir o acesso pelo Mar Negro, região priorizada no documento.

Ao definir o Mar Negro como prioridade, salientou que qualquer conflito nas adjacências dos estreitos turcos automaticamente envolveria a Rússia, pelo impacto que poderia trazer às suas LCM.

A seguir, a estratégia definiu as “áreas de importância marítima” como aquelas que garantiriam os interesses nacionais russos nos mares e seriam significativas à economia, qualidade de vida da população e segurança do Estado. Dentre outras, destacou o Mar de Azov e o Mar Negro, a porção Leste do Mediterrâneo e os estreitos de Bósforos e Dardanelos (USNWC, 2022).

⁴¹ Original em inglês: “*The Russian Federation's independent foreign and domestic policy is opposed by the United States and its allies, who seek to maintain their dominance in the world, including in the World Ocean. They have implemented a policy of containment of the Russian Federation, which includes political, economic, military and informational pressure against the state*”.

⁴² Original em inglês: “*7) ensuring guaranteed access of the Russian Federation to global lines of communications in the World Ocean*”; e “*14) developing the Northern Sea Route as a national transportation passage competitive in the world market*”.

Ao definir as “ameaças ao Estado nos mares”, a importância do Mar Negro e da Ucrânia, em particular, ficaram evidentes:

2) A aspiração dos EUA e seus aliados em limitar o acesso da Rússia aos oceanos e linhas de comunicação marítima; 3) reivindicações territoriais de diversos Estados contra a Rússia em zonas costeiras; 4) Expansão da infraestrutura militar da OTAN para as bordas da Federação Russa e aumento do número de exercícios militares conduzidos em áreas marítimas adjacentes ao território da Rússia; [...] e 6) Conflitos armados em áreas de importância geopolítica para a Rússia e seus aliados, bem como em territórios que permitem acesso aos oceanos (USNWC, 2022, p. 6 e 7, tradução nossa)⁴³.

A estratégia, então, particularizou o pensamento para a região dos Mares Negro e Azov. Descreveu a importância de manter uma dominância geopolítica nesses ambientes por meio da ampliação das capacidades da Esquadra do Mar Negro. Pregou a prioridade em ampliar a infraestrutura na Criméia e ao longo da costa, bem como a aquisição de meios aptos a atuar de maneira híbrida em rios e no mar. Apontou a importância de aprimorar os portos e bases navais (com destaque à Base Naval de Sebastopol), bem como estaleiros de construção de meios civis e militares de grande tonelagem (USNWC, 2022).

Por fim, Menks e Petersen (2022) destacam que a estratégia naval russa atribuiu à EMN um importante papel de dissuasão⁴⁴ não nuclear em relação às forças da OTAN nos Mares Negro, Mediterrâneo e, até mesmo, alcançando maiores distâncias – por meio do estabelecimento de bases de apoio em países parceiros, como a Síria ou a Líbia. Para atingir a capacidade dissuasória, a estratégia foi dotá-la de meios navais, aeronavais e submarinos capazes de lançar mísseis de cruzeiro de precisão, com alcance superior a 2 mil quilômetros. Trata-se do processo denominado “*Kalibrization*”, expressão utilizada por Menks e Petersen em alusão ao papel vital dos mísseis *Kalibr*⁴⁵ que foram disponibilizados aos meios navais russos.

⁴³ Original em inglês: “2) the aspiration of the USA and its allies to limit the Russian Federation’s access to the resources of the World Ocean and vital sea lines of communication; 3) territorial claims of a number of states against the Russian Federation in its coastal zones; 4) expansion of military infrastructure of the North Atlantic Treaty Organization (NATO) to the borders of the Russian Federation, and the increase in the number of exercises conducted in the waters of the seas adjacent to the territory of the Russian Federation; [...] 6) armed conflicts in areas of particular geopolitical importance for the Russian Federation and its allies, as well as on the territories of states with access to the World Ocean”.

⁴⁴ Este trabalho adotará o conceito de Dissuasão previsto no Glossário das Forças Armadas como: “Atitude estratégica que, por intermédio de meios de qualquer natureza, inclusive militares, tem por finalidade desaconselhar ou desviar adversários, reais ou potenciais, de possíveis ou presumíveis propósitos bélicos. O mesmo que Deterência” (Brasil, 2015, p. 93).

⁴⁵ O 3M-14 *Kalibr*/SS-N-30A é um míssil tático de cruzeiro de precisão, destinado a atingir alvos fixos ou móveis com alcance superior a 2,5 mil quilômetros. Fonte: *Center for Strategic and International Studies* (CSIS) da Universidade de Georgetown, Washington, DC. Disponível em <https://missilethreat.csis.org/missile/ss-n-30a/> e <https://missiledefenseadvocacy.org/missile-threat-and-proliferation/todays-missile-threat/russia/ss-n-3-0a-kalibr/>. Acesso em 10 mar. 2024.

Assim, a estratégia marítima russa de 2022 apontou à expressão naval a prioridade do ambiente geográfico do Mar Negro, determinando claramente sua expansão como vital aos interesses nacionais.

Destacou, ainda, o papel dissuasório não nuclear da EMN, que foi de fato obtido pela dotação dos mísseis capazes de engajar alvos navais da OTAN a distâncias substanciais e, também, projetar poder sobre terra por meio de ataques de precisão. Isso possibilitou à Rússia: aprofundar sua linha de defesa do Mar Negro e interferir em oceanos distantes, como o Índico.

Passando à estratégia naval russa, em atendimento às orientações políticas, a esquadra desenvolveu boa envergadura, dispondo de meios suficientes para buscar a preponderância naval na região.

Iniciando a análise à luz dos princípios clássicos da guerra naval, observamos que em relação ao primeiro princípio, definido como “a concentração de forças visando a batalha que lhe confira o comando do mar”, foi materializado pela centralização da EMN na BNS⁴⁶. Fica clara a perpetuação da visão do Almirante soviético Sergei Gorshkov (1910 – 1988)⁴⁷ que fez com que o pensamento estratégico naval de sua marinha migrasse dos estreitos e mares encapsulados para as “águas azuis” por meio de uma força global (Till, 2018; Brasil, 2022).

Com relação aos demais princípios clássicos, convém trazermos algumas considerações.

Analisando o princípio da “posição central” (segundo princípio), tal justifica a anexação de toda a Península da Criméia que, em uma abordagem tradicional, permitiria segurança à Base Naval de Sebastopol. Esse movimento podemos avaliar como parte de uma sequência de ações que precederam a invasão de 2022 (Brasil, 2022; Putin, 2024).

Com relação às “linhas interiores” (terceiro princípio), ficava clara a inaceitabilidade da BNS encapsulada por uma Criméia ucraniana. Corroborando, portanto, as ações de anexação (Brasil, 2022).

⁴⁶ Este trabalho define “comando do mar” a partir da visão de Geoffrey Till como a possibilidade de utilizar o mar para atingir seus propósitos, enquanto não permite que o inimigo o faça. O Controle de Áreas Marítimas e a Negação do Uso do Mar seriam derivadas do Comando do Mar (Till, 2018).

⁴⁷ O Almirante Sergei Gorshkov comandou a Marinha soviética durante a Guerra Fria (1948 – 1989) tendo sido responsável por transformar o pensamento estratégico naval soviético, antes concentrado em estreitos, pontos de estrangulamento marítimos e mares encapsulados, para o de uma Marinha de águas azuis ou global. Sua reestruturação naval permitiu que as esquadras soviéticas contestassem o comando do mar dos EUA (Till, 2018).

Por fim, destacamos que uma Ucrânia incorporada à OTAN representaria risco às LCM, cuja garantia consubstancia o quarto princípio (Brasil, 2022).

As estratégias marítima e naval russas, de maneira global, implicaram enorme desafio. Acima de tudo, necessitavam balancear capacidades em áreas vitais como Ártico, Mediterrâneo e Mar Negro, mas também em ambientes outros como os Mares Cáspio e Okhotsk. Implicaram capacidade de mobilização de meios navais entre espaços – mas que no caso do Mar Negro esbarraria em limitações impostas pela Convenção de *Montreaux* em tempos de guerra e demais características regionais.

De uma maneira ampla, a estratégia marítima russa para a região do Mar Negro previu uma EMN devidamente balanceada e apta a atuar a grandes distâncias. Os efeitos político-estratégicos visualizados foram estar em condições de exercer o comando do Mar Negro; ampliar seu alcance e, por conseguinte, as linhas de defesa russas em profundidade; e ter capacidade de influir no oceano global como fonte de poder alternativa aos EUA.

No caso específico da estratégia naval para o conflito, concluímos que, à luz dos princípios clássicos da guerra naval, os movimentos de anexação da Criméia e invasão da Ucrânia são logicamente compreendidos como vitais à Federação Russa naquele momento e direcionaram a organização de sua EMN.

Do até aqui apurado, é razoável inferirmos que a estratégia naval russa, consubstanciada por décadas de evolução, teve papel preponderante na guerra. Sua liberdade de ação garantiu as LCM russas e comprometeu as ucranianas, bem como apoiou as ações em terra contribuindo para a manobra terrestre como um todo, como será apresentado posteriormente. Permitiu ainda, por meio da sua capacidade de dissuasão não nuclear, garantir o afastamento de esquadras potencialmente antagônicas do ambiente do Mar Negro.

3.2.2 A Esquadra do Mar Negro

Já amplamente enfatizada a importância do Mar Negro na geopolítica russa por permitir acesso permanente ao oceano global, a região recebeu historicamente importantes capacidades. Nesta subseção traremos um panorama da EMN por ocasião do início do conflito, bem como informações sobre as severas perdas russas em função das ações ucranianas.

De acordo com Galeotti⁴⁸ (2014), aquela força naval foi oriunda da divisão da esquadra soviética. A Rússia herdou 80% dos meios (os maiores e mais capacitados), porém se encontravam em alto grau de obsolescência. Basicamente se encontrava sediada na BNS, que possuía considerável capacidade logística e de reparo de meios navais. Na base, além de sua sede, encontrava-se a 810ª Brigada de Infantaria Naval com cerca de 2,5 mil Fuzileiros Navais (FN). Existiam ainda esquadrões aeronavais e um de operações especiais (OpEsp), bem como outras organizações de apoio. Estima-se em aproximadamente 25 mil militares o efetivo total, apesar de certa flutuação ocorrer por ser ponto de apoio para tropas em operações na Síria. Ao longo da costa original da Rússia, ou seja, a Leste da Criméia e no Mar de Azov, ficavam distribuídos quatro pontos de apoio para navios-patrolha (NaPa) e estações-radar.

A EMN é uma das cinco esquadras da Marinha russa⁴⁹. Sua área de responsabilidade é enorme já que abrange os Oceanos Atlântico e Índico, bem como o Mar Mediterrâneo. Era detentora de meios desdobrados até mesmo em Cuba, ainda que modestos. Os meios navais sediados na base naval de Tartus, na Síria, também eram dela oriundos. Até 2014 a situação da esquadra havia se deteriorado por falta de investimentos, mas isso não a impedia de ter dominância em relação às demais da região com exceção da turca. À época era nucleada no capitânia, o cruzador de mísseis guiados Moscou (1983)⁵⁰, da era soviética, modernizado em 1998; alguns escoltas; dois navios anfíbios; e um submarino diesel elétrico (Galeotti, 2014).

O “2011-2020 *State Defense Plan*”⁵¹ trouxe novo fôlego à obsoleta esquadra. Foram recebidas três fragatas classe *Grigorovich*, seis submarinos convencionais de ataque (classe *Varshavyanka* ou *Kilo III*) e quatro corvetas. Todos esses meios incorporados com capacidade de lançamento de mísseis de cruzeiro de longo alcance *Kalibr*. As aquisições foram suficientes para consolidar a dominância da Marinha russa no Mar Negro (Delanoë, 2024).

O quadro 1 resume os principais meios da EMN:

⁴⁸ Mark Galeotti é Professor Doutor na Universidade de Nova Iorque, especializado em assuntos geopolíticos e específicos da Rússia. Possui vinte e cinco livros publicados sobre o país, sendo alguns sobre suas capacidades militares. É diretor da consultoria *Mayak Intelligence*.

⁴⁹ As outras quatro são: esquadra do Báltico, esquadra do Norte, esquadra do Pacífico e esquadra do Mar Cáspio (Delanoë, 2024).

⁵⁰ Este estudo apontará as datas de comissionamento como parâmetro de tempo de vida.

⁵¹ Disponível em: <https://www.foi.se/rest-api/report/FOI-R--4239--SE>. Acesso em: 2 mar. 2024.

Quadro 1 – Organização e principais meios da Esquadra do Mar Negro

Tipo	Nome	Indicativo/ Quantidade	Observação
Capitânia			
Cruzador	<i>Moscou</i> (1983)	121	Afundado
Escoltas			
Fragata	<i>Ladny</i> (1980)	861	
Fragata	<i>Pytlivy</i> (1981)	868	
Fragata	<i>Grigorovich</i> (2016)	494	
Fragata	<i>Admiral Makarov</i> (2016)	499	Avaria Severa
Fragata	<i>Admiral Essen</i> (2016)	490	Avariada
Corveta	<i>Alexandrovets</i> (1982)	059	
Corveta	<i>Suzdalets</i> (1983)	071	
Corveta	<i>Muromets</i> (1983)	064	
Corveta	<i>Bora</i> (1989)	615	
Corveta	<i>Samum</i> (2000)	616	Avaria severa
Corveta	<i>Ivanovets</i> (2015)	954	
Corveta	<i>Vushniy</i> (2018)	609	
Corveta	<i>Zuyevo</i> (2018)	626	
Corveta	<i>Ingushetiya</i> (2019)	630	
Corveta	<i>Gravyoron</i> (2021)	633	
Corveta	<i>Askold</i> (2023)	634	Destruída
Corveta	<i>Ustyug</i> (2023)	651	Avariada
Corveta	<i>Mercury</i> (2023)	734	
Submarinos			
Submarino	<i>Alrosa</i> (1990)	572	
Submarino	<i>Rostov-on-Don</i> (2014)	556	Destruído
Submarino	<i>Novorossiysk</i> (2014)	555	
Submarino	<i>Stary Oskol</i> (2015)	560	
Submarino	<i>Krasnodar</i> (2015)	562	
Submarino	<i>Veliky Novgorod</i> (2016)	567	
Submarino	<i>Kolpino</i> (2016)	570	
Navios de Desembarque			
Navio de Desembarque	<i>Saratov</i> (1966)	150	Destruído
Navio de Desembarque	<i>Orsk</i> (1968)	148	
Navio de Desembarque	<i>Filchenkovy</i> (1975)	152	
Navio de Desembarque	<i>Gornyak</i> (1976)	091	Afundado
Navio de Desembarque	<i>Minsk</i> (1983)	127	Destruído
Navio de Desembarque	<i>Olshansky</i> (1985)	154	Avaria severa
Navio de Desembarque	<i>Caesar Kurnikov</i> (1986)	158	Afundado
Navio de Desembarque	<i>Novocherkassk</i> (1987)	142	Afundado
Navio de Desembarque	<i>Yamal</i> (1988)	156	Destruído
Navio de Desembarque	<i>Azov</i> (1990)	151	Destruído
Outros Tipos de Navios			
Navios-Patrolha		27 un	07 Afundados/ Destruídos
Navios-Varredores		10 un	02 Afundados/ Destruídos
Navio de Reconhecimento		08 un	02 Afundados
Embarcações de Desembarque		03 un	03 Afundadas

Tipo	Nome	Indicativo/ Quantidade	Observação
Navios Auxiliares		68 un	04 Afundados
Total de Navios e Embarcações Afundados/Destruidos		28 Meios	(+15 severamente avariados)

Fonte: Autor⁵².

Seguindo a estrutura de posicionamento estratégico da Marinha russa, os FN também se encontravam presentes nas cinco regiões. No Mar do Norte contavam com duas brigadas, no Báltico e no Pacífico uma brigada em cada e no Cáspio contavam com dois batalhões independentes. No que diz respeito ao Mar Negro, dispunham de uma brigada, a 810^a, que gozava de grande tradição por sua participação nas principais campanhas da história recente, como as guerras da Chechênia (1994 – 1996; e 1999 – 2009), a intervenção na Geórgia e a anexação da Criméia (2014). A brigada poderia ser embarcada nos dez navios de desembarque⁵³, mas a capacidade anfíbia era limitada pela obsolescência e falta de alguns meios como viaturas anfíbias. Contava com as seguintes unidades principais: comando, dois batalhões de infantaria, um batalhão paraquedista, um batalhão de reconhecimento, um batalhão de artilharia

⁵² Com informações compiladas até 20 mai. 2024 de *Jane's Fighting Ships 2022-2023*, Brasil (2024) e aquelas disponíveis em: https://shop.janes.com/fighting-ships-22-23-yearbook-6541-3000230021?_gl=1%2A1xw2fd%2Agclau%2ANTQxMDI0OTAzLjE3MDkzNzkzMzQ, https://www.kchf.ru/eng/ship/today_all.htm, https://edition.cnn.com/2022/04/18/europe/ukraine-moskva-warship-sin_kin_g-images-intl/index.html, <https://www.bbc.com/news/world-europe-61103927>, <https://edition.cnn.com/2023/09/14/europe/ukraine-sevastopol-attack-russian-ships-identified-intl-hnk/index.html>, <https://www.navalnews.com/naval-news/2023/09/russian-submarine-hit-by-missile-rostov-on-don-gone/>, <https://edition.cnn.com/2024/02/14/europe/ukraine-says-russian-warship-caesar-kunikov-destroyed-black-sea-intl-hnk/index.html>, <https://www.bbc.com/news/world-europe-68292602>, <https://www.aljazeera.com/news/2023/12/26/ukraine-claims-to-have-destroyed-russian-ship-in-crimea-attack>, <https://www.washingtonpost.com/world/2023/12/26/novocherkassk-russia-landing-ship-attacked/>, <https://www.reuters.com/world/europe/russian-navy-vessel-damaged-drone-attack-ukrainian-source-2023-08-04/>, <https://www.aljazeera.com/news/2023/8/4/ukraine-drones-hit-russias-key-port-damage-naval-ship-ukrainian-official>, <https://maritime-executive.com/article/one-year-later-russian-navy-confirms-loss-of-the-amphib-saratov>, <https://www.ft.com/content/98b0d8b1-9fa9-409b-98e8-bb8bdae92187>, <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/russia-cruise-missile-carrier-askold-crimea-b2444270.html>, <https://foundation.alioth.group/en/foundation/>, <https://www.bbc.com/news/world-europe-68165523>, <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/video-mostra-navio-de-reconhecimento-russo-sendo-atingido-por-embarcacao-nao-tripulada/>, <https://www.reuters.com/world/europe/ukraine-sea-drone-damages-small-russian-missile-ship-kyiv-source-2023-09-15/>, <https://www.aljazeera.com/news/2023/9/21/ukraine-strikes-russian-ships-state-of-the-art-aerial-defences-in-crimea>, <https://mil.in.ua/en/news/russians-conceal-more-ships-of-the-black-sea-fleet/>, <https://www.businessinsider.com/warships-in-russia-black-sea-fleet-that-ukraine-wiped-out-2024-2>, <https://www.bbc.com/news/world-europe-68648815>, <https://www.aljazeera.com/news/2024/3/24/ukraine-says-it-hit-two-russian-ships-off-occupied-crimea> e <https://www.reuters.com/world/europe/ukraine-says-it-hit-warship-that-russia-took-it-2014-with-missile-2024-03-26/>.

⁵³ De acordo com as pesquisas do Autor sintetizadas na tabela 1, dos dez navios de desembarque disponíveis em 2022, em meados de 2024 somente três ainda seguiam operacionais em função do afundamento de três (Kurnikov, Novocherkassk e Gornyak) e destruição de outros quatro (Saratov, Minsk, Yamal e Azov).

de tubo, um batalhão de defesa antiaérea, um batalhão logístico, uma bateria de mísseis antinavio, uma companhia de atiradores de precisão, uma companhia de saúde e uma companhia de apoio ao desembarque (Boltenkov, 2016; Gorenburg, 2019).

Destacamos que não possuíam viaturas anfíbias, contando com embarcações de desembarque ou a abicagem dos próprios navios, já que eram da classe *Ropucha* ou *Alligator* e, portanto, navios de desembarque de carros de combate.

Convém destacarmos que a esquadra russa possuía capacidade anfíbia, ainda que limitada por conta da obsolescência, baixa disponibilidade de meios anfíbios e falta de certos meios como as viaturas anfíbias.

Com relação a aviação naval, a EMN contava com dois regimentos aéreos cujos principais meios eram: aeronaves de caça SU-24, 25 e 30; aviões de reconhecimento e vigilância e de transporte; e aeronaves diversas de asa rotativa. Não existia navio aeródromo posicionado constantemente no Mar Negro o que fazia com que a aviação naval atuasse a partir das bases de *Kacha* e *Saki*, ambas na Península da Criméia⁵⁴.

Importante destacarmos que existiam diversas unidades militares do exército e força aérea próximas a costa do Mar Negro, mas não são foco desta pesquisa.

A EMN pode ser definida como um vetor de grande relevância estratégica. Ainda que, como visto, não se encontrasse no estado-da-arte no início dos anos 2010, sofreu investimentos de grande vulto nos anos seguintes. Isso fez com que, na ocasião, se firmasse como maior poder naval da região.

Devidamente balanceada, contava com escoltas, submarinos e diversos navios auxiliares. A dotação do sofisticado sistema de mísseis *Kalibr* ou “*Kalibrization*” da EMN conferia àquela força uma real capacidade ofensiva e de dissuasão não nuclear.

Contava ainda com capacidade anfíbia pela existência de uma brigada de FN e meios de desembarque, ainda que antigos e em quantidade insuficiente.

Apesar de não dispor de navios aeródromos, contava com uma robusta aviação naval capaz de atuar em toda a região dos mares Negro e Azov.

⁵⁴ Fonte: *Fuerzas Militares*. Disponível em: <http://fuerzasmilitares.es/russian-air-forces-in-the-crimean-peninsula>. Acesso em: 4 mar. 2024.

3.2.3 Ações navais russas de impacto estratégico

As operações navais executadas pela Marinha russa ocorreram desde o início da guerra e tiveram contribuição importante. Nesta subseção apresentaremos a campanha naval russa e seus efeitos.

No início da guerra a postura naval russa era ofensiva, já que gozava de inquestionável superioridade frente à rival ucraniana. Os adversários, porém, ao se voltarem a uma forma de guerra assimétrica⁵⁵ contando com as novas tecnologias não-tripuladas e sistemas de armas de médio alcance baseados em terra, demandaram uma evolução da postura russa para defensiva (Delanoë, 2024).

Nesse momento, já podemos antecipar que o alcance e eficácia da nova forma de atuação ucraniana causou surpresa estratégica perante o alto comando russo, motivando remanejamento de forças e comprometendo outras operações em teatros como o da Síria e do Báltico.

A composição de unidades navais russas no Mar Negro visava a implementação de uma espécie de “bolha” Antiacesso/Negação de (A2AD)⁵⁶, que impedisse o acesso de esquadras da OTAN. Os russos levavam em consideração que, em caso de conflito, os turcos invocariam os artigos 20º e 21º da Convenção de *Montreaux* e fechariam os estreitos, como de fato ocorreu. Mas ainda assim, em uma situação adversa, suas forças estavam balanceadas para uma possível contraposição ao Ocidente (Delanoë, 2024).

A participação naval russa na campanha se iniciou com a presença de meios submarinos, escoltas e aeronaves patrulhando o Mediterrâneo com o propósito de manter sob vigilância as unidades navais da OTAN e, se fosse o caso, atuar como ferramenta de dissuasão estratégica não nuclear, tarefa imposta à EMN pelo nível estratégico (Delanoë, 2024).

⁵⁵ A Doutrina Militar Naval define a Guerra Assimétrica como aquela modalidade de guerra empregada, genericamente, por aquele que se encontra muito inferiorizado em meios de combate em relação aos seus oponentes. A assimetria se refere ao desbalanceamento extremo de forças (Brasil, 2017).

⁵⁶ Estratégia Antiacesso/Negação de Área, em inglês *Anti-Access/Area Denial* (A2AD). Este trabalho adota o conceito da OTAN assim descrito: “[...] família de capacidades militares utilizadas para dificultar ou impedir as ações de forças oponentes em um teatro de operações e reduzir sua liberdade de manobra uma vez naquele teatro” (tradução nossa). Original em inglês: “[...] that family of military capabilities used to prevent or constrain the deployment of opposing forces into a given theatre of operations and reduce their freedom of manoeuvre once in a theatre”. Disponível em: [https://www.jwc.nato.int/images/stories/threes words/A2AD_2018.pdf](https://www.jwc.nato.int/images/stories/threes%20words/A2AD_2018.pdf). Acesso em: 4 mar. 2024.

A “*Kalibrization*” garantia essa possibilidade de contraposição efetiva já que permitia engajar forças oponentes a longas distâncias.

Uma vez iniciado o conflito, a Rússia prontamente obteve o controle de mar pela incontestável superioridade naval. Esse controle possibilitou, em um primeiro momento, a liberdade de ação para: a) bloquear portos ucranianos, comprometendo seu esforço de guerra; b) projetar poder sobre terra por meio do bombardeio naval com armas de precisão; e c) projetar poder sobre terra por meio de operações anfíbias. Nos momentos iniciais da guerra essas três ações foram conduzidas com sucesso. Mais adiante, a liberdade de ação russa seria contestada (Brasil, 2022).

Verificamos que as ações naquele ambiente marítimo encapsulado se mostraram definitivamente vinculadas e integradas às ações em terra, confirmando a relação postulada por Julian Corbett (1854 – 1922) (Coutau-Bégarie, 2010).

A partir do início da guerra em terra, podemos então dividir a campanha naval em dois momentos: 1) primeiro momento – postura ofensiva; e 2) segundo momento – postura defensiva (Delanoë, 2024).

No primeiro momento, a capacidade de oposição da Marinha ucraniana era insignificante. O único meio de fato disponível, a fragata *Hetman Sahaidachny*, foi afundada no porto em três de março de 2022. Nessa fase, as ações foram de bloqueio naval aos portos ucranianos e de projeção de poder sobre terra por meio de operações anfíbias (OpAnf), mas principalmente pelo bombardeio naval com ataques de precisão (figura 8). Somente em março daquele ano, os mísseis *Kalibr* foram responsáveis por 12,5% do total de alvos em território ucraniano (Delanoë, 2024).

Uma grande operação anfíbia foi planejada para tomada do estratégico porto de Odessa, o que praticamente negaria o acesso da Ucrânia ao mar de maneira vigorosa. Mas a ação de minagem ucraniana ao redor daquele porto tornou o assalto anfíbio inaceitável na avaliação russa. Apenas a tomada da ilha *Snake* foi possível logo nos primeiros momentos do conflito (Delanoë, 2024).

Os navios anfíbios passaram a ter dois papéis estratégicos importantes: manter o fluxo logístico entre teatros a fim de abastecer as ações na Ucrânia; e ficar em condições de apoiar operações de desembarque. Sua existência causou – e ainda causa enquanto esta pesquisa está sendo produzida – incômodo permanente aos

ucranianos. Tratava-se de uma verdadeira esquadra em potência⁵⁷ anfíbia que imobilizou inúmeras forças necessárias em outras partes (Delanoë, 2024; Till, 2018).

Destacamos que pensar na estratégia da esquadra em potência pode nos remeter àquela empregada por marinhas inferiores que, mediante risco de destruição, mesmo tendo capacidade de atuar, se recolhem ao porto. No caso em questão, uma definitivamente superior utilizaria a estratégia de modo a impactar o tabuleiro das forças em terra.

O afundamento do Moscou em abril de 2022 foi o causador da mudança de postura no mar. A ação eminentemente tática, teve impacto político-estratégico como ferramenta propagandística e moral. Os meios navais russos precisaram se afastar da costa e, assim, consolidaram a perda da capacidade de controle de área marítima frente a um combinado de embarcações remotamente pilotadas (ERP) e mísseis antinavio lançados de terra, destacando-se o *Harpoon* e os *Neptune*⁵⁸. Somando-se essa dupla de sistemas às ARP, formou-se e foi amadurecida com o tempo uma tríade altamente eficiente que possibilitou à Marinha ucraniana tomar a iniciativa e atuar ofensivamente. Essa combinação impôs à russa passar à defensiva (Delanoë, 2024).

A Rússia tentou, por meio da imposição de supremacia aérea no teatro, lidar com a nova ameaça. Mas tal supremacia não se concretizou graças à eficiente defesa antiaérea ucraniana que se robusteceu à medida em que o apoio bélico ocidental aumentou (Delanoë, 2024).

As ações passaram a ser de contribuição à defensiva terrestre russa em oposição aos contra-ataques ucranianos, e ênfase nas medidas de proteção da força naval. Mas as importantes ações de bloqueio naval, ainda que mais afastadas, seguiram ocorrendo na porção Sudoeste do Mar Negro. Se tais ações perderam vigor durante a vigência do Acordo de Grãos, no momento em que a Rússia cancelou sua participação, tanto o bloqueio se intensificou, como também os ataques diretos aos três portos ucranianos: Odessa, *Tchernomorsk* e *Yuzhny* (Delanoë, 2024).

⁵⁷ Estratégia naval que produz impactos nas ações oponentes pela simples existência de uma esquadra, mesmo que não necessariamente sendo empregada naquele momento (Coutau-Bégarie, 2010). O Almirante Raoul Castex (1868 – 1968) enfatiza que de uma maneira geral é a ferramenta da esquadra menos capaz, ainda que não se restrinja a ela. Da mesma forma, aponta que a estratégia é normalmente empregada durante conflitos (Till, 2018).

⁵⁸ O A/U/RGM-84 *Harpoon* é um míssil antinavio lançado a partir de plataformas navais, submarinas ou aéreas, com alcance de até 300 quilômetros. O R-360 *Neptune* é um míssil ucraniano antinavio lançado de baterias terrestres com alcance de 280 quilômetros na versão tradicional e 400 quilômetros na versão estendida. Disponível em: <https://www.navair.navy.mil/product/Harpoon> e <https://www.Ukrainianworldcongress.org/ukraine-creates-a-long-range-neptune-missile-and-increases-weapons-production/>. Acesso em: 16 mar. 2024.

Em contraposição, o recebimento pela Ucrânia dos mísseis ar-superfície *Storm Shadow/SCALP*⁵⁹, lançados a partir de aeronaves navais Su-24, novamente gerou retração da EMN (Delanoë, 2024).

A esse ponto, diversos meios navais russos já haviam sido afundados, destruídos ou severamente avariados pela nova forma de atuação. Não bastasse isso, também foram danificadas instalações vitais na BNS, como seu dique seco no qual se encontrava o Submarino *Rostov-on-Don*, por meio de mísseis ar-superfície.

Percebemos que o emprego de novas tecnologias, materializadas na Tríade Naval Ucrâniana⁶⁰ (ERP, ARP e mísseis antinavio a partir de terra) foram capazes de alterar a postura operacional de uma marinha esmagadoramente superior. Foram responsáveis pela concretização de baixas em meios navais russos da ordem de 30% do total da EMN (quadro 1)⁶¹.

A partir das ações ucranianas, novas tarefas foram incorporadas à EMN. Particularmente a capacidade de realizar operações de defesa de infraestruturas críticas terrestres precisou ser desenvolvida após os ataques à vital ponte da Criméia em 2022 e 2023⁶², à sua própria sede em 2023⁶³ e até mesmo à base naval de *Novorossiysk*⁶⁴, distante cerca de 600 quilômetros. A proteção aos gasodutos que conectam a Rússia e a Turquia (*Blue Stream* e *Turk Stream*), pelo fundo do Negro, também passou a ser empreendida (Delanoë, 2024).

Após os duros golpes sofridos, a EMN tentou se contrapor às ameaças das ERP e ARP por meio do emprego de navios-patrolha, dotados de armamento automático e sensores sofisticados de detecção, associados à instalação de redes e posicionamentos de barcas de proteção às infraestruturas. O uso de aviação de alerta antecipado permanentemente em voo também ocorreu (Delanoë, 2024).

Outra ferramenta que teve seu desenvolvimento iniciado foi um sistema de hidrofones, a fim de detectar a aproximação de ERP de superfície ou submarinas.

⁵⁹ Míssil de ataque profundo a instalações críticas fixas ou móveis, lançado a partir de plataformas aéreas, com alcance de 280 quilômetros. Disponível em: <https://www.mbda-systems.com/product/storm-shadow-scalp/>. Acesso em: 16 mar. 2024.

⁶⁰ Denominação elaborada por este Autor.

⁶¹ Refere-se à quantidade de meios.

⁶² Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/7/17/crimea-bridge-attack-what-happened-why-is-the-bridge-important> e <https://www.pravda.com.ua/eng/news/2023/07/26/7412986/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

⁶³ Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-66887524> e <https://edition.cnn.com/2023/09/23/europe/special-ops-black-sea-strike-dozens-dead-intl-hnk/index.html>. Acesso em: 11 mar. 2024.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-66402046> e <https://www.nytimes.com/live/2023/08/04/world/russia-ukraine-news>. Acesso em: 11 mar. 2024.

Trata-se de sistema similar ao SOSUS⁶⁵ com o qual os EUA monitoram o espaço marítimo na linha Groenlândia-Islândia-Reino Unido (Delanoë, 2024).

A eficácia das ações da Tríade Ucraniana impôs resultados tão destrutivos que diversos líderes militares russos advogaram uma nova campanha que viesse conquistar toda a costa ucraniana, já que não somente a BNS se encontrava vulnerável, mas também o porto de *Novorossiysk*. Em meados de março de 2023 a Abecásia ofereceu aos russos a utilização do porto de *Ochamchire*. Essa posição teve potencial de ampliar a distância de alguns meios navais russos em cerca de 600 milhas náuticas de *Novorossiysk*. Mas o porto em questão era bastante limitado em espaço e infraestrutura (Delanoë, 2024).

A contraposição naval ucraniana gerou surpresa nos níveis estratégico e operacional, causando imensa dificuldade para EMN que precisou rever sua concepção de emprego.

A EMN, em resumo, teve que passar por um processo de “litoralização” em função das ações ucranianas, o que divergiu radicalmente do processo de preparação que sofreu, também designado “*Kalibrization*”. Passou a privilegiar a proteção, tornando-se eminentemente defensiva, ainda que se mantendo como esquadra em potência anfíbia com impactos nas ações em terra. Mesmo persistindo a capacidade de projetar poder em mares distantes por conta da existência de meios como submarinos e fragatas, a Marinha russa já sinalizava a construção de novas unidades de navios-patrolha de mil toneladas especializados na defesa contra ERP. A ênfase naval russa mudou radicalmente em dois anos de guerra para a guerra litorânea. Mas a mudança foi só a consequência mais aparente, a derivada primeira dos resultados da Tríade Ucraniana. Em um segundo momento, a Rússia passou a considerar a necessidade de ocupar posições no litoral para limitar a vulnerabilidade de seus meios navais. É prematuro garantir que considerações sobre a ocupação de faixas do litoral ucraniano tenham sido planejadas pela Rússia, mas é possível assumir que a possibilidade desse tipo de intervenção, ainda que contingencial, tenha aumentado a necessidade dos efetivos de tropas terrestres oponentes em reserva, limitando o que poderia ser feito no ambiente terrestre do conflito.

⁶⁵ Disponível em: <https://www.csp.navy.mil/cus/About-IUSS/Origins-of-SOSUS/>. Acesso em: 16 mar. 2024.

3.3 CONCLUSÕES

Na esfera política, não há como negar que a Rússia contava com liderança forte, personificada por Vladimir Putin, sem o qual a guerra dificilmente se concretizaria. Seus argumentos histórico-culturais conquistaram apoio substancial da população e das elites políticas russas em relação à necessidade de realização da denominada “operação militar especial”. Por tal argumentação, a guerra se justificaria pela necessidade de corrigir uma suposta distorção em termos de apropriação de território russo pela Ucrânia. Seria justificada, ainda, pela necessidade de proteger minorias russófonas no Leste ucraniano (R2P).

Mas seus movimentos de anexação da Criméia e posteriormente de invasão da Ucrânia em larga escala traziam outras motivações. Dentre elas, destacamos: características pessoais de Putin em termos de se apresentar como um novo grande líder na história russa; uma certa nostalgia em relação ao poder soviético; necessidade geopolítica clara de dominar o Mar Negro – condição vital de acesso ao oceano global; e contraposição à expansão da OTAN.

Dessa forma, nos anos que precederam a guerra, uma série de movimentos calculados pelo líder russo ocorreram em todas as vertentes. No caso da elaboração dos documentos de alto nível que traduzissem sua vontade política, o Kremlin emitiu sua estratégia marítima em 2022 que consubstanciava a importância do Mar Negro e de uma robusta EMN que respaldasse o poder russo naquele mar e além. Essa estratégia previu uma esquadra regional devidamente balanceada e apta a atuar a grandes distâncias, de modo a exercer o comando do Mar Negro e influir no oceano global como fonte de poder alternativa aos EUA.

A estratégia naval russa teve papel preponderante na guerra pois ao mesmo tempo que garantiu sua liberdade de ação no mar, comprometeu as LCM ucranianas. Possibilitou, ainda, manter afastadas forças antagônicas e influenciar as ações em terra pela postura de esquadra anfíbia em potência.

Podemos inferir que a ampliação das capacidades navais a partir de 2010, principalmente pela incorporação de novos meios como escoltas e navios anfíbios e pela “*Kalibrization*”, foi um dos movimentos preparatórios do planejamento de Putin para a guerra futura. Ao mesmo tempo que possibilitou o afastamento de esquadras estranhas ao Mar Negro, proporcionou a capacidade de interferir na porção terrestre do teatro de operações.

A atuação multifacetada da EMN na guerra da Ucrânia nos traz exemplos práticos da imprescindibilidade e do valor do poder naval na guerra moderna. Suas ações trouxeram impactos em todos os níveis de condução da guerra.

No nível político, sua mera existência com capacidade de dissuasão estratégica contribuiu para o afastamento das unidades navais da OTAN do teatro. Ainda nesse nível, a capacidade de realizar o bombardeio naval de precisão gerou impactos políticos ao oponente, já que teve efeitos morais – oriundos do ataque a cidades distantes –, e efeitos econômicos severos.

No nível político-estratégico, o dado como certo comando do mar foi efetivamente contestado pela Ucrânia, ainda assim, restringiu as LCM e permitiu a projeção de poder sobre terra pelos ataques precisos, gerando graves impactos ao esforço de guerra ucraniano.

No nível operacional, a atuação como esquadra anfíbia em potência influiu no cálculo de batalha oponente por meio da imobilização de forças pelo risco de uma OpAnf no porto de Odessa. A “litoralização” permitiu, também nesse nível, ampliar a proteção de infraestruturas civis e militares críticas vitais ao TO.

No nível tático, as ações inicialmente inviabilizaram a presença ucraniana no mar, mas somente até a efetivação da Tríade Naval. A partir desse ponto a postura tática precisou ser modificada para defensiva, mas as ações ofensivas navais russas seguiram pontualmente ocorrendo, mesmo que com forte oposição e pesadas perdas. Ainda no nível tático, a Marinha russa foi capaz de apoiar a fase crítica de contenção à contraofensiva ucraniana de 2023 por meio do apoio de fogo naval e, a partir de 2024, apoiar a retomada da iniciativa terrestre russa na linha de contato.

Salientamos que, na Guerra da Ucrânia, as novas capacidades, oriundas da contribuição do avanço tecnológico com flexibilidade organizacional, permitiram, no período inicial da guerra, que é a moldura temporal desta pesquisa, que, cada vez mais, ações táticas alcançassem efeitos nos níveis estratégico e, até mesmo, político. A Tríade Naval Ucraniana, a ser detalhada na próxima seção, exemplifica essa conclusão.

A seguir apresentaremos análise similar à deste capítulo, porém sob o prisma ucraniano.

4 CARACTERIZAÇÃO POLÍTICO-ESTRATÉGICA UCRANIANA E SUA ESTRATÉGIA NAVAL PARA O MAR NEGRO

No ano de 2024 a “operação militar especial” de Putin completou dois anos. O conflito, naquele momento, apresentava números impressionantes: 315 mil militares russos mortos ou feridos, 31 mil militares ucranianos mortos, 10.582 civis ucranianos mortos e 19.875 feridos, além de um número não conhecido de civis russos mortos⁶⁶.

O que os analistas avaliavam que seria uma ação militar rápida de conquista do território ucraniano, troca de liderança política e instalação de um governo alinhado, se mostrou bastante diferente. Os ucranianos conseguiram defender a capital, retomar parte dos territórios e estabelecer uma linha de contenção. O conflito se tornou estático em meados de 2023, trazendo um quadro que nos remete às trincheiras da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918).

No presente capítulo descreveremos a maneira como a Ucrânia conduziu a guerra até a moldura temporal da pesquisa, seu pensamento político, sua concepção estratégica naval e a materialização do pensamento político em termos de capacidades navais.

Estruturaremos em três subseções: em uma descreveremos a visão política do Presidente Volodymyr Zelensky sobre o conflito, a seguir caracterizaremos as estratégias marítima e naval ucranianas bem como as principais ações militares com impacto estratégico e, por fim, apontaremos as conclusões.

4.1 COMPREENDENDO O PENSAMENTO POLÍTICO UCRANIANO

“A luta é aqui. Preciso de munição, não de carona!”⁶⁷. Com essas palavras Volodymyr Zelensky, sexto Presidente da Ucrânia, surpreendeu o mundo em 25 de fevereiro de 2022 após negar oferta dos EUA de evacuar a ele e sua família do país.

⁶⁶ Fontes: *UN Human Rights Monitoring Mission in Ukraine*; *CIA Intelligence Assessment to Congress*; e Discurso do Presidente Volodymyr Zelensky alusivo aos dois anos da Guerra em 25 fev. 2024. Disponíveis em: [https://www.channel4.com/news/factcheck/factcheck-how-many-people-have-died-in-the-russia-ukraine-war-and-what-could-happen-next#:~:text=In%20its%20latest%20report%2C%20that%20he%20has%20killed%20and%20injured](https://www.channel4.com/news/factcheck/factcheck-how-many-people-have-died-in-the-russia-ukraine-war-and-what-could-happen-next#:~:text=In%20its%20latest%20report%2C%20that%20he%20has%20killed%20and%20injured,https://www.bbc.com/news/world-europe-68397525), <https://www.bbc.com/news/world-europe-68397525> e <https://www.president.gov.ua/en/news/speeches?date-from=01-01-2024&date-to=01-03-2024&token=IS0SkGDZ59kYaFicKXAt5cWrUFuzwIU3tGFYinGO>. Acessos em: 17 mar. 2024.

⁶⁷ “*The fight is here. I need ammunition, not a ride*” (tradução jornalística, original em ucraniano). Fonte: BBC – Vídeo gravado pelo próprio Presidente Volodymyr Zelensky, em frente ao prédio do governo em Kiev, em 25 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z3cU9d9ciY4>. Acesso em: 17 mar. 2024. Original em ucraniano e tradução nossa.

Tempos difíceis costumam produzir grandes líderes. No caso da Ucrânia, a máxima parece, até o momento de produção desta pesquisa, ser verdadeira. Zelensky, quando decidiu concorrer à presidência da Ucrânia nas eleições de 2019, não possuía qualquer histórico político. Não teve, por exemplo, papel em momentos decisivos da história política ucraniana como a Revolução Laranja de 2004 e 2005 ou as manifestações violentas de 2014, que levaram ao afastamento do presidente Yanukovych e acabaram desaguando na anexação da Criméia (Rudenko, 2022).

Tratava-se de um ator de comédias famoso que, curiosamente, teve como principal papel o de um professor que se tornava presidente. O fato de não ter cumprido o serviço militar, bem como uma imagem que remetia falta de seriedade, fizeram com que parcela do público interno e externo não acreditasse que Zelensky tivesse potencial de se tornar um líder nacional em tempos de guerra (Rudenko, 2022).

Natural de Kiev, na então República Socialista Soviética da Ucrânia, nasceu em 1978, em plena Guerra Fria (1948 – 1989), quando aquele que seria seu oponente, o líder russo, já participava do perigoso jogo de espionagem como membro do serviço secreto da URSS. Ao ser eleito em 21 de abril de 2019 com 13,5 milhões de votos, mais de 70% do eleitorado, se comprometeu em derrotar a corrupção personificada na “velha política”. Prometeu, ainda, unir e liderar os ucranianos (Rudenko, 2022).

Assim, Zelensky ascendeu ao poder prometendo encarar uma luta patriótica por um país melhor, mais forte e livre da corrupção política que acreditava vigente.

Mas Rudenko (2022) nos apresenta que os dois primeiros anos de seu governo foram classificados como pouco produtivos e, por vezes, caóticos, já que não contava com suporte pleno da classe política. Conduzia uma sangrenta guerra civil no Donbas e, seguindo seus discursos, ainda acreditava em negociações que cessassem o conflito. Foi nesse cenário que, em 24 de fevereiro de 2022, os russos iniciaram sua “operação militar especial” e invadiram o território ucraniano em larga escala.

Zelensky lidava com intensa dificuldade em termos de articulação política e com uma guerra no Donbas. Sendo um novato na política, suas bandeiras de moralização esbarravam justamente nos partidos políticos tradicionais.

No seu discurso de posse, Zelensky explicitou seu pensamento político cujos principais pontos passaremos a apresentar.

Com relação à aproximação com a UE, deixou claro ter sido essa a escolha da esmagadora maioria dos ucranianos. Na sua visão, além do país estar fisicamente em solo europeu, a mentalidade europeia já era uma realidade (Zelensky, 2024)⁶⁸.

Sua visão nacionalista, que trouxe surpresa a alguns, foi enfatizada:

Hoje eu apelo a todos os ucranianos no mundo. Somos 65 milhões. Sim, não se surpreendam: somos 65 milhões – aqueles nascidos em solo ucraniano. [...] Apelo a todos os ucranianos no planeta! Nós precisamos de vocês. Precisamos de todos os que estejam prontos a construir uma nova, forte e próspera Ucrânia [...]. Vocês devem vir para a Ucrânia não como visitantes, mas para voltar para casa. Estamos esperando por vocês. [...] tragam, por favor, seu conhecimento, sua experiência e seus valores. Isso nos ajudará a inaugurar uma nova era. Céticos dirão ser impossível, uma fantasia. Mas e se esse for, de fato, o nosso ideal nacional: união e busca do impossível contra imensas adversidades? (Zelensky, 2024, p. 1, tradução nossa)⁶⁹.

Nesse contexto, exemplificou o sentimento de amizade e união dos ucranianos, sejam russófonos ou não. Afirmou que naquele exato momento, soldados falando idiomas ucraniano e russo partilhavam as mesmas trincheiras em defesa da Pátria. Na frente de combate, acrescentou, não existiriam lutas internas ou discórdia, somente coragem e honra (Zelensky, 2024).

Ao assumir, o líder ucraniano apresentou claramente que a integridade territorial era algo inegociável, posição essa que seria testada ao limite cerca de três anos mais tarde, por ocasião da invasão:

Definitivamente não tenho medo de tomar decisões difíceis e estou pronto para sacrificar minha fama, meu conceito e, se necessário, sem nenhuma hesitação, minha posição de Presidente para trazer a paz, desde que não abandonemos cada um de nossos territórios. A história nem sempre é justa. Não fomos nós que iniciamos esta guerra. Mas somos nós que temos que terminá-la. [...] A Criméia e o Donbas são parte do solo ucraniano [...] (Zelensky, 2024, p. 1, tradução nossa)⁷⁰.

⁶⁸ Fonte: Discurso de posse de Volodymyr Zelensky em 20 mai. 2019, *website* oficial da Presidência da República. Disponível em: <https://www.president.gov.ua/en/news/inavguracijna-promova-prezidenta-ukrayini-volodimira-zelensk-55489>.

⁶⁹ Original em inglês: *“Today I appeal to all Ukrainians in the world. There are 65 million of us. Yes, don’t be surprised: there are 65 million of us [...] I appeal to all Ukrainians on the planet! We really need you. To all who are ready to build a new, strong and successful Ukraine [...]. You must come to Ukraine not to visit, but to return home. We are waiting for you. [...] bring your knowledge, experience and values. That will help us start a new era. Skeptics will say that it is impossible, a fantasy. But what if this is, in fact, our national idea — to unite and make the impossible against all odds?”*.

⁷⁰ Original em inglês: *“I’m definitely not afraid to make difficult decisions and I’m ready to lose my fame, my ratings, and if need be — without any hesitation, my position to bring peace, as long as we do not give up our territories. History is unfair. We are not the ones who have started this war. But we are the ones who have to finish it. [...] Both Crimea and Donbas have been our Ukrainian land [...]”*.

Afirmou que o primeiro desafio de um processo de pacificação da luta no Leste ucraniano viria com a libertação de prisioneiros, seguido pelo retorno de cada território tomado (Zelensky, 2024).

Zelensky e seus assessores classificavam os movimentos russos como expansionistas e vislumbravam que não cessariam com a anexação da Criméia e dos territórios do Donbas. Em 23 de setembro de 2021, em discurso na 76ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), afirmou não haver mais sensação de segurança no mundo já que os pilares do direito internacional haviam sido derrubados. Isso poderia, segundo ele, levar ao colapso da arquitetura das relações internacionais. Ao citar a agressão russa no Leste ucraniano, agradeceu a ONU por incluir na agenda de debates a *Situation in the Temporary Occupied Territories of Ukraine*⁷¹, o que formalizava a posição da Organização quanto à ilegalidade das ações russas (Zelensky, 2024).

O posicionamento combativo do Presidente ficou bastante claro à população e trazia como principal desdobramento considerar inaceitável qualquer perda territorial.

O dia 24 de fevereiro de 2022 marcou o maior desafio vivido pela Ucrânia. Os russos invadiram por diversas frentes, avançando rapidamente para tomar Kiev.

Ocorreu, então, uma transição na imagem de Zelensky. O presidente sobre o qual pesavam desconfianças se tornou um líder nacional forte, que desafiou a máquina de guerra russa. Chegaram a considerá-lo um novo Winston Churchill (1874 – 1965), por sua capacidade de fomentar união e resistência frente a um agressor reincidente e inquestionavelmente mais forte (Rudenko, 2022).

Zelensky se dirigiu de maneira emocionada à população no final daquele primeiro dia de guerra, agradecendo homens e mulheres que, segundo ele, defendiam heroicamente sua pátria contra um dos maiores poderes militares mundiais. Disse ele:

Hoje a Rússia atacou todo o território do Estado. E Hoje nossos defensores fizeram muito. Defenderam em praticamente todo o território da Ucrânia [...]. Sei que muitas notícias falsas estão sendo produzidas. Em particular de que eu supostamente teria deixado Kiev. Eu permaneço na capital, permaneço com meu povo. Mantive, ao longo do dia, dezenas de ligações internacionais e governei diretamente o país. E permanecerei na capital. Minha família também permanecerá na Ucrânia. Meus filhos também estão na Ucrânia. Minha família não é composta de traidores (Zelensky, 2024, p. 1, tradução nossa)⁷².

⁷¹ “Situação nos Territórios Temporariamente Ocupados da Ucrânia” (tradução nossa, original em inglês).

⁷² Fonte: Discurso de Volodymyr Zelensky em 25 fev. 2022, *website* oficial da Presidência da República. Original em inglês: “Today Russia attacked the entire territory of our state. And today our defenders have done a lot. They defended almost the entire territory of Ukraine. [...] I know that a lot of fakes are

A partir do início da guerra o presidente ucraniano, familiarizado com a utilização das redes sociais, passou a dialogar ininterruptamente com a população e mandar mensagens constantes de encorajamento.

No dia 28 de fevereiro, lembrou haver dito no discurso de posse que todos seriam presidentes junto com ele, mas que, a partir daquele momento, todos passaram a ser guerreiros juntos (Zelensky, 2024).

Alguns dias depois, seguiu mobilizando a população e afirmando se tratar de uma guerra patriótica e, como tal, inevitavelmente acabaria com a derrota dos invasores (Zelensky, 2024).

A vitalidade das forças de defesa ucranianas surpreendeu o mundo e foi deixando Zelensky consciente de que seria possível defender seu país, mas que apoios seriam necessários. Iniciou, então, uma peregrinação física e por meio de plataformas virtuais com as principais lideranças ocidentais em busca de apoios de toda ordem. Afirmou ao mundo, em março daquele ano, que seria imprescindível caracterizar a Rússia como um Estado terrorista (Zelensky, 2024).

A capacidade de articulação política interna e externa de Zelensky passou a ser notória e a ela é possível creditar parcela da resistência frente aos invasores, bem como o fracasso da invocação russa do R2P.

A partir desse momento, afirmou em transmissão ao vivo que os ucranianos não cederiam nenhum centímetro de território; lutariam por cada palmo. Estava traçada a estratégia de negociar para ganhar tempo, mas sem qualquer real intenção de ceder a Criméia ou as regiões do Leste ucraniano (Zelensky, 2024).

O fato é que Zelensky obteve sucesso em sua busca por apoio político e militar. Nos EUA, o Presidente Joe Biden iniciou o suporte ainda no mês da invasão. Foi seguido pelo Reino Unido e pelos demais membros da OTAN, que viam nas ações russas algo inaceitável. Houve clara mudança de postura daqueles países em relação à quase inércia apresentada em 2014. Principalmente entre os europeus, Putin parecia não se contentar com suas conquistas e outros Estados poderiam ter sua soberania ameaçada. Essa foi a visão que possibilitou o suporte militar e financeiro,

being produced now. In particular, that I allegedly left Kyiv. I stay in the capital, I stay with my people. During the day, I held dozens of international talks, directly managed our country. And I will stay in the capital. My family is also in Ukraine. My children are also in Ukraine. My family is not traitors". Disponível em: <https://www.president.gov.ua/en/news/zvernennya-prezidenta-do-ukrayinci-v-naprikinci-pershogo-dnya-73149>.

capaz de, no ano de 2022, fazer com que os ucranianos retomassem boa parte dos territórios ocupados e estabilizar a frente (Commons, 2024).

O ano de 2023, no entanto, trouxe desafios. Pressões internas nos diversos países apoiadores passaram a gerar atrasos e, até mesmo, bloqueios no envio de recursos. O aparecimento no horizonte da eleição presidencial dos EUA de 2024 e as declarações de Donald Trump de que cessaria o apoio à Ucrânia, caso eleito, trouxeram incertezas. O arrefecimento do apoio trouxe frustração à contraofensiva de 2023. Percebendo a vulnerabilidade, Putin, apoiado por aliados como Irã e Coreia do Norte, retomou a ofensiva e recapturou territórios. A situação ucraniana, no primeiro semestre de 2024, parecia absolutamente frágil e incerta (Commons, 2024).

Nesse momento de grande dificuldade, o presidente ucraniano novamente se lançou ao diálogo e reforçou seu discurso de que Putin não iria parar no seu país e que toda a OTAN estaria em risco. O movimento parece ter surtido efeito com exemplos que vão desde o Presidente francês Emmanuel Macron, que reforçou seu apoio cogitando enviar tropas, até a caracterização da Rússia como Estado apoiador de organizações criminosas pelo Fórum Econômico Mundial de Davos (Pinchuk, 2024; WEF, 2024).

Por tudo isso, podemos concluir que determinadas características de Volodymyr Zelensky surpreenderam a Ucrânia e os países ocidentais, e foram vitais à condução da guerra em seus primeiros anos.

Em um momento inicial, destacamos sua coragem ao declinar da oferta estadunidense de evacuação quando da invasão. Além da sua permanência, manteve também a própria família. Enfatizamos que isso ocorreu enquanto a Rússia realizava bombardeios indiscriminados em cidades por todo o país ocasionando centenas de mortos e milhares de feridos.

Apontamos ainda seu elevado senso de liderança nacional. Desde que assumiu a presidência enfatizou a ideia de combater a corrupção e os vícios de uma política envelhecida. Com o eclodir da guerra, ao se comunicar diariamente com a população por meio de ampla utilização das redes sociais, não pareceu vacilar no caráter de união nacional para a luta, bem como na inaceitabilidade de qualquer perda territorial. Para o líder ucraniano, as negociações propostas pela Rússia que envolviam a cessão de territórios foram encaradas como uma oportunidade de ganhar tempo, buscar apoios e fortalecer o país para o contra-ataque.

Por fim, destacamos sua capacidade de articulação na obtenção de apoios. Inicialmente buscou o suporte político, com ênfase nos países ocidentais. Sua peregrinação gerou efeitos e ações concretas, incluindo a imposição de sanções econômicas à Rússia e apoio financeiro e militar. Essas medidas enfraqueceram o esforço de guerra oponente e, contrariamente, fortaleceram o ucraniano.

No quesito articulação política, salientamos ainda sua capacidade de unir o país em torno da sua liderança. Ao que tudo indica, não existiam indícios de descontentamento popular ou mesmo político para com a sua condução até o encerramento da presente pesquisa.

Dessa forma, Zelensky, ao catalisar tais características, exibiu nos momentos iniciais da guerra os requisitos fundamentais presentes nos grandes líderes históricos de países que passaram por momentos catastróficos. Por conseguir isso, é possível sustentarmos que exerceu a liderança perante seu povo e não parecia dar sinais de esmorecimento até meados de 2024.

4.2 A CAMPANHA NAVAL UCRANIANA NA GUERRA

Nesta seção descreveremos as estratégias marítima e naval ucranianas, bem como as capacidades alocadas pela vertente militar do poder nacional para o Mar Negro e, por fim, a materialização da vontade política por meio das ações militares na porção marítima do teatro.

4.2.1 As Estratégias Marítima e Naval ucranianas para o Mar Negro

Por ocasião da fragmentação da URSS e o pleno estabelecimento do Estado, a Ucrânia buscou desenvolver uma política de defesa baseada em confiança com relação ao Sistema Internacional. O país decidiu conviver com vulnerabilidades à sua segurança nacional pela crença em um sistema protetivo mundial. Foi nesse contexto que assinou, em 1994, o Memorando de Budapeste⁷³ pelo qual transferiu todo o seu

⁷³ No dia 05 de dezembro de 1994 a Grã-Bretanha, a Rússia e os Estados Unidos assinaram em Budapeste o Memorando sobre as Garantias de Segurança em função da adesão da Ucrânia, do Cazaquistão e da Bielorrússia ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP). Os países signatários do Memorando de Budapeste se comprometeram a abster-se de recorrer à ameaça ou uso da força contra a integridade territorial ou a independência política das três novas Repúblicas. Disponível em: <https://brazil.mfa.gov.ua/pt/news/2546-zajava-mzs-z-nagodi-20-ji-richnici-pidpisannya-budapeshtsyk-o-go-memorandumu>. Acesso em: 5 abr. 2024.

arsenal nuclear à Rússia em troca da promessa de manutenção da sua integridade territorial (Brasil, 2022). A disponibilização da BNS para utilização russa, descrita no capítulo 3, é outro exemplo que materializa a política de confiança ucraniana.

A anexação da Criméia pela Rússia em 2014 representou um duro golpe para a Ucrânia já que houvera negligenciado sua defesa em função da referida política. Uma série de medidas passaram a ser buscadas a fim de se contrapor tardiamente à agressão.

Na vertente naval, o país lançou em 2019 sua *Strategy of the Naval Forces of the Armed Forces of Ukraine 2035*. O documento deixou clara a importância dos Mares Negro e Azov. Destacou a extensão costeira de 2.759 quilômetros e uma Zona Econômica Exclusiva (ZEE) de 72 mil quilômetros quadrados. Salientou, ainda, que um quarto do Produto Interno Bruto (PIB) ucraniano era oriundo da chamada economia azul⁷⁴ (Ukraine, 2019).

O documento apontava que a vertente marítima passou a ser a mais vulnerável do país em função da perda de 75% do efetivo da sua força naval, bem como de 70% dos seus meios e infraestrutura por ocasião da anexação da Criméia. Caracterizou a Federação Russa como “Estado Agressor” e exemplificava ações de violação do direito internacional, como o desrespeito às águas jurisdicionais e a construção da Ponte de *Kerch*, limitando o acesso de navios ao Mar de Azov (Ukraine, 2019).

Essas são as motivações que, segundo a Marinha ucraniana, levaram à imprescindibilidade da elaboração da nova estratégia marítima. Chama a atenção a linha mestra do novo pensamento estratégico naval ucraniano, apresentada pelo seu então comandante, o Almirante Igor Voronchenko, na introdução do documento. Assim escreveu:

A principal tarefa da reestruturação da Marinha ucraniana é recompor as capacidades navais, a capacidade de defender a pátria e a habilidade de derrotar um inimigo mais forte. Isso vai requerer de nós uma nova forma de pensar, algum tempo e recursos consideráveis (Ukraine, 2019, p. 2, tradução nossa, grifo nosso)⁷⁵.

⁷⁴ A Economia Azul ou *Blue Ocean Economy* é um conceito internacionalmente proposto que apresenta a importância econômica, ambiental e social dos oceanos pelos recursos naturais que oferece para a humanidade e por envolver segmentos distintos, que vão dos mais tradicionais, como a produção pesqueira e a aquicultura, o transporte marítimo, a construção naval e os sistemas portuários, passando pela exploração e produção de óleo e gás, chegando até as energias renováveis, a biotecnologia, a robótica e o turismo. Destaca, ainda, o papel da correta utilização dos mares para a preservação ambiental do planeta. Fonte: COPPE/UFRJ. Disponível em: <https://coppe.ufrj.br/economia-azul/>. Acesso em: 5 abr. 2024.

⁷⁵ Original em inglês: “The main task of the Navy reform is a restoration of the naval capabilities of Ukraine, reliable defense of the homeland and an ability to defeat a stronger enemy. This will require new thinking, certain amount of time and considerable resources”.

O documento caracterizava a Marinha ucraniana futura como uma força de dissuasão que permitisse a defesa da soberania e dos interesses nacionais no mar. Apontou ainda que a prioridade na sua configuração seria possibilitar a capacidade de Negação do Uso do Mar (NUM)⁷⁶ e de limitado Controle de Áreas Marítimas (CAM)⁷⁷ por meio de: operações de ataque a meios navais, operações antissubmarino, ações de guerra eletrônica, operações de minagem e contramedidas de minagem, ataques com mísseis a partir de terra e operações anfíbias e especiais no mar e no ambiente ribeirinho. Destacou o atributo “inovação” como vital nesse processo (Ukraine, 2019)

Apresentou ainda três componentes principais a serem trabalhados, gerados em consonância com os princípios da OTAN: físico, conceitual e moral. O componente físico destacava que os meios e capacidades deveriam ser planejados visando a derrota de um inimigo superior por meio de uma estratégia assimétrica, envolvendo agilidade e busca pelos pontos vulneráveis oponentes. Isso levava ao segundo componente, o conceitual. Uma mentalidade de luta inteligente que permitisse aos militares compreenderem o ambiente adverso e empregar a criatividade, que deveria ser implementada já na formação. Conciliando o físico e conceitual, o componente moral deveria nortear as tripulações navais à luta, conscientes de que buscavam repelir a agressão e a injustiça. Segundo o documento, desse pensamento brotaria a motivação necessária à defesa do país (Ukraine, 2019).

Percebemos, nesse ponto, que o cerne do pensamento estratégico passou a ser buscar soluções inovadoras com foco na luta do mais fraco contra o agressor superior. A estratégia pensava não somente em aprimorar a dimensão física por meio da busca por novas capacidades disruptivas, mas também a mentalidade estratégica para uma luta naval assimétrica. Demonstrava, ainda, a preocupação na motivação dos militares, aspecto vital em uma possível luta contra um ferrenho oponente.

⁷⁶ Este trabalho adotará a definição de Negação do Uso do Mar (NUM) conforme prevista nos Fundamentos Doutrinários da Marinha do Brasil a saber: “Conjunto de operações e ações que congregam capacidades que têm por objetivo **impedir o uso de uma região marítima prioritária por forças antagônicas**” (Brasil, 2023, p.2-12, grifo nosso).

⁷⁷ Este trabalho adotará a definição de Controle de Áreas Marítimas (CAM) conforme prevista nos Fundamentos Doutrinários da Marinha do Brasil a saber: “Conjunto de operações e ações que congregam capacidades que têm por objetivo **assegurar o uso de vias navegáveis e áreas marítimas prioritárias de acordo com os interesses nacionais [...]**” (Brasil, 2023, p 2-13, grifo nosso).

Seguindo a análise, a estratégia apresentou uma subseção específica sobre inovação. Caracterizou a guerra do futuro como dependente dos avanços tecnológicos. É nesse momento que apontou a busca da Marinha por dominar meios não tripulados, prevendo ataques em grupo a partir do ar, da superfície e das massas d'água. Citava a concepção como especialmente favorável a um possível enfrentamento futuro contra a Marinha russa, já que suas ações eram imprevisíveis, mas possivelmente agressivas. Apontou a Rússia como tendo aprimorado a guerra híbrida como forma de luta. Em sua definição, era aquela que envolveria atores estatais, mas também companhias militares privadas, ações no ambiente informacional e no campo diplomático em consonância às estratégias militares⁷⁸ (Ukraine, 2019).

Seguia apresentando que a Marinha russa vinha sofrendo, desde 2015, grandes investimentos para se firmar como uma força de projeção. Destacou a incorporação de armamentos de precisão e indicou que aquele país poderia realizar no futuro, e contra a Ucrânia, ações de bloqueio naval, bombardeio naval e operações anfíbias.

A Marinha ucraniana via no desenvolvimento de uma estratégia de guerra assimétrica naval a saída para se contrapor à postura russa até a possível incorporação futura à OTAN.

A estratégia foi planejada em três fases, visualizadas no quadro 2:

Quadro 2 – Fases da Estratégia 2035 da marinha ucraniana

Fase/	Fase 1	Fase 2	Fase 3
Prioridade	2019-2025	2025-2030	2030-2035
Prioridade 1	<u>Zona Costeira</u> - Inteligência, vigilância e reconhecimento - Consciência Situacional (CS) ⁷⁹	<u>ZEE</u> - Inteligência, vigilância e reconhecimento - CS	<u>Além do Mar Negro</u> - Águas Azuis
Prioridade 2	<u>Negação do Uso do Mar (NUM)</u>	<u>Negação do Uso do Mar</u>	<u>Capacidade de Ataque de Terra</u>

⁷⁸ O conceito de Guerra Híbrida se encontra em fase de aprimoramento pela MB, razão pela qual adotaremos, nesta pesquisa, o conceito apresentado pela Estratégia Naval ucraniana de 2035.

⁷⁹ Este trabalho adotará a definição de Consciência Situacional (CS) conforme prevista nos Fundamentos Doutrinários da Marinha a saber: “Capacidade de ter a percepção do que lhe acontece e que envolve a maturação do nível de conhecimento nas áreas de interesse, de forma a detectar, identificar e acompanhar, por meio de informações ou da experiência eventuais situações anômalas ou ameaças com a antecedência necessária que possibilite a tomada de decisão e resposta ou reação adequada” (Brasil, 2023, p. 2-10).

Fase/ Prioridade	Fase 1 2019-2025	Fase 2 2025-2030	Fase 3 2030-2035
Prioridade 3	- Baterias de costa - Ações de Minagem <u>Controle de Área Marítima (CAM).</u> - Rios - Portos - Zona Costeira	- Na ZEE <u>Capacidade de Ataque de Terra sobre o Mar</u> - Mísseis Antinavio	<u>sobre o Mar e de Mar sobre Terra</u> - Mísseis Táticos NUM - Capacidade plena
Pessoal Parcerias	Recrutamento Consciência Situacional Marítima	Motivação/Retenção Operações OTAN/UE	Educação/Liderança CAM e Segurança Marítima

Fonte: Autor⁸⁰.

A fase 1 buscava a construção de capacidades que permitissem atuar basicamente na zona costeira. Sistemas de inteligência, vigilância e reconhecimento (IVR) eram parte vital, bem como a aquisição de navios-patrolha. Essa fase visaria estabelecer a denominada “Esquadra de Mosquitos” em alusão ao emprego de embarcações de pequeno porte, mas com capacidades antinavio (Ukraine, 2019).

As fases 2 e 3 buscavam permitir a atuação plena na ZEE e além do Mar Negro, respectivamente. Demandavam desafios maiores, como o desenvolvimento de mísseis de precisão de longo alcance e meios não tripulados navais e aéreos, além da obtenção de navios-escolta. Os mísseis táticos de cruzeiro, na fase 2, deveriam prover a capacidade de ataque de terra sobre o mar. Já na fase 3, permitiriam também ataques de precisão do mar sobre infraestruturas críticas em terra (Ukraine, 2019).

Com relação à formação, a ênfase deveria ser dada à incorporação da mentalidade da OTAN, bem como a de luta do mais fraco contra o mais forte. Iniciativa e descentralização seriam atributos fundamentais dos futuros líderes (Ukraine, 2019).

Quanto aos FN, a estratégia apontava a necessidade de trazê-los de volta para as operações anfíbias e ribeirinhas, contrapondo-se a uma realidade de emprego meramente terrestre. Da mesma forma, a aviação naval deveria ser redirecionada de ações difusas para ações prioritariamente navais que incluíssem IVR e ofensivas (Ukraine, 2019).

As linhas de esforço foram apresentadas como: geração de força e emprego operacional. A primeira ficou a cargo do comando da Marinha e a segunda a cargo

⁸⁰ Com informações de Ukraine (2019).

dos comandos operacionais dos mares Negro e Azov, subordinados ao comando operacional conjunto (Ukraine, 2019).

O planejamento estratégico naval ucraniano priorizou a adoção de uma verdadeira nova leitura da *Jeune École*⁸¹, combinada com elementos conceituais do debate sobre A2AD. De maneira bastante realista, abdicava em um primeiro momento da busca pela batalha decisiva no mar. Orientava o pensamento para a luta assimétrica contra o mais forte e, assim, permitiu que entre 2019 e 2022 importantes avanços pudessem ocorrer. Podem ser exemplificados pela aquisição de baterias de mísseis antinavio *Neptune* e o início de obtenção e desenvolvimento de sistemas não tripulados variados, tanto de superfície quanto aéreos. Essas ferramentas se mostrariam fundamentais por ocasião da eclosão do conflito.

Mais relevante do que a citada aquisição de novas capacidades, merece destaque a inoculação na mente dos militares da Marinha ucraniana do sentimento de que a luta contra o agressor mais forte era possível, desde que baseada em soluções inovadoras levadas a efeito por tripulações motivadas.

A construção da “Esquadra de Mosquitos”, composta por diversas embarcações menores que evoluíram para uma esquadra de águas azuis, não foi possível ser implementada antes da eclosão da guerra. Por isso, restou à Ucrânia recorrer à projeção de poder de terra sobre o mar.

4.2.2 A esquadra ucraniana do Mar Negro

Nesta subseção traremos um panorama da força naval ucraniana por ocasião do início do conflito, bem como os novos meios e sistemas posteriormente incorporados.

Como anteriormente citado, a dissolução da União Soviética ocasionou a divisão da obsoleta Esquadra do Mar Negro entre Rússia e Ucrânia. Aos ucranianos coube, ao final, a fatia de 20% dos meios, de um modo geral de pequeno porte (Galeotti, 2014).

⁸¹ Estratégia naval que prioriza a defesa costeira buscando evitar bloqueios navais e demais assédios costeiros, negando engajamento decisivo contra uma marinha superior. Prioriza embarcações de menor porte, como lanchas-torpedeiras (Coutau-Bégarie, 2010). O Almirante Theophile Aube (1826 – 1890) publicou as teorias dessa estratégia naval em 1874 e, alçando o comando da Marinha francesa, reorientou a aquisição de meios navais para se contrapor às forças navais britânicas (Till, 2018).

Os Acordos da Esquadra do Mar Negro⁸², assinados em 1997 após cinco anos de tratativas, dividiram os meios remanescentes em 50%, mas permitiram aos russos a compra de outros 30%. Incluíram ainda o aluguel da BNS e áreas adjacentes por vinte anos, bem como o reconhecimento da soberania ucraniana sobre a Criméia. Os pagamentos russos seriam na forma de amortização do débito bilionário entre os dois países. Estranhamente, a diminuta Marinha ucraniana também utilizaria partes da BNS, convivendo, dessa forma, duas marinhas em uma mesma base naval. O comando ucraniano, porém, foi estabelecido em Odessa (Felgenhauer, 1999).

A força ucraniana, já carecendo de meios e prioridades, teve a maior parte dos seus poucos recursos apresados pelos russos por ocasião da anexação da Criméia. Naquela ocasião, 70% dos militares (incluindo Oficiais de alta patente) ou pediram a nacionalidade russa e, assim, incorporaram à Marinha do país vizinho, ou simplesmente desertaram. Dos meios navais, além de pequenas embarcações em outras bases, somente uma fragata, a *Hetman Sagaidachny*, permaneceu ucraniana por estar no mar no momento da invasão (Eckstein, 2021).

O quadro 3 apresenta os meios da Marinha ucraniana em março de 2022:

Quadro 3 – Organização e principais meios da esquadra ucraniana

Tipo	Nome	Indicativo	Observação
Escoltas			
Fragata	<i>H. Sagaidachny</i> (1990)	130	Afundada
Corveta	<i>Vinnitsa</i> (1975)	206	Afundada
Navios de Desembarque			
Navio de Desembarque	<i>Yuriy Olefirenko</i> (1970)	401	
Navio de Desembarque	<i>Svatove</i> (1979)	434	
Outros Tipos de Navios			
Navios-Patrolha		13 un	06 Afundados
Navios-Varredores		01 un	
Navio de Inteligência		01 un	Afundado
Embarcações de Desembarque		02 un	
Navios Auxiliares		19 un	
Lanchas		45 un	
Total de Navios e Embarcações			85 Meios

Fonte: Autor⁸³.

⁸² *Black Sea Fleet Accords* (tradução nossa).

⁸³ Informações compiladas até 20 mai. 2024 de *Jane's Fighting Ships 2022-2023* e disponíveis em: https://navyrecognition.com/index.php/naval-news/naval-news-archive/2022/june/11820-ukrainian-forces-sink-their-own-anti-submarine-corvette-vinnytsia.html#google_vignette, <http://en.topwar.ru/197566-pokazany-kadry-potoplennogo-v-ochakove-korveta-vmsu-vinnica.html>, <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/ukraine-navy-frigate-sunk-mykolaiv-b2029108.html>, <https://www.wilsoncenter.org/blog-post/ghost-hetman-sahaidachny-evaluating-ukraines-maritime-military-operations-0>, <https://>

A força aeronaval que se encontrava sediada na BNS foi quase completamente incorporada pela Rússia. Era composta de trinta e cinco helicópteros dos quais apenas cinco permaneceram ucranianos (Axe, 2023).

No que diz respeito aos Fuzileiros Navais, por ocasião da anexação da Criméia, eram reduzidos, contando somente com a 37ª Brigada. A partir da agressão, foram constituídas, nesta ordem, a 36ª e a 35ª bem como unidades de artilharia de costa dotadas de mísseis. Após o eclodir da guerra foi constituída a 38ª, atingindo o efetivo total de cerca de oito mil militares. Inicialmente vocacionados às operações anfíbias de pequena envergadura ou ações de defesa de portos, obtiveram destaque nos esforços de defesa da estratégica cidade portuária de Mariupol, no Mar de Azov. Ao longo do conflito, assumiram *status* de unidade estratégica pela sua diferenciada capacidade, o que fez com que o presidente Zelensky tenha decidido torná-los uma força armada independente em 2023 (Axe, 2023).

“[...] eles são uma força poderosa que destrói o inimigo, reconquista territórios e conduz as mais difíceis tarefas nas mais difíceis condições. Precisamos incrementar essa força. Por isso hoje [...] estamos criando o Corpo de Fuzileiros Navais”, afirmou o presidente ucraniano (Zelensky, 2023, p. 1, tradução nossa)⁸⁴.

Na fase da contraofensiva de 2023, as unidades que inicialmente se encontravam realizando operações litorâneas e defesa de portos foram remanejadas para ocupar uma frente terrestre na região de *Donetsk*, sendo empregadas como unidades convencionais terrestres (Axe, 2023).

Assim, por ocasião do início do conflito é possível concluirmos que havia uma assimetria de forças navais entre a limitada esquadra ucraniana e a robusta EMN.

Mas a Marinha ucraniana e o Corpo de Fuzileiros Navais foram capazes de se adaptar e apresentar soluções inovadoras frente à situação de adversidade extrema. Ao conjugarem determinação, engenhosidade e tecnologia, apresentaram à porção marítima do teatro a Tríade Naval Ucraniana (figura 9), composta por baterias de mísseis antinavio e suas aeronaves e embarcações de ataque remotamente pilotadas.

[/mil.in.ua/en/news/members-of-the-slovyansk-patrol-boat-crew-received-state-awards/#googlevigne_tt_e](https://mil.in.ua/en/news/members-of-the-slovyansk-patrol-boat-crew-received-state-awards/#googlevigne_tt_e), <https://www.smbobserved.com/story/2022/03/09/news/russian-aircraft-destroys-a-ukrainian-island-class-patrol-boat-formerly-us-coast-guard-cutter-cushing/6537.html>. Acesso em: 7 abr. 2024.

⁸⁴ Original em inglês: “[...] they are a powerful force that destroys the enemy, liberates Ukrainian lands, and performs the most difficult tasks in the most difficult conditions. And we need more of this force. That is why from today we are [...] creating the Marine Corps”. Disponível em: <https://www.president.gov.ua/en/news/u-den-morskoyi-pihoti-prezident-ukrayini-vidvidav-peredovi-p-83109>. Acesso em: 7 abr. 2024.

A seguir serão detalhados os três componentes separadamente.

Figura 9 – a Tríade Naval Ucraniana



Fonte: Autor⁸⁵.

A decisão de desenvolver baterias de mísseis antinavio operados a partir de terra foi tomada pela Marinha ucraniana após a anexação da Criméia. Baseado no projeto do míssil de cruzeiro russo KY-35, o *Luch Design Bureau* desenvolveu o R-360 *Neptune* (figura 10) cujas baterias são operadas a partir das principais bases navais. Medindo cerca de cinco metros, dispõe de cabeça de combate de 330 quilogramas podendo atingir alvos a até 280 quilômetros. Apesar de subsônico, sua capacidade de voar entre três e dez metros da superfície o torna extremamente difícil de ser detectado. Para viabilizar a bateria, foram desenvolvidas as viaturas lançadoras USPU-360 e viaturas remuniçadoras de apoio (Guttman, 2022).

Em dezembro de 2023, representante do Ministério da Defesa ucraniano afirmou que o país trabalhava em uma versão modificada dos *Neptune*, com aumento considerável de alcance. A estratégia da Marinha ucraniana era que os mísseis pudessem, de suas posições costeiras, atingir o litoral ucraniano ocupado e a costa originalmente pertencente ao território russo, incluindo as bases navais (Havryliuk, 2023).

⁸⁵ Com imagens do Ministério da Defesa da Ucrânia. Disponível em: www.mil.gov.ua. Imagens ainda disponíveis em: <http://www.hisutton.com/Ukraine-OWA-UAVs.html> e <https://pt.gta5-mods.com/vehicles/magura-v5-usv-drone-add-on>. Acesso em 12 abr. 2024.

Os dois outros componentes da Tríade foram os veículos ofensivos não tripulados, com ênfase inquestionável naqueles de utilização única, também denominados *loitering munitions* ou drones kamikaze⁸⁶.

“Não consigo imaginar qual seria o cenário da guerra hoje sem os drones. [...] De um modo geral **esta campanha de uso de drones é o que vem salvando o país** [...]” (Zagorodnyuk, 2024, 5 min 30 s e 40 min 39 s, tradução nossa, grifo nosso)⁸⁷. Foi com essa frase impactante que o ex-Ministro da Defesa ucraniano Andiriy Zagorodnyuk destacou a relevância dos veículos navais e aéreos não tripulados para as operações de combate (Zagorodnyuk, 2024)⁸⁸.

Tanto os FN quanto a Marinha ucraniana utilizaram ARP de ataque, ampliando o maciço uso terrestre para os mares Negro, Azov e instalações marítimas críticas. Também denominados *one-way attack drones*⁸⁹, os ucranianos passaram a utilizá-los em conjunto com ataques de mísseis a fim de confundir as defesas aeroespaciais russas, com efeito adicional de incremento do poder de ataque em caso de sucesso dos dois vetores. Basicamente as aeronaves remotamente pilotadas de emprego único (ARPEU) utilizadas são a Skyeeye-5000⁹⁰ com alcance de 840 quilômetros; a UJ-26 *Beaver*⁹¹ (figura 11), desenvolvida em 2023 e que se tornou a principal; e a *Lyutyy*⁹² – essas últimas com alcance de mil quilômetros (Sutton, 2024).

⁸⁶ As ARP de ataque de emprego único diferem das ARP de ataque convencionais pelo fato de que estas atacam pelo lançamento de mísseis ou bombas e retornam à base para utilizações posteriores, enquanto aquelas se destroem ao atingirem seus alvos.

⁸⁷ Original em inglês: “I wouldn’t even dare to forecast what would happen if we didn’t have those drones. [...] Most of this drone campaign are actually what is saving the country [...]”.

⁸⁸ Afirmação feita por ocasião da *webinar By Air and Sea, What Does the Spring Hold for Ukraine?*, promovida pelo think tank Atlantic Council, em 1º abr. 2024. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/event/by-air-and-by-sea-what-does-the-spring-hold-for-ukraine/>. Acesso em: 7 abr. 2024.

⁸⁹ Drones de ataque de utilização única (tradução nossa). Este trabalho adotará, doravante, a expressão Aeronaves Remotamente Pilotadas de Emprego Único (ARPEU), criada pelo Autor.

⁹⁰ Baseados no projeto chinês *Mugin-5*, foram utilizados no ataque à sede da EMN na BNS em abril de 2022. Cabeça de combate de 25 quilogramas e velocidade de 150 km/h. Disponível em: <https://www.muginu.av.com/product/mugin-5-pro-5000mm-carbon-fiber-uav-platform/>. Acesso em: 11 abr. 2024.

⁹¹ Cabeça de combate de 20 quilogramas e velocidade de até 200 km/h. Disponível em: <https://armyrecognition.com/defense-news-december-2023-global-security-army-industry/ukraine-launches-massive-production-of-uj-26-beaver-kamikaze-drones-for-deep-strikes-inside-russia.html>. Acesso em: 11 abr. 2024.

⁹² Inspirado no projeto turco de sucesso *Bayraktar TB-2*. Cabeça de combate de 75 quilogramas. Disponível em: <https://en.defence-ua.com/news/what-does-lyutyi-ukrainian-drone-which-destroys-russian-oil-refineries-consist-of-9875.html>. Acesso em: 11 abr. 2024.

As embarcações remotamente pilotadas (ERP), particularmente as de ataque de emprego único⁹³ (ERPEU), se converteram em enorme surpresa na guerra e merecem consideração especial pelo grande impacto que produziram.

Em agosto de 2023, por ocasião da celebração da independência ucraniana, o Presidente Zelensky anunciou a criação da 385ª *Separate Special Purpose Unmanned Surface Vehicle Brigade*, da Marinha. Trata-se de ato imensamente inovador no âmbito da guerra naval, sendo a primeira unidade dessa natureza que se tem notícia (Militarnyi, 2024).

A organização, cuja localização física não foi divulgada por questões de segurança, passou a centralizar o emprego das ERPEU da Marinha e foi dotada principalmente dos *Maritime Autonomous Guard Unmanned Robotic Apparatus* (MAGURA) V5 (figura 12), de fabricação nacional. Os meios, já responsáveis por diversos ataques bem sucedidos a meios navais russos, foram construídos em massa já que a cada ataque cerca de 70% eram destruídos pelo inimigo. O custo de cada vetor, no entanto, era absurdamente inferior ao de um navio de guerra, o que justificava sua produção em larga escala (Militarnyi, 2024).

Os *Magura V5* possuem 5,5 metros de comprimento, cabeça de combate de 200 quilogramas e alcance de 800 quilômetros, tornando altamente vulneráveis as principais bases navais russas. Possuem sensores e câmeras sofisticadas e são guiados por *Global Positioning System* (GPS), o que permite grande precisão nos ataques. Sua propulsão é baseada em motores de *jet skis*, o que faz com que adquiram grande velocidade (Hatton, 2024).

Além dos *Magura*, outras ERPEU mais avançadas como os *Sea Baby*⁹⁴ estavam sendo desenvolvidas para a nova unidade, destacando-se, como próximo passo, o desenvolvimento de versões submarinas. Não há notícias de que os drones submarinos estivessem operacionais ou tenham obtido sucesso em ataques até meados de 2024 (Hatton, 2024).

Dessa forma, como visto, a esquadra ucraniana no início do conflito se encontrava em situação de considerável assimetria em relação à EMN e, ainda que contasse com militares formados na escola estratégica naval soviética, simplesmente não havia navios de maior porte e capacidade. Permaneceu dotada de tropas de FN,

⁹³ Este trabalho passa a adotar a expressão Embarcações Remotamente Pilotadas de Emprego Único (ERPEU), criada pelo Autor.

⁹⁴ Alcance estendido a mil quilômetros e carga explosiva de uma tonelada (Hatton, 2024).

mas sem meios de transporte anfíbios. A capacidade aeronaval foi praticamente perdida para os russos por ocasião da anexação da Criméia.

Cientes da situação crítica, o comando naval ucraniano optou pelo caminho da tecnologia em busca de soluções inovadoras e disruptivas. Contando com engenhosidade, o governo ucraniano, apoiado na indústria nacional, foi capaz de reagir e apresentar os meios componentes da Tríade Naval Ucraniana que permitiram ao país contestar assimetricamente o comando russo do Mar Negro.

Mas os movimentos e contramovimentos da guerra levaram a Rússia a adotar medidas defensivas que passaram a dificultar o emprego das ERPEU. Como visto, a taxa de atrição⁹⁵ desses meios atingiu 70% para que um ataque bem-sucedido ocorresse. Assim, o próximo passo foi iniciar o desenvolvimento de embarcações remotamente pilotadas de emprego único submarinas (ERPEUS)⁹⁶.

A seguir apresentaremos as ações navais ucranianas.

4.2.3 Ações navais ucranianas de impacto estratégico

Em 2023, o Vice-Almirante Oleksiy Neizhpapa, Comandante da Marinha ucraniana, manifestou-se sobre a estratégia naval ucraniana e seus efeitos. Afirmou que, de fato, as novas tecnologias vinham gerado resultados consideráveis no campo de batalha marítimo, mas que o fator de decisão era a vontade de lutar. Assim sendo, afirmou que os ucranianos vinham utilizando todas as ferramentas disponíveis, incluindo os veículos não tripulados, conseguindo atingir os efeitos estratégicos planejados. O Almirante destacou terem forçado a esquadra russa para além do Cabo *Tarkhankut*, negando sua operação até mesmo na Criméia ocupada. Sua estratégia de emprego combinado de diversas novas tecnologias (Tríade Naval) buscava confundir as defesas aeroespaciais russas, com efeito adicional de incremento do poder de ataque em caso de sucesso de mais de um vetor. Teria consolidado o que denominou “zona cinza” e possibilitou como efeito maior o funcionamento das LCM ucranianas mantendo as exportações de grãos, vitais ao esforço de guerra, pelos portos anteriormente bloqueados (Neizhpapa, 2023; Sutton, 2024).

⁹⁵ No linguajar militar, trata-se da quantificação de perdas em relação ao quantitativo total de determinada variável (de modo geral, pessoal ou material).

⁹⁶ Designação proposta pelo Autor.

O Almirante também pontuou que as ações navais ucranianas comprovavam que mesmo marinhas pequenas poderiam gerar grande valor estratégico. Isso demanda a devida atenção política em sua preparação prévia. Assim, a Estratégia 2035 teria reiniciado a força naval a partir da situação degradada pós-2014. O pensamento principal era substituir a visão soviética de “poder e massa”, remanescentes da influência do Almirante Sergei Gorshkov (1910 – 1988), por princípios da OTAN baseados em qualidade e capacidades específicas necessárias (Neizhpapa, 2023).

Trouxe a visão de que a guerra terrestre recente apresenta linhas de contato bem definidas e uma grande proximidade entre os lados. No mar, contrariamente, mesmo em um teatro relativamente confinado, o ambiente seria difuso e os lados estariam distantes. O controle do mar dependeria cada vez mais, segundo ele, da capacidade de detectar primeiro, na maior distância possível e ter os meios necessários ao engajamento. Citando Alfred Mahan (1840 – 1914)⁹⁷, destacou a busca por defender sua costa a partir da costa adversária, ampliando o alcance agressivo e gerando a retração cada vez maior das forças russas (Neizhpapa, 2023).

Essa é exatamente a filosofia por detrás da Tríade Naval Ucraniana que, como apresentado no capítulo anterior, ocasionou radical mudança de postura estratégica da EMN que se litoralizou. Assim, a ferramenta caracterizava o braço ofensivo da marinha ucraniana, ao passo que a capacidade de conduzir operações de minagem proporcionaria o braço defensivo que, negando a capacidade de controle de área marítima, conseguiu inviabilizar a utilização da capacidade anfíbia russa em maior escala.

Em termos práticos, houve duas fases distintas da campanha naval ucraniana. A primeira fase, de março a julho de 2022, apresentou uma Marinha ucraniana em clara postura defensiva. As ações eram de ataque de meios navais de pequena envergadura em conjunto com o emprego de minas e mísseis antinavio lançados a partir de terra a fim de criar uma muito limitada estratégia A2AD. Essa fase foi exitosa em impedir operações anfíbias a Oeste do Rio *Dnipro* e se encerrou com o Acordo de Grãos de julho (White, 2023).

⁹⁷ Alfred Tayer Mahan foi um Almirante da Marinha estadunidense cujo pensamento estratégico impactou profundamente as principais forças navais do mundo. Desataca-se o papel das marinhas de guerra como um dos pilares das potências econômicas, bem como a necessidade de que tenham alcance global. A principal obra que traduz seu pensamento foi *The Influence of Seapower upon History*, publicado em 1890 pelo *Naval War College* (Till, 2018).

A segunda fase começou em seguida e se estendeu ao longo do conflito. A Marinha ucraniana passou à ofensiva graças principalmente à aplicação da Tríade Naval e seus objetivos estratégicos foram: a) degradar a EMN e sua infraestrutura fixa, b) inviabilizar a capacidade anfíbia russa de modo a preservar a incolumidade dos portos remanescentes, principalmente Odessa, e c) isolar a Península da Criméia. Diversos ataques robustos e elaborados foram conduzidos nessa fase empregando as novas ferramentas (White, 2023).

A Ucrânia soube tirar proveito das condições geográficas da porção marítima do teatro, transformando o fator de força russo – a posse de robusta EMN com sua infraestrutura fixa – em vulnerabilidade – já que as instalações de apoio de uma esquadra não são facilmente reinstaladas em outro local. Para complicar ainda mais o problema militar russo, o incremento do alcance dos vetores ofensivos ucranianos parecia não ter deixado outras opções geográficas de bases seguras no Mar Negro.

O quadro 4 destaca as principais ações com impactos estratégicos conduzidas pelo emprego da Tríade Naval Ucraniana.

Quadro 4 – Principais ações com impactos político-estratégicos conduzidas pela Tríade Naval Ucraniana entre 2022 e 2023.

Evento	Sistemas	Efeitos	Impactos
Ataque ao Cruzador Moscou (13abr.2022)	Mísseis de Cruzeiro e ARPEU	Severas avarias que levaram o navio a pique em 14 abr. 2022	<u>Nível Político</u> : impacto moral. <u>Nível Estratégico</u> : perda de plataforma de bombardeio naval cujos objetivos de ataque incluíam a infraestrutura econômica e energética ucraniana.
Ataque à Base Naval de Sebastopol (BNS) (31 jul. 2022)	ARPEU	Danos às instalações da sede da Esquadra do Mar Negro (EMN)	<u>Nível Político</u> : resposta ao lançamento da nova Doutrina Naval russa por Vladimir Putin no mesmo dia. <u>Nível Estratégico</u> : mensagem de que a EMN estaria dentro do alcance ucraniano. Decisão de afastamento dos Submarinos da BNS.
1º Ataque à Ponte de Kerch (8 out. 2022)	ERPEU e caminhão-bomba	Redução de 50% do tráfego rodoviário e de 100% do tráfego	<u>Nível político</u> : impacto moral por ter acontecido no dia seguinte ao aniversário do líder russo. <u>Nível estratégico</u> : comprometimento parcial do abastecimento da Península.

Evento	Sistemas	Efeitos	Impactos
		ferroviário por dois meses	
Ataque à BNS (27out.2022)	ERPEU	Avaria severa na Fragata <i>Admiral Makarov</i>	<u>Nível Político</u> : ataque ao novo Capitânia da EMN. <u>Nível Estratégico</u> : perda de um meio naval de grande porte e consolidação das ERP como nova capacidade ofensiva.
2º Ataque à Ponte de <i>Kerch</i> (17jul.2023)	ERPEU e ARPEU	Comprometimento de pilar e interdição da ponte por três meses	<u>Nível político</u> : impacto moral perante população russa na Criméia. <u>Nível estratégico</u> : comprometimento parcial do abastecimento da Península.
Ataque à Base Naval de <i>Novorossiysk</i> (3 ago.2023)	ERPEU e ARPEU	Destruição do Navio de Desembarque <i>Gornyak</i> e interdição temporária do porto	<u>Nível Político</u> : ataque à Base Naval russa mais distante e interdição temporária da movimentação de óleo (2% do óleo mundial é oriundo desse porto). <u>Nível Estratégico</u> : planejamento de novo afastamento da EMN para a Abecásia.
Ataque ao Navio Mercante <i>Sig</i> (4 ago.2023)	ERPEU e ARPEU	Afundamento do Navio	<u>Nível Político</u> : ataque direto ao tráfego mercante russo. <u>Nível Estratégico</u> : por ser o petroleiro de maior porte, houve comprometimento limitado do transporte de óleo.
Ataque ao dique da BNS (13set.2023)	Mísseis de Cruzeiro e ARPEU	Destruição do dique, do Submarino <i>Rostov-on-Don</i> e do Navio de Desembarque <i>Minsk</i>	<u>Nível Político</u> : mensagem clara do não abandono da Criméia pelos ucranianos. <u>Nível Estratégico</u> : perda do principal dique russo no Mar Negro e perda de dois navios de grande porte, sendo um Submarino.
Ataque à Sede da Esquadra do Mar Negro (22 set.2023)	Mísseis de Cruzeiro e ARPEU	Destruição física da sede da EMN	<u>Nível Político</u> : mensagem clara do não abandono da Criméia pelos ucranianos. <u>Nível Estratégico</u> : deslocamento do Comando da EMN para <i>Novorossiysk</i> .
Ataque ao estaleiro	Mísseis de Cruzeiro e ARPEU	Destruição de diques e avaria severa	<u>Nível Político</u> : mensagem do não abandono do Mar de Azov.

Evento	Sistemas	Efeitos	Impactos
<i>Zaliv</i> (3nov.2023)		de Fragata em construção	<u>Nível Estratégico</u> : dano à infraestrutura civil de construção naval russa.

Fonte: Autor⁹⁸.

Em relação às ações de incremento do ataque à frota mercante russa, White (2023) nos lembra que foi um contramovimento ucraniano em função da adoção pela Rússia do emprego de mercantes para transportar material militar. Tal emprego, sob a ótica russa, por um lado burlava a restrição de entrada de navios militares pelos estreitos e por outro protegia material sensível dos ataques ucranianos. Mercantes em desacordo com o regulamento internacional foram sistematicamente utilizados pela Rússia para driblar as sanções internacionais⁹⁹.

As ações citadas são apenas exemplos e nem de longe se aproximam da totalidade daquelas empreendidas pela Tríade Naval Ucraniana. A elas se somaram inúmeras ações que resultaram em ataques às infraestruturas russas na Criméia e territórios ocupados no Mar de Azov; cerca de 20 outros meios navais afundados ou destruídos (quadro 1); outros quinze navios avariados; mais quatro navios mercantes afundados; e danos às infraestruturas de reparo e construção naval até *Novorossiysk*.

4.3 CONCLUSÕES

A Ucrânia teve imposto a si o flagelo da guerra e da subtração territorial. Mas dentro de um quadro altamente adverso, pôde o país contar com um novato da política que, contudo, demonstrou características imprescindíveis a Chefes de Estado de países em crise: liderança perante a população e capacidade de articulação política

⁹⁸ Com informações de Mongilio (2023), *U.S. Naval Institute* e disponíveis em e <https://news.usni.org/2023/11/15/a-brief-summary-of-the-battle-of-the-black-sea>, <https://www.theguardian.com/world/2023/aug/12/ukraine-fires-missiles-at-kerch-bridge-connecting-crimea-to-russia>, <https://www.Aljazeera.com/news/2023/7/17/crimea-bridge-attack-what-happened-why-is-the-bridge-important>, <https://www.bbc.com/news/world-europe-66887524>, <https://www.reuters.com/world/europe/russian-official-says-ukraine-struck-black-sea-navy-hq-with-missile-2023-09-22/>, <https://www.nbcnews.com/news/world/russian-warship-damaged-ukraine-drone-attack-navy-base-novorossiysk-rcna98114> e <https://edition.cnn.com/2023/08/05/europe/ukraine-sea-drone-attacks-intl/index.html>. Acessos em 12 abr. 2024.

⁹⁹ Inúmeros navios mercantes que operam sem seguros, com propriedade obscura, sem cumprimento das normas gerais da Organização Marítima Internacional (OMI) e constante câmbio de bandeira vêm sendo utilizados pela Rússia e outros países com propósitos diversos. O principal objetivo é burlar sistemas de sanções internacionais. Tais navios têm sido designados *Dark Fleet* ou “esquadra obscura” (Braw, 2024).

interna e externa. Destacamos, nesse contexto, o apoio internacional que o permitiu obter e otimizar recursos, direcionando-os para áreas vitais à defesa do seu país, dentre as quais a defesa na frente marítima.

Foi justamente sob seu comando que a Marinha ucraniana demonstrou criatividade na concepção de sua estratégia e resiliência para desenvolver ferramentas disruptivas de enfrentamento assimétrico a uma esquadra muito superior.

A adoção da estratégia de projetar poder de terra sobre o mar – pela utilização de sistemas de mísseis antinavio, meios não tripulados e pequenas embarcações¹⁰⁰ – permitiu que as forças navais ucranianas contestassem o comando russo do mar. Os sistemáticos e bem-sucedidos ataques aos meios russos ocasionaram o afastamento da sua esquadra, ampliando o espaço ucraniano para manobra.

Vale enfatizarmos que parcela da Tríade não se mostrava tão inovadora no início da guerra. O emprego de mísseis antinavio a partir de terra já vinha ocorrendo por mais de meio século e até mesmo atores não governamentais, como o Hezbollah libanês¹⁰¹ e os rebeldes Houthis do Iêmem¹⁰², já os utilizaram com sucesso em ataques contra meios navais israelenses e dos Emirados Árabes Unidos, respectivamente. Da mesma forma, as ARPEU também já foram empregadas em guerras como a dos EUA no Afeganistão (2001 – 2021) e no Iraque (2003 – 2011) e nos conflitos entre Armênia e Azerbaijão pela região de Nagorno-Karabakh (2020 e 2022 – 2023). Além deles, o emprego de minas navais remonta tempos imemoriais. No próprio Mar Negro foram amplamente utilizadas na Guerra da Criméia (1853 – 1856).

A virtude dos ucranianos foi, primeiramente, acrescentar o vetor ERPEU, mas, muito além disso, apresentar uma estratégia de emprego combinado das ferramentas, de modo a possibilitar degradação da consciência situacional oponente durante um ataque, aumentando a efetividade de cada vetor individualmente. Ou seja, utilizando diversos vetores simultaneamente e engajando o mesmo alvo de maneira redundante, a chance de que pelo menos um fosse eficaz ficaria potencializada pela saturação das

¹⁰⁰ Ainda que ARPEU e ERPEU possam ser lançadas a partir de meios navais, até onde se tem notícia o emprego desses meios na Guerra da Ucrânia ocorreu predominantemente a partir de terra, por meio de unidades da marinha ucraniana e dos FN. O estudo de vetores lançados a partir do mar não é contemplado neste trabalho.

¹⁰¹ O Partido de Deus (tradução do nome) é um grupo terrorista muçulmano de viés xiita surgido em 1979 no Irã, mas “exportado” para o Líbano em 1982 pelo Aiatolá Khomeini (1902 – 1989) a fim de replicar a Revolução Islâmica iraniana (1979) (Coelho, 2016).

¹⁰² Movimento violento fundamentalista xiita de contestação ao regime do Iêmen fundado em 2000 por Hussein Al-Houthi (Pinto, 2022).

capacidades defensivas inimigas. Não raro, mais de um vetor logrou atingir o mesmo alvo, potencializando os efeitos destrutivos.

Assim, sob a ótica defensiva, o que vimos foi uma ampliação modificada da *Jeune École* em combinação com conceitos de A2AD, sendo as torpedeiras francesas do Almirante Aube substituídas pela Tríade Naval. Concomitantemente, sob a ótica ofensiva, a Marinha ucraniana pôde concretizar a estratégia de NUM contra a inquestionavelmente superior Marinha russa, não somente negando-lhe áreas marítimas vitais, mas também repelindo aquela força do teatro.

Com relação aos objetivos estratégicos navais ucranianos, o primeiro, que consistiu na degradação da EMN e de suas estruturas de apoio fixas, foi atingido com grande sucesso. Diversos meios navais de grande porte foram perdidos e facilidades estratégicas marítimas duais, como diques, foram severamente danificadas, inclusive no Mar de Azov. O magistral aproveitamento pelos ucranianos do espaço marítimo confinado transformou a força da esquadra oponente em vulnerabilidade. Os russos buscaram sem sucesso novas possibilidades de posicionamento e precisaram, além disso, empreender enorme esforço de reconstrução de facilidades fixas de apoio. Tudo isso permitiu que o objetivo político-estratégico maior de manter as LCM ucranianas em funcionamento fosse alcançado e mantido, mesmo com o abandono russo do Acordo de Grãos.

O segundo objetivo, a inviabilização da capacidade anfíbia, foi atingido com sucesso em função do afundamento ou destruição da maior parte dos navios anfíbios como anteriormente apresentado.

Com relação ao isolamento da Criméia, terceiro objetivo, esse não pôde ser concretizado até meados de 2024, seja pela não destruição da ponte de *Kerch*, seja pela anexação dos territórios ucranianos a Leste, que concretizaram uma ligação terrestre entre a Rússia e a Criméia.

Por fim, destacamos que a Tríade Naval Ucraniana materializou uma nova estratégia de projetar poder de terra sobre o mar e obteve efeitos práticos que vão muito além do nível operacional, atingindo até mesmo níveis psicossociais de difícil mensuração. Em uma guerra de forte atrição, uma análise superficial pode conduzir ao pensamento de que as dezenas de meios navais russos perdidos seriam meros números a se somar a uma infinidade de blindados e demais capacidades, destruídos aos milhares em terra. Mas essa visão pode ser equivocada. Marinhas são recursos estratégicos e seus meios são preciosos pela imensa dificuldade de reposição, que

se traduz não somente pelos custos, mas pelo prazo de construção e maturação. Leva tempo para que um navio se torne de fato operacional e adquira o fundamental “espírito de navio”¹⁰³. Soma-se a isso o fato de que, historicamente, as perdas de meios navais são eventos traumáticos. Unidades terrestres derrotadas substituem seus militares e seguem no combate. Um navio afundado se vai para sempre, impactando o moral das pessoas em terra.

¹⁰³ De acordo com a tradição da Marinha do Brasil, trata-se do sentimento que une as tripulações em torno do navio. Momento em que existe uma sinergia de todos para o bom andamento das tarefas de bordo e da manutenção do bom nome do meio naval. Diz-se, também, “alma do navio”.

5 ILAÇÕES SOBRE AS INTERAÇÕES ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA

O objetivo deste trabalho é trazer luz aos acontecimentos navais da Guerra da Ucrânia, desde suas origens, a fim de que possamos colher ensinamentos nos diversos níveis de condução do emprego das forças armadas: político, estratégico, operacional e tático.

A ferramenta científica selecionada para chegar às ilações que apresentaremos neste capítulo foi o emprego do Método Dialético.

É justamente sob a inspiração hegeliana que passaremos a observar as interações entre Ucrânia e Rússia (movimentos e ações – teses; contramovimentos e reações – antíteses) bem como os novos estados alcançados (conhecimentos – sínteses). São as sínteses, em última análise, o que buscamos neste trabalho.

5.1 O NÍVEL POLÍTICO: O LÍDER IMPROVÁVEL *VERSUS* O LÍDER FORTE

Desde sempre os seres humanos mergulham na busca pela natureza da guerra. Universalmente conhecida como um dos fenômenos mais terríveis que assola a humanidade, Carl Von Clausewitz (1780 – 1831) foi o grande idealizador da filosofia de que sua principal gênese reside na política. As razões de Estado se impõem e, por falta de outras opções, como a diplomática, lança-se à guerra. Mas o matemático e geopolítico Anatole Rapoport (1911 – 2007) nos lembra que existem outras origens para o fenômeno, uma das quais se denomina cataclísmica¹⁰⁴. Trata-se da guerra que não foi opção advinda de uma decisão política, mas algo que lhe foi imposto (Clausewitz, 1979). Assim, não é difícil aceitarmos que, cataclismicamente, a guerra e a subtração territorial se impuseram ao povo ucraniano.

Nesse cenário, encontrava-se na presidência Volodymyr Zelensky. Tratava-se de um indivíduo estranho à política, que foi alçado ao poder a partir de um discurso antissistema, de luta de um novo contra um velho modelo político. Enfrentava dificuldades no campo interno justamente pela falta de base parlamentar para

¹⁰⁴ O professor russo, naturalizado estadunidense, Anatole Rapoport se dedicou aos estudos da matemática, relações internacionais e geopolítica. Além de vasta produção acadêmica, seus estudos influenciaram a elaboração de documentos estratégicos do governo dos EUA por ocasião da Guerra Fria (1948 -1989). Na sua visão sobre a origem do fenômeno da guerra, além da filosofia política ou Clausewitziana, a guerra também se originaria por meio da filosofia Escatológica, na qual um desígnio superior a determinaria (exemplificada pelas guerras religiosas como as Cruzadas e a Guerra Santa) e pela filosofia Cataclísmica ou imposta a um povo por outro (o primeiro apartado de qualquer escolha).

governar. Aparentava, além de falta de bagagem política, fragilidade interna e externa. Caracterizava-se, assim, como um líder improvável para comandar um país prestes a enfrentar uma guerra imposta.

Na Rússia, por outro lado, Vladimir Putin personificava o líder forte. Com décadas de política, podia, como poucos, orgulhar-se de já ter sentado à mesa com diversas gerações de presidentes estadunidenses. Possuía objetivos geopolíticos claros de retornar seu país à grandeza de outrora, bem como reacender a chama patriótica do povo russo. Contava com grande estabilidade política e institucional, lastreadas em um sistema que, na visão ocidental predominante, pode ser considerado semiditatorial. Apesar de sabidamente haver dissidência interna na população, não sobressaía em função de um conjunto de medidas jurídicas e de controle rígido da informação.

Nesse contexto, o líder improvável foi desafiado pelo líder forte. As mensagens emanadas pelas autoridades militares russas nos primeiros dias de conflito afirmavam não compreender o porquê da resistência ucraniana. O líder forte não acreditava que o líder improvável, de um Estado militarmente inferior, recusaria a “carona” oferecida pelos EUA e optaria pela luta. Zelensky organizou seu estado-maior, trouxe para si a responsabilidade e, de fato, conduziu o país. Recusou, até mesmo, a evacuação da sua família em momentos em que a vitória russa parecia inquestionável.

Dessa primeira interação, emergiu um líder com novas características. Contando com as ferramentas disponíveis, como sua boa aceitação e origem popular – e não política –, estabeleceu canal direto com os ucranianos por meio do extenso uso das redes sociais. Isso lhe possibilitou transmitir mensagens claras às pessoas e ao mundo. A parcela de contribuição na notável resistência demonstrada pelo povo ucraniano que se deve às mensagens fortes de otimismo e amor à pátria emanadas por Zelensky é de difícil mensuração, mas ao que tudo indica, foi significativa.

Outra característica advinda desse novo líder foi ter aproveitado as oportunidades que o ambiente internacional ofereceu. Diversos encontros presenciais ou virtuais foram conduzidos com lideranças de todo o mundo em busca de suporte a si e condenação à Rússia. Tal articulação foi capaz de convencer as potências ocidentais que a Ucrânia possuía as condições de conter seu oponente, desde que com a ajuda necessária sob a forma de fortalecimento do seu país (econômica e militarmente) e enfraquecimento russo (sanções internacionais e embargos).

Mas a síntese do novo líder não marcou o fim do processo dialético. Em verdade, tornou-se nova tese a ser antagonizada pelo líder forte. Putin, em primeiro momento, parecia enfraquecido pela incapacidade de conquista da Ucrânia e pela imensa pressão das maiores potências mundiais. As sanções impostas levavam a comunidade internacional à sensação de que a Rússia sucumbiria politicamente e o país seria levado, rapidamente, à bancarrota.

Ascende, então, o líder forte modificado. Por meio de novas medidas de controle do discurso e asfixia de qualquer sinal de insatisfação interna, seja no campo político ou popular, Putin firmou o poder.

Já no campo externo, foi capaz de contrariar as suspeitas e manter a atividade econômica russa funcionando. A retirada súbita de seus principais importadores de gás natural e petróleo, os europeus, o fez buscar novos mercados mediante a redução de preços. Passou a diversificar as exportações para países de posição diplomática pragmática a respeito do conflito. Tratavam-se daqueles que, ou não condenaram explicitamente a invasão, ou a condenaram, mas se recusaram a adotar sanções contra os russos. A questão é que nesse grupo se encontravam atores de relevância sistêmica no ordenamento internacional: no grupo dos fornecedores essenciais das cadeias globais, países como Brasil e Estados africanos; e no grupo de mercados essenciais globais citamos a Índia e a China.

Putin teve sucesso ainda em movimentos geopolíticos mais ousados. Trouxe para o conflito, como fornecedores militares, Estados que desejam permanentemente antagonizar as potências ocidentais como o Irã e a Coreia de Norte. Ambos os países passaram a possuir participação relevante no esforço de guerra russo.

A ascensão de um novo líder ucraniano e do líder forte modificado russo consubstanciam o papel da guerra na construção de personalidades políticas. Em alguns casos históricos predominaram características negativas. No caso em questão, todavia, características positivas de condução e articulação parecem estar sobressaindo de ambos os dirigentes, cada qual perseguindo seus interesses nacionais.

5.2 O NÍVEL ESTRATÉGICO-OPERACIONAL

Do ponto de vista dos assuntos militares, a Guerra da Ucrânia dá eco à constatação da manutenção da importância das esquadras na guerra e na geopolítica

global. As interações navais entre os atores da guerra passaremos a apresentar, com ênfase no binômio estratégico-operacional, mas com mergulhos no nível tático.

5.2.1 A “Esquadra *Kalibr*” versus a “Esquadra de Mosquitos”

Em termos estratégicos, o fortalecimento da EMN foi uma prioridade da Rússia como peça central para a manutenção do acesso às águas quentes, vitais ao seu Poder Nacional na vertente econômica, mas também por permitir ao país interferir não somente no Mar Negro, mas muito além, alcançando até mesmo o Oceano Atlântico.

Assim, ganhou vulto e enorme capacidade de projeção de poder por meio da incorporação de novos meios dotados de mísseis de longo alcance *Kalibr*, capazes de engajar alvos no mar e em terra. Estrategicamente, a Marinha russa buscava uma esquadra devidamente balanceada e capaz de impor o comando do mar, além de exercer eficaz defesa em profundidade no Mediterrâneo contra forças navais da OTAN. Para isso, contava com meios navais, aeronavais e de Fuzileiros Navais em estado de prontidão.

A EMN, uma vez tendo sofrido o processo de “*Kalibrization*”, tornou-se um vetor estratégico de dissuasão não nuclear – ainda que alguns de seus meios dispusessem de ogivas nucleares de ataque embarcadas. Conseguiu, a partir dessa característica, manter afastadas as forças navais da OTAN do Mar Negro.

Com relação especificamente à esquadra ucraniana, os russos a consideravam irrelevante e fora da equação do conflito em gestação. Seus meios esmagariam os rivais, impondo o comando do mar e asfixiando o esforço de guerra ucraniano. Sua capacidade anfíbia, se empregada, possibilitaria interferência nos portos e instalações marítimas críticas ucranianas; e mesmo não empregada, permaneceria oferecendo ameaças, fixando unidades terrestres ucranianas em locais afastados das áreas de maior demanda. Seus sistemas ofensivos permitiriam ir além, por meio do bombardeio naval com mísseis de precisão que comprometeriam a estrutura de comando e controle no mais alto nível ucraniano.

No início do conflito, em resumo, a EMN se encontrava pronta ao combate a longas distâncias, contra forças navais clássicas e similares, mas também apta a projetar poder sobre terra, o que fez com grande volume por meio do bombardeio naval de precisão.

No lado ucraniano, seu planejamento estratégico naval priorizou a construção de uma verdadeira nova leitura da *Jeune École*. Buscava, antes de tudo, mesclar os conceitos de defesa costeira daquela vertente com aspectos da moderna estratégia A2AD a fim de desenvolver capacidade crível de NUM. Abdicava, pragmaticamente, de uma busca irreal pela batalha decisiva e orientava seu pensamento ao desenvolvimento de uma luta assimétrica no mar. Em outras palavras, construía as bases para o enfrentamento do mais fraco ao mais forte, contestando com efeito o comando e o controle do mar pelos russos. Além de iniciar processo de desenvolvimento de novos meios de pequeno porte para se contrapor assimetricamente aos grandes meios navais russos – o que a definiu como uma “Esquadra de Mosquitos” –, investiu na vertente psicológica das novas gerações a partir da inoculação de uma mentalidade de guerra naval assimétrica. Empregou ainda, no nível tático, as operações de minagem defensiva de portos, o que inviabilizou a tomada do porto de Odessa.

As primeiras interações navais no início do conflito apenas confirmaram a esmagadora superioridade russa. Suas forças navais dominaram o Mar Negro e impuseram duros golpes na infraestrutura marítima. Atingiram, ainda, alvos interiorizados impactando o poder nacional ucraniano. Nessas ações, alcançaram alvos com efeitos nos níveis mais elevados da guerra: da estrutura de comando e controle do comando supremo ucraniano, passando pela infraestrutura energética nacional e chegando a alvos operacionais na porção terrestre do teatro de operações.

Dessa forma, a EMN dominou os mares no início da guerra, com a liberdade de navegação que assegurou suas LCM e comprometeu as ucranianas até a assinatura do Acordo de Grãos. Manteve-se, também, totalmente integrada operacionalmente à porção terrestre do teatro.

A construção da “Esquadra de Mosquitos” ainda não se concretizara plenamente no eclodir da guerra, mas as unidades menores ucranianas disponíveis foram prontamente destruídas. A mentalidade assimétrica, no entanto, estava semeada e já se desenhava nova estratégia de enfrentamento à EMN.

5.2.2 A Projeção de Poder de Terra sobre o Mar

Da dialética gerada entre uma robusta esquadra russa e uma diminuta esquadra ucraniana, vimos a síntese de uma mentalidade de guerra naval assimétrica que passamos a denominar Projeção de Poder de Terra sobre o Mar (PPTM).

Propomos sua definição como: “Projeção de Poder de Terra sobre o Mar” (PPTM) é a denominação de uma nova estratégia naval, gerada da conjugação de conceitos de uma *Jeune École* modernizada, acrescidos de fundamentos da estratégia A2AD e de novas ferramentas de precisão, capazes de possibilitar a um Estado costeiro de menor poder naval interferir decisivamente na luta nos mares, inclusive a grandes distâncias, contribuindo com outras forças para a Negação do Uso do Mar (NUM)”.

Passaremos a apresentar o processo de síntese dessa estratégia.

A utilização de baterias costeiras de mísseis antinavio não se configura algo novo. Vêm sendo utilizadas a mais de meio século e até mesmo atores não-estatais as vêm utilizando na atualidade. É clara a relativa facilidade de se obter sistemas cada vez mais precisos e de baixo custo, que podem se contrapor de maneira contundente a meios navais sofisticados de grande porte.

Dessa forma, à esquadra ucraniana, no início do conflito, restou o emprego da guerra naval assimétrica por meio de mísseis de precisão. O afundamento do Cruzador Moscou exemplificou a letalidade desse tipo de atuação e ocasionou efeitos que transcenderam o campo de batalha marítimo, atingindo a mente de soldados lutando em terra a milhares de quilômetros. Podemos designar esse primeiro movimento como embrião da PPTM.

As ações ocasionaram um choque inicial nas forças navais russas, que tiveram o comando do mar desafiado. A EMN se retraiu e permitiu espaço de manobra à marinha ucraniana.

Mas essa retração momentânea não significou uma inutilização da Marinha russa. A existência de substancial capacidade anfíbia fez com que se tornasse uma verdadeira esquadra em potência invertida. Se, na estratégia clássica, esquadras inferiores se recolhem ao porto, nesse caso uma mais forte o faz. Mas ao fazê-lo, impôs aos ucranianos o custo de manter forças terrestres consideráveis estacionadas em condições de defender a vital cidade portuária de Odessa contra um assalto anfíbio devastador ao esforço de guerra.

Do antagonismo que se seguiu entre uma esquadra forte, mas atuando em potência, e uma atuando de maneira assimétrica, sintetiza-se o processo de “litoralização” da EMN. Navios menores e mais discretos deveriam ser o foco, a fim de permitir sua atuação nos espaços marítimos agora contestados.

Se os navios anfíbios se encontravam momentaneamente recolhidos aos portos e personificavam risco inaceitável, bem como meios navais menores de uma marinha “litoralizada” se apresentavam eficazes, nova interação acontece sintetizando inovadoras formas de atuar.

Estando a todo o vapor o processo de desenvolvimento de capacidades assimétricas ucranianas por meio do emprego de novas tecnologias, foi conjugado ao emprego de mísseis antinavio a partir de terra as ARPEU. A dupla conseguiu introduzir nos meios navais russos a incerteza em seus sistemas defensivos por meio de ataques bidimensionais (terra e ar).

Mas o pensamento ofensivo ucraniano foi além quando, de maneira autóctone, desenvolveu ERPEU de baixo custo, mas alta tecnologia e eficiência. Estava configurada a Tríade Naval Ucraniana que entraria para a história da guerra naval ao ameaçar e eventualmente degradar de forma substancial uma das esquadras mais poderosas da sua época. Foi a grande evolução da PPTM.

O principal fato disruptivo foi o emprego simultâneo de meios de grande precisão e baixo custo, alta furtividade, capazes de gerar degradação da consciência situacional e enfraquecimento dos sistemas defensivos, confusos pela origem multidimensional das ameaças (ar, terra e mar). Podemos considerar o nível máximo da capacidade de PPTM atingido pela marinha ucraniana até meados de 2024.

A contraposição ucraniana pela nova ferramenta gerou surpresa nos níveis estratégico e operacional demandando uma ampla revisão do conceito de emprego e composição da EMN.

O efeito devastador pode ser dimensionado na inutilização de 30% dos meios russos em apenas vinte e seis meses de guerra¹⁰⁵. Pode ainda ser observado na inutilização da maior parte dos navios anfíbios russos. Todavia, os impactos estratégicos vão muito além. Por se tratar de um espaço marítimo confinado, a Tríade simplesmente inviabilizou a utilização da estratégica BNS, obrigando o reposicionamento de meios navais russos em portos improvisados e sem a

¹⁰⁵ Em número de meios. Disponível no quadro 1.

infraestrutura desejável. A alternativa inicialmente pensada, o porto de *Novorossiysk*, se mostrou inadequada já que os ataques também se sucederam com facilidade naquela posição. Mesmo a possibilidade de construção de uma base naval na maior distância possível, na Abecásia, não protegeria os meios russos do alcance ucraniano, ou seja, continuaria uma solução inadequada. O recado dos ucranianos foi claro: não existiam mais posições seguras para os russos no Mar Negro.

Ao seguirmos na dialética, os russos ampliaram seu processo de “litoralização” e passaram a investir em meios navais menores e cada vez mais sofisticados. Tais meios vêm sendo produzidos com a vocação de se contrapor às novas ameaças ucranianas, com ênfase na contraposição às ERPEU. As medidas parecem ter surtido algum efeito. As estatísticas russas apontam que, em cada ataque bem sucedido a partir de então, 70% dos recursos empregados foram destruídos.

Mas efeitos de mais difícil mensuração também advieram da nova guerra assimétrica ucraniana. O foco primário na proteção definitivamente gerou inibição quanto à tomada da iniciativa e restrição ao espírito ofensivo russo, características não desejadas em forças militares em qualquer cenário.

É também resultado da dialética entre a EMN e a PPTM (Tríade Naval Ucraniana) que o planejamento militar russo tenha passado a considerar a anexação de toda a costa ucraniana, a fim de negar-lhe qualquer acesso ao mar e, por conseguinte, ressuscitar Sebastopol como posição marítima estratégica, novamente sede viável da sua esquadra. Mas um movimento dessa natureza traria necessidade de substancial redimensionamento de forças na porção terrestre do teatro. Ao que tudo indica, até meados de 2024, os russos não possuíam forças disponíveis para fazê-lo. Seus esforços permaneceram nas lentas conquistas na frente Leste. Caso os russos de fato buscassem intensificar as ações no litoral, unidades ucranianas deveriam, obrigatoriamente, ser mobilizadas para reforçar as defesas costeiras, com ênfase em Odessa.

Em um processo sintético infinito, as embarcações remotamente pilotadas de emprego único submarinas (ERPEUS) e, nos tempos vindouros, os veículos autônomos parecem ser o futuro da PPTM das forças assimétricas ucranianas.

5.3 A SÍNTESE DIALÉTICA E CONCLUSÕES

O quadro 5 retrata o substancial processo sintético ocorrido na Guerra da Ucrânia. As lideranças políticas, por meio de suas orientações de alto nível, possibilitaram as estratégias marítimas/navais que desaguaram nas ações no mar.

Quadro 5 – As sínteses na Guerra da Ucrânia

Nível de Condução	Tese	Antítese	Síntese
Político (Dialética das Lideranças)	1. Líder Improvável (U) ¹⁰⁶	1. Líder Forte (R)	1. Líder Novo (U)
	2. Líder Forte (R)	2. Líder Novo (U)	2. Líder Forte Modificado (R)
Estratégico-Operacional	1. <i>Jeune École</i> Modificada (“Esquadra de Mosquitos”) ¹⁰⁷ (U)	1. Comando do Mar (“Esquadra <i>Kalibr</i> ”) ¹⁰⁸ (R)	1. Guerra Naval Assimétrica (PPTM – NUM) ¹⁰⁹ (U)
	2. Comando do Mar (“Esquadra <i>Kalibr</i> ”) (R)	2. Guerra Naval Assimétrica (PPTM - NUM) (U)	2. Esquadra russa em Potência ¹¹⁰ (R)
	3. Esquadra russa em Potência (R)	3. Guerra Naval Assimétrica (PPTM – NUM) (U)	3. “Litoralização” da EMN (luta em mares confinados) (R)
	4. “Litoralização” da EMN (luta em mares confinados) (R)	4. Evolução da PPTM – NUM (Tríade Naval) (U)	4. Ampliação da “Litoralização” (EMN) (R)

¹⁰⁶ (U): refere-se à Ucrânia / (R): refere-se à Rússia.

¹⁰⁷ Incluiu ações defensivas de pequenas embarcações de patrulha, mas também a minagem defensiva de portos.

¹⁰⁸ Incluiu a projeção de poder sobre terra por meio do bombardeio naval com armamento de precisão.

¹⁰⁹ Convicta da superioridade adversária, passa a utilizar a costa como fonte de força para suas ações ofensivas, buscando a NUM.

¹¹⁰ Esquadra em Potência com vocação anfíbia.

Nível de Condução	Tese	Antítese	Síntese
Estratégico-Operacional	5. Ampliação da “Litoralização” da EMN (R)	5. Evolução da PPTM – NUM (Tríade Naval) (U)	5. Futura evolução da PPTM – NUM (acréscimo de ERPEUS e meios autônomos à Tríade Naval) (U)
	6. Futura evolução da PPTM – NUM (acréscimo de ESRPEUS e meios autônomos à Tríade Naval) (U)	6. Comando do Mar (“Esquadra Kalibr”) (R)	6. Força Naval de Dissuasão não Nuclear desejada no século XXI (“Kalibrization” + PPTM)

Fonte: Autor¹¹¹.

As cuidadosas observação e interpretação da dialética apresentada nos permitem concluir – como já ocorrera em outras guerras –, que a vontade nacional, personificada em um líder capaz de traduzi-la, é condição necessária para permitir que um país de menor capacidade se contraponha a um mais forte e suplante óbices, mesmo que aparentemente incontornáveis, na defesa de sua soberania.

Concluimos, ainda, que em um mundo marcado por constantes saltos tecnológicos, e onde os resultados desses saltos são cada vez mais acessíveis, as inovações têm o potencial de possibilitar certo nivelamento entre atores díspares.

As novas formas de combater no mar, advindas da presente guerra, demandam reflexões sobre o pensamento estratégico naval moderno. Por um lado, as diversas marinhas observaram, com perplexidade, uma marinha reduzida contestar o comando e o controle do mar ante a uma inquestionavelmente superior. Por outro, marinhas mais modestas e de pensamento defensivo se vêm inspiradas pelas inovações estratégicas, operacionais e táticas apresentadas pelos ucranianos. É preciso assumir que as lições diretas desse conflito têm limitações para as marinhas oceânicas. Por exemplo, como apresentado, a EMN só pôde se deslocar para bases dentro da

¹¹¹ Com síntese própria a partir das análises deste trabalho, apoiadas pelos fundamentos das estratégias navais clássicas e contemporâneas.

capacidade ofensiva ucraniana, o que poderia não ser o caso em águas oceânicas. Mas as reflexões da dialética entre um poder naval superior contra um inferior em momentos de transição tecnológica podem ser promissoras.

O conflito entre Rússia e Ucrânia ressalta a importância das forças navais devidamente balanceadas e com foco multidomínios (ar, terra, mar, espaço, ciberespaço e espectro eletromagnético) e multidimensional (dimensões humana, física e informacional). Em momentos de rápida transição tecnológica, a concepção e construção de esquadras orientadas a adversários ou missões específicas, como ocorreu com a EMN (construção de força naval de ataque de longo alcance para se contrapor a forças similares), parece caminho a ser evitado. O foco na obtenção do maior número de capacidades, por meio do emprego robusto da inovação e da alta tecnologia em soluções de baixo custo, complementando as atualmente existentes nas esquadras, parece, ao nosso ver, ser o melhor itinerário a percorrer. Desse modo, a meta passaria das ações a serem realizadas diretamente nas esquadras adversárias para os efeitos que se deseja obter na campanha como um todo.

É por tudo isso que, a partir do legado estratégico de Rússia e Ucrânia nas águas do Mar Negro, combinados hipoteticamente, chegamos à síntese final das interações. Concluimos que a posse de esquadras dotadas de meios navais com mísseis de precisão com o maior alcance possível (*"Kalibrization"*) e tendo suas capacidades reforçadas pela estratégia de PPTM (Tríade Naval) catalisaria o melhor de cada força e traria a capacidade de nivelar marinhas díspares e revolucionar a defesa da soberania marítima, tanto em espaços marítimos amplos como confinados. Proporcionaria uma verdadeira defesa naval multidomínios em camadas. Essa combinação sintetizada aponta a força naval defensiva desejada para o século XXI: uma força de dissuasão estratégica não nuclear, capaz de atuar em camadas, apoiada em tecnologia e inovação, que mantenha afastadas forças navais superiores pela letalidade de seus sistemas ofensivos múltiplos, conjugados de mar e terra.

6 PERSPECTIVAS PARA A MARINHA DO BRASIL

No capítulo anterior foi possível sintetizarmos, a partir das análises da guerra, a força naval defensiva desejada para o século XXI como aquela de dissuasão estratégica não nuclear, capaz de atuar em camadas, apoiada em tecnologia e inovação, que mantenha afastadas forças navais superiores pela letalidade de seus sistemas ofensivos múltiplos, conjugados de mar e terra. Basicamente, uma que conjugue alcance e letalidade de sistemas ofensivos, com as novas ferramentas proporcionadas pela PPTM.

No que se inicia, iremos transportar o que sintetizamos para a realidade brasileira. Proporemos a inserção das estratégias navais contemporâneas idealizadas para a defesa da nossa soberania. Mas para fazê-lo, entendemos fundamental caracterizar o tamanho do desafio estratégico brasileiro, bem como os principais conceitos presentes nos documentos de alto nível de defesa a fim de identificar as aderências aos novos conceitos apresentados. A apresentação desses conceitos teóricos em um primeiro momento se faz imprescindível para o entendimento do que se deseja propor.

A seguir, passaremos, de fato, à transposição dos aspectos principais observados nas interações no Mar Negro para a realidade brasileira, bem como proporemos a ideia de um conceito operacional de defesa da frente Leste, revisitando um modelo de defesa em profundidade.

Por fim, encerrando o capítulo e o trabalho, apresentaremos sugestões de aprimoramento da Estratégia de Defesa Marítima (EDM) e demais documentos.

Ressaltamos que a MB, após décadas de amadurecimento do seu pensamento estratégico, publicou em 2023 sua EDM que possibilitou a concepção de um Plano de Configuração de Força (PCF)¹¹² a partir de um planejamento baseado em capacidades. A EDM norteou as principais conclusões deste Capítulo. As mudanças recentes incorporadas por meio das referidas publicações impõem que, neste capítulo, façamos considerações mais aprofundadas sobre aspectos selecionados desses conteúdos.

¹¹² O Plano de Configuração de Força (PCF) é um documento classificado e, portanto, não será analisado neste trabalho. Pode ser definido, entretanto, como um documento de alto nível com o propósito de orientar as ações estratégicas e setoriais de gestão de curto, médio e longo prazos a fim de que sejam atendidos os Objetivos Navais constantes da Política Naval.

6.1 O DESAFIO ESTRATÉGICO E DOCUMENTOS NORTEADORES DE ALTO NÍVEL

Abordar a defesa do Brasil é desafiador. Trata-se de um País de dimensões continentais, mas ao mesmo tempo inserido no continente sul-americano, compartilhando fronteiras terrestres com dez países e, ainda, debruçado sobre o Oceano Atlântico. Os números traduzem a referida complexidade: 16,9 mil quilômetros de fronteiras terrestres (incluindo nove tríplices fronteiras) e 10,9 mil quilômetros de costa.¹¹³ Consideramos que o espaço geográfico pode ser subdividido, na visão de defesa, em duas frentes bastante distintas: uma frente Oeste ou continental e uma frente Leste ou marítima. É exatamente esta última frente, a marítima, que é foco deste trabalho já que traz clara preponderância da Marinha do Brasil coordenando as ações conjuntas de defesa da soberania nacional, desde a normalidade até situações de crise ou conflito.

Seguem breves considerações presentes em diversos documentos de alto nível que avaliamos como pré-requisitos ao que apresentaremos nas subseções seguintes.

6.1.1 O Livro Branco de Defesa Nacional, a Política Nacional de Defesa e a Estratégia Nacional de Defesa

A Câmara dos Deputados aprovou em 15 de maio de 2024 as novas versões do Livro Branco de Defesa Nacional (LBDN), da Política Nacional de Defesa (PND) e da Estratégia Nacional de Defesa (END).¹¹⁴ Tratam-se dos documentos de Defesa de mais alto nível do País, orientadores maiores das Forças Armadas (FA).

O LBDN deixou clara a importância do espaço marítimo para o Estado e caracterizou a Amazônia Azul (figura 13) como o espaço geográfico que contém a Zona Econômica Exclusiva (ZEE) e a Plataforma Continental (PC), de acordo com a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM)¹¹⁵ :

¹¹³ Fonte: IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31090-ibge-atualiza-municipios-de-fronteira-e-defrontantes-com-o-mar-devido-a-mudancas-de-limites#:~:text=O%20IBGE%20tamb%C3%A9m%20atualizou%20a,%2C9%25%20do%20territ%C3%B3rio%20brasileiro.>

¹¹⁴ Disponível em [https://www.camara.leg.br/noticias/1062814-camara-aprova-atualizacao-da-politica-nacional-de-defesa.](https://www.camara.leg.br/noticias/1062814-camara-aprova-atualizacao-da-politica-nacional-de-defesa)

¹¹⁵ A Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM) foi celebrada em Montego Bay, Jamaica, a 10 de dezembro de 1982. Após aprovada pelo Congresso Nacional por meio do Decreto Legislativo nº 5, de 9 de novembro de 1987, foi finalmente internalizada por meio do Decreto nº 99.165

A ZEE brasileira compreende uma área oceânica aproximada de 3,6 milhões de km² que, somada aos 2,1 milhões de km² de plataforma continental (PC) situados além das 200 milhas náuticas e reivindicados junto à Comissão de Limites da Plataforma Continental (CLPC) da ONU, perfaz um total aproximado de 5,7 milhões de km². Essa extensa área oceânica delimita o que se denomina “Amazônia Azul” (Brasil, 2020c, p. 21).

Esse espaço marítimo é um dos dois grandes ambientes geográficos que norteiam o pensamento estratégico de defesa da frente Leste. O segundo se caracteriza pela vastidão do Oceano Atlântico em função da necessidade de proteção das LCM, vitais à sobrevivência econômica do País e à manutenção de um possível esforço de guerra, pelo menos até o Cabo da Boa Esperança, ao Sul, e o Atlântico Norte (figura 14). Esses dois espaços, somados em imensidão, são fundamentais para a compreensão do pensamento estratégico brasileiro para a defesa da soberania na frente marítima¹¹⁶.

No que diz respeito à primeira região, a Amazônia Azul, salientamos que a CNUDM foi ratificada por 169 países e estabeleceu que, em caso de pleito formal junto à Comissão de Limites da Plataforma Continental (CLPC), os Estados signatários aceitarão, de boa-fé, o pleito de extensão da PC de um solicitante até a deliberação final. É essa a justificativa, por exemplo, da inclusão recente da Elevação do Rio Grande (ERG) como parte da nossa Plataforma Continental estendida (figura 13).

O LBDN destacou ainda a importância do conhecimento do que se passa na Amazônia Azul. O mecanismo de monitoramento, comando e controle se materializaria por meio do Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul (SisGAAZ) (figura 15), vital à proteção das Águas Jurisdicionais Brasileiras (AJB)¹¹⁷ (Brasil, 2020c).

de 12 de março de 1990, do Presidente da República. Trata, dentre outros assuntos, dos limites marítimos entre os Estados, definindo o Mar Territorial (MT) de 12 milhas náuticas, uma Zona Contígua (ZC) de 12 milhas náuticas e uma ZEE de até 200 milhas náuticas. Além dessas regiões, os Estados costeiros podem reivindicar direitos similares aos da ZEE em caso de comprovada extensão da Plataforma Continental (PC), mediante apresentação de pleito junto à Comissão de Limites da Plataforma Continental (CLPC), até a distância de 350 milhas náuticas das linhas de base. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1990/decreto-99165-12-marco-1990-328535-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 25 mai. 2024.

¹¹⁶ Importa salientar que, a partir da dinâmica econômica brasileira, as LCM na verdade poderiam incluir todo o Oceano Global. Este Autor entende, no entanto, que os esforços de pensamento estratégico devem priorizar o Oceano Atlântico.

¹¹⁷ “À luz da CNUDM, as Águas Jurisdicionais Brasileiras compreendem as águas interiores e os espaços marítimos nos quais o Brasil exerce jurisdição, em algum grau, sobre atividades, pessoas, instalações, embarcações e recursos naturais vivos e não-vivos” (Brasil, 2020c, p. 21).

Passando à PND, o documento tem como um de seus pressupostos: “IV. Buscar a manutenção do Atlântico Sul como zona de paz e cooperação” (Brasil, 2020d, p. 20). Cita, ainda, dentre os Objetivos Nacionais de Defesa:

II. Assegurar a capacidade de Defesa para o cumprimento das missões constitucionais das Forças Armadas. Refere-se a proporcionar às Forças Armadas as capacidades necessárias para realizar a vigilância, o controle e a defesa do território, **das águas jurisdicionais** e dos espaços aéreo e exterior brasileiros **e prover a segurança das linhas de comunicação marítimas de interesse [...]** (Brasil, 2020d, p. 24, grifo nosso).

Dando sequência ao pensamento, a END apontou que a concepção estratégica de defesa do Brasil, em tempo de paz ou de crise, prioriza a atuação conjunta de todas as capacidades do Poder Nacional, bem como da dissuasão para inibir eventuais ameaças, observando o estabelecido na Constituição, nos preceitos do direito internacional e nos compromissos firmados pelo País (Brasil, 2020b).

A END particularizou a prioridade da postura dissuasória na frente Leste:

O Atlântico Sul é uma área de interesse geoestratégico para o Brasil. A proteção dos recursos naturais existentes nas águas, no leito e no subsolo marinho sob jurisdição brasileira é uma prioridade do País. **A dissuasão deve ser a primeira postura estratégica a ser considerada para a defesa dos interesses nacionais.** A exploração e exploração da Amazônia Azul® e a utilização das linhas de comunicação marítimas do Atlântico Sul continuarão a ser vitais para o desenvolvimento do Brasil, exigindo a intensificação das capacidades de prover Segurança Marítima (Brasil, 2020b, p. 33, grifo nosso).

O documento orientou que o Poder Naval deve dispor de meios capazes de detectar e neutralizar ações que representem ameaças nas AJB. Apontou que existe uma intensificação das ocorrências de atos ilícitos no mar (pirataria, tráfico de drogas e de pessoas, pesca ilegal e crimes ambientais são exemplos) que demandam a presença estatal e sua plena capacidade de interferir no mar (Brasil, 2020b).

Destacamos, por fim, que a END estabeleceu duas áreas do litoral que merecem atenção especial do ponto de vista da Defesa: a faixa que vai de Santos a Vitória (bacias petrolíferas) e a área em torno da foz do rio Amazonas (Brasil, 2020b).

Assim, já podemos deduzir que os documentos de mais alto nível priorizaram a integração de esforços e a dissuasão como principais ferramentas de defesa da, por nós denominada, frente Leste. A leitura dos documentos nos permitiu ainda inferir que existe uma demanda natural por uma defesa estruturada em camadas, já que inicialmente se destaca a importância da manutenção das LCM e da Amazônia Azul, e depois, particularizam-se, dentro daquela região, duas áreas em especial.

Após análise dos documentos anteriores, a sequência natural, antes do estudo dos documentos internos da MB, seria debruçarmo-nos na Política Militar de Defesa (P Mi D) e na Estratégia Militar de Defesa (Etta Mi D). Tais documentos, no entanto, são classificados como secretos e, assim, não serão tratados neste trabalho. Podemos, contudo, citar o Decreto nº 7.276, de 25 de agosto de 2010, que aprova a Etta Mi D e estabeleceu que o emprego das FA ocorreria por meio de planejamentos estratégicos em resposta a Hipóteses de Emprego (HE). Em decorrência da END, uma delas visaria a garantia da soberania brasileira no Atlântico Sul.

6.1.2 A Política Naval, o Plano Estratégico da Marinha e a Estratégia de Defesa Marítima

A Política Naval, a partir dos documentos de alto nível, estabeleceu os Objetivos Navais (OBNAV). O primeiro deles é “Contribuir para a Defesa da Pátria”, que abrange a proteção dos recursos das AJB e das LCM. Podemos citar ainda: “O Poder Naval deve possuir capacidade e credibilidade suficientes para **dissuadir eventuais forças adversas** de conduzirem ações hostis nas AJB” (Brasil, 2019, p. 26).

O documento destacou também o OBNAV “Ampliar a Consciência Situacional Marítima nas Áreas de Interesse”. Aponta que isso será conseguido pela implantação plena do Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul (SisGAAz), sistema de monitoramento contínuo das AJB (figura 15), com atenção especial para a faixa que vai de Santos a Vitória e a área adjacente à foz do rio Amazonas (Brasil, 2019).

A sequência do pensamento estratégico naval fez com que a MB apresentasse, no ano de 2020, o Plano Estratégico da Marinha 2040 (PEM 2040). O documento salientou a importância da MB no fortalecimento do Poder Marítimo¹¹⁸ e destacou o papel das AJB como via de acesso a 90% do comércio exterior e igual percentual para o escoamento dos hidrocarbonetos produzidos pelo País. Além disso, destacou as riquezas oriundas da fauna marinha e o potencial mineral. Portanto, ao integrar as informações dos documentos de Defesa, traduziu o Entorno Estratégico Brasileiro como aquele espaço compreendido pelos seguintes limites geoestratégicos: ao Norte,

¹¹⁸ O Poder Marítimo é a projeção do Poder Nacional resultante da integração dos recursos de que dispõe a Nação para a utilização do mar e das águas interiores, quer como instrumento de ação política e militar, quer como fator de desenvolvimento econômico e social, visando conquistar e manter os objetivos nacionais (Brasil, 2020a).

o paralelo 16° N; ao Sul, o Continente Antártico; a Leste, o litoral da África Ocidental; e a Oeste, a América do Sul (figura 16) (Brasil, 2020a).

O PEM novamente trouxe à tona a importância de se perseguir a dissuasão:

Como ameaça à soberania nacional, existe, além da possibilidade de ataque vindo do mar ao território nacional, a possibilidade de o País ser pressionado pela presença de uma potência naval superior com capacidade de prejudicar o tráfego marítimo, o abastecimento e o comércio brasileiro. O histórico passado de invasões ao território brasileiro e a ameaça submarina em duas guerras mundiais e durante a Guerra Fria servem como **lição para que o País esteja preparado para dissuadir agressões** (Brasil, 2020a, p. 25, grifo nosso).

Trouxe ainda, como ameaças específicas na frente Leste: a pirataria; a pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (IUU); a biopirataria; os crimes ambientais; e o terrorismo (Brasil, 2020a).

Prosseguiu no raciocínio ao apresentar o conceito de “territorialização do mar”, decorrente da CNUDM. Trata-se da luta dos diversos países por garantir seus direitos à luz da Convenção, buscando ampliar suas águas jurisdicionais. Tal territorialização vem gerando grandes disputas no oceano global. Assim, o PEM apontou que: “[...] na modernidade, além dos Combates no Mar [...], também têm lugar os Combates pelo Mar, em virtude de todos os recursos que pode oferecer” (Brasil, 2020a, p. 34).

O documento destaca a importância da estratégia de defesa proativa antecipando a ameaça, em detrimento da reativa, quando se reage à ameaça já concretizada. Para tanto, estabeleceu o SisGAAz como requisito básico para a implementação da defesa proativa e, por conseguinte, prioridade estratégica para a MB (Brasil, 2020a).

Em sequência, decorrentes dos OBNAV, apresentou as Ações Estratégicas Navais (AEN) a serem buscadas. Mantendo o foco do trabalho, destacamos:

- a) **AEN – DEFESA-2** – Implantar a Defesa Proativa da Amazônia Azul – Implantar um sistema de defesa proativo [...] para conjugar [...] os meios (autônomos e tripulados) que comporão a Marinha do Futuro (2040), dotados de capacidade móvel e/ou predispostos no Atlântico Sul, para assim neutralizar ameaças de toda a ordem aos interesses nacionais, a partir de um esforço de prospecção tecnológica que incorpore inovações militares – [...], especialmente as disruptivas [...] (Brasil, 2020a, p. 62).
- b) **AEN – FORÇA NAVAL-8** – Obter o Sistema de Aeronaves Remotamente Pilotadas Embarcadas (SARP-E) – Obter SARP-E para contribuir para a obtenção da consciência situacional marítima em defesa da Amazônia Azul, incluindo o apoio às operações de Fuzileiros Navais (Brasil, 2020a, p. 71).
- c) **AEN – FORÇA NAVAL-10** – Desenvolver no País os produtos aplicados em navios, aeronaves e de equipamentos para os Fuzileiros Navais – Desenvolver projetos de equipamentos e sistemas que possuam alto conteúdo tecnológico de aquisição restrita [...] (Brasil, 2020a, p. 72).

- d) **AEN – FORÇA NAVAL-12** – Desenvolver o programa “Esporão” – Executar os projetos do Míssil Antinavio Nacional (MANSUP) e Antinavio Ar-Superfície (MANAER) (Brasil, 2020a, p. 72).
- e) **AEN – OCOP-2** – Executar a obtenção/modernização de Sistemas de Armas dos navios da MB – [...] e executar, quando necessária, a obtenção/modernização de armas, acessórios, equipamentos bélicos e sensores (Brasil, 2020a, p. 74).
- f) **AEN – CSM-1** – Desenvolver o Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul – Desenvolver a capacidade de monitoramento e controle das AJB [...] (Brasil, 2020a, p. 77).

Por fim, passaremos às considerações sobre a Estratégia de Defesa Marítima (EDM). Lançada em 2023, representou um avanço no pensamento estratégico da MB. Resultou das análises dos desafios (ameaças e oportunidades), permitindo que se alcançasse um correto dimensionamento dos meios necessários para que sejam atingidos os objetivos estratégicos (OBE) estabelecidos.

Os seguintes OBE consideraremos por guardarem aderência ao escopo do trabalho: OBE 1 – Sobrepujar as ameaças estatais aos interesses nacionais nos ambientes marítimo e fluvial; OBE 2 – Assegurar a soberania e os direitos de soberania e jurisdição na Amazônia Azul; OBE 3 – Proteger as infraestruturas críticas do Poder Marítimo (ICPM); OBE 4 – Preservar as LCM de interesse nacional; OBE 5 – Preservar as Linhas de Comunicação Fluviais (LCF) das bacias hidrográficas Amazônica e Platina; e OBE 10 – Exercer a Diplomacia Naval¹¹⁹ (Brasil, 2023a).

Na sequência, o documento apresentou as posturas e prioridades estratégicas oriundas da análise das Possibilidades de Atuação (PA)¹²⁰, definidas pelos Campos de Atuação do Poder Naval (CAPN)¹²¹, a saber: Defesa Naval (atuação clássica das marinhas na defesa da soberania) – postura **coercitiva**; Segurança Marítima (utilização segura dos espaços marítimos) – postura **cooperativa** com órgãos estatais, **además coercitiva**; Diplomacia Naval (apoio à política externa) – postura **persuasiva**; e Apoio às Ações do Estado (cooperação com demais órgãos estatais) – postura **cooperativa** com demais órgãos (Brasil, 2023a).

A partir desse ponto, o documento definiu as prioridades estratégicas, por campo de atuação, chegando a uma análise de risco ante ao possível não atendimento de cada uma (quadro 6):

¹¹⁹ O exercício da Diplomacia Naval está relacionado às ações voltadas à promoção do Poder Nacional no exterior, utilizando o Poder Naval (vertente militar do Poder Marítimo) como elemento de apoio à política externa (Brasil, 2023a).

¹²⁰ Eventos identificados nos cenários de defesa levantados que afetam um ou mais OBE e que ensejam o emprego do Poder Naval (Brasil, 2023b).

¹²¹ (Brasil, 2023b).

Quadro 6 – Descrição e avaliação de riscos

Descrição do Risco	Avaliação
R1 Degradação das capacidades antissuperfície, antissubmarino, defesa aeroespacial e IVR da Força Naval	CRÍTICO
R4 Incapacidade de proteger as ICPM, projetar poder nas ilhas oceânicas e outras regiões de interesse, bem como de apoiar a Força Naval no ambiente ribeirinho de forma coordenada	CRÍTICO
R5 Incapacidade da Força Aérea Brasileira (FAB) apoiar a MB na defesa aérea da Força Naval	CRÍTICO
R9 Degradação da capacidade de proteção marítima dos meios dos Distritos Navais	ELEVADO

Fonte: Brasil (2023a).

A EDM definiu, então, as Capacidades Estratégicas do Poder Naval (CEPN) e as Tarefas Básicas do Poder Naval (TBPN), conforme previstas nos Fundamentos Doutrinários da Marinha.

As CEPN são as aptidões de um conjunto de meios para atingirem um determinado efeito, de modo a possibilitar ou contribuir para o alcance de um OBE. São elas: Adaptabilidade, Consciência Situacional, Cooperatividade, Expedicionária, Mobilidade, Permanência, Poder de Combate, Presença, Prontidão e Resiliência (Brasil, 2023b).

Já as TBPN são aquelas essenciais à MB, alcançadas por meio das CEPN. Brasil (2023b) assim as descreve:

- a) Negar o Uso do Mar: tem por objetivo impedir o uso de uma região marítima prioritária por forças antagônicas.
- b) Projetar Poder: tem por objetivo a projeção das expressões do Poder Nacional, por meio do Poder Naval, em território estrangeiro, área de interesse sob influência estrangeira ou em território nacional.
- c) Controlar Áreas Marítimas e Águas Interiores: tem por objetivo assegurar o uso de vias navegáveis e áreas marítimas prioritárias, monitorar e controlar o tráfego de embarcações nas AJB e garantir os direitos de soberania nas AJB.
- d) Realizar Proteção Marítima: tem por objetivo implementar e fiscalizar o cumprimento de leis e regulamentos nas AJB.

- e) Prover a Segurança à Navegação Aquaviária: tem por objetivo fomentar a segurança à navegação.
- f) Contribuir para a Segurança e Desenvolvimento Nacional: tem por objetivo a participação da MB nas Políticas Nacionais.

Por fim, encerrando os conceitos presentes nos documentos norteadores, a Estratégia definiu os Elementos de Força (ElmF) como conjuntos de meios e sistemas, doutrinarmente organizados que, pela realização de tarefas, atingiriam um efeito em determinado tempo e espaço. Dentre os treze apresentados, os seguintes serão foco de análise neste trabalho: a-I) Força de Intervenção Marítima, a-II) Força de Proteção Marítima, a-III) Força de Guerra de Minas, a-IV) Força C5IVR¹²², a-V) Força de Desgaste, a-VI) Força de Projeção; a-VIII) Força de Operações Especiais, b-I) Força Ribeirinha e b-II) Força de Proteção Marítima (Grupamentos de FN).

O dimensionamento dos Elementos de Força considerados mais relevantes ao trabalho apresentamos no Anexo A.

6.1.3 Conclusões Parciais

Se a análise dos documentos de mais alto nível de Defesa nos aponta claramente o caminho imprescindível da busca da dissuasão para desestimular possíveis agressores de maior capacidade, bem como nos conduz a pensar a defesa da frente Leste em setores ou camadas, a análise dos documentos navais nos aponta a necessidade de ter as capacidades necessárias à imposição da postura coercitiva, quando necessário.

Para que um país disponha da capacidade concreta tanto de dissuadir ameaças, particularmente oriundas de atores mais fortes, como de impor postura coercitiva quando necessário, os Elementos de Força devem estar respaldados não somente por meios e sistemas de armas modernos, mas, principalmente, pela existência de Conceitos Operacionais Conjuntos¹²³. São esses Conceitos que, na

¹²² Comando, Controle, Comunicações, Computação, Cibernética, Inteligência, Vigilância e Reconhecimento.

¹²³ Pela definição estadunidense, são documentos que examinam problemas militares complexos e propõem soluções de como a força conjunta, usando a ciência e a arte militar, irá operar para atingir os objetivos estratégicos extraídos da visualização dos cenários futuros. Segundo a doutrina do país, os Conceitos Operacionais permitem a identificação das capacidades operacionais (materiais ou não-materiais) que irão permitir às forças sobrepujar os desafios militares futuros (EUA, 2017). Os exemplos são variados, mas podemos citar: o Conceito *Distributed Maritime Operations* (DMO) da Marinha dos

nossa visão, faltariam ao fechamento da estrutura de planejamento estratégico da MB ora em evolução.

Algumas visões aplicadas à realidade brasileira, oriundas desta pesquisa, serão apresentadas a seguir.

6.2 VISÕES DE DEFESA DA FRENTE LESTE

A visão estratégica naval apresentada em 2023 utiliza o Planejamento Baseado em Capacidades (PBC) e tem como sequenciamento lógico a análise dos objetivos estratégicos, dos cenários, das PA e dos desafios (ameaças e oportunidades), integrados com um levantamento de riscos, passando pelas posturas desejadas a cada CAPN. São identificados efeitos a serem alcançados e, após estudo do diagnóstico da própria Força, identificados os quantitativos de sistemas e meios que comporão os Elementos de Força. São esses Elementos que permitirão o atingimento do Conceito Estratégico descrito na EDM.

Na nossa visão, o processo segue a devida sistemática lógica, mas podemos identificar a ausência de um elo importante: a fase de elaboração de um conceito operacional conjunto que responda ao maior desafio possível. No caso da defesa da frente Leste, identificamos como: “Garantia da soberania na frente marítima brasileira contra ameaças oriundas de força naval inquestionavelmente superior”.

Entendemos, assim, que o maior desafio advém de uma situação de conflito contra oponente de maior poder. A análise desse cenário altamente desfavorável ao nosso País é imprescindível à evolução do pensamento e à busca pelas inovações necessárias. Avaliamos tal conceito imprescindível, ainda, para permitir a ligação entre todas as capacidades identificadas pelas três FA por meio do PBC. Entendemos que, mesmo um planejamento baseado em capacidades demanda uma ameaça máxima, ainda que ficticiamente construída como uma força-tarefa naval robusta, devidamente balanceada para simular um inimigo inquestionavelmente superior.

Tais soluções identificadas do confronto com a ameaça permitiriam, como no caso ucraniano, equilibrar ou pelo menos minimizar as assimetrias entre forças

EUA a fim de se contrapor à ampliação dos sistemas ofensivos oponentes, e os Conceitos *Expeditionary Advanced Base Operations* (EABO) e *Stand-in Forces* (SIF) do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, que buscam a atuação em proveito da NUM contra adversários de poder de combate similar (Araujo, 2024).

dísparos e possibilitar a dissuasão amplamente enfatizada como objetivo pelo nível político. Permitiriam, ainda, desenvolver soluções aplicadas aos demais desafios.

O conceito operacional conjunto introduz uma ameaça concreta (a mais perigosa) ao PBC, possibilitando a vital ligação das capacidades identificadas. Deixamos claro que o conceito que defendemos não deve ser confundido com as HE previstas na Etta Mi Def, já que estas se destinam a reagir a uma ameaça concreta e de curto prazo. O que defendemos vai além. Trata-se de cenarização e, por conseguinte, construção imaginada e de médio/longo prazo. Salientamos que, em nosso entendimento e salvo melhor juízo, a inserção de uma única ameaça fictícia, no nível máximo, não descaracteriza ou desconfigura o processo baseado em capacidades e contribui para conectar as capacidades vislumbradas pelas três FA.

A seguir apresentaremos as principais oportunidades identificadas na Guerra da Ucrânia e seu papel em um possível conceito operacional conjunto.

6.2.1 A importância de uma Esquadra de Dissuasão Não Nuclear

Existe inquestionável disparidade entre a Rússia e o Brasil em inúmeras áreas. Da postura diplomática e atendimento de acordos internacionais, ao nível de domínio tecnológico de defesa. Mas a nossa visão é que o processo de alcance de novas tecnologias pelos países em desenvolvimento tem se acelerado. Nesse contexto, entendemos premente a análise do processo denominado “*Kalibrization*” e como ele foi capaz de atingir os objetivos estratégicos maiores por meio da construção de uma força naval de dissuasão estratégica não nuclear.

No contexto atual, os mísseis e foguetes com cada vez maiores precisão e alcance são realidade para Estados limitados em termos de Poder Nacional e, até mesmo, para atores não-estatais.

A introdução dos mísseis de longo alcance *Kalibr* e a necessária capacidade de detecção, por meio da utilização de diversos sensores navais e aeronavais, trouxe o resultado dissuasório almejado contra as forças navais da OTAN. Trata-se de um sistema de míssil de cruzeiro versátil, com versões antinavio, antiaérea e para alvos em terra, lançados a partir de plataformas navais, submarinas, terrestres e aéreas.

Assim, a busca pela dissuasão desejada em uma frente Leste de proporções gigantescas contra oponentes que disporão de sistemas ofensivos de longo alcance, implica, necessariamente, na ampliação do nosso alcance.

Outros países parecem caminhar nessa direção no nosso entorno estratégico. A Venezuela divulgou, em maio de 2024, a incorporação das lanchas rápidas de patrulha iranianas *Peykaap 3* dotadas de mísseis SM-90 com alcance de 90 quilômetros, em acréscimo aos mísseis antinavio C-802 A com alcance de 120 quilômetros¹²⁴. A Marinha do Chile adquiriu tanto mísseis antissuperfície *Harpoon*, com alcance superior a 250 quilômetros, quanto mísseis superfície-ar *Standard SM-2 Block IIIA*¹²⁵, com alcance de 180 quilômetros. A Marinha mexicana adquiriu, além dos *Harpoon*, sistemas supersônicos contra mísseis antinavio RAM *Block II*¹²⁶. O alcance de sistemas antissuperfície de diversos países pode ser visto no apêndice B.

Os casos chileno e mexicano chamam a atenção já que não somente robusteceram seus sistemas ofensivos, como também os sistemas defensivos. É exatamente essa conjugação que se mostra peça chave de uma estratégia defensiva crível A2AD.

São apenas alguns exemplos que atestam que, no contexto atual, o debate sobre dissuasão passa pela ampliação de alcance. No caso brasileiro, dadas as dimensões envolvidas, o debate sobre o alcance desejado dos nossos sistemas é complexo e deve passar por questões diplomáticas e geopolíticas.

Inicialmente convém destacar a adesão do Brasil ao *Missile Technology Control Regime* (MTCR)¹²⁷. O regime, ao qual aderimos em 1995, demanda compromisso dos 35 países signatários de restringir o repasse de tecnologias para o desenvolvimento e produção de sistemas de mísseis e foguetes com alcance superior a 300 km e carga útil superior a 500 quilogramas. Não existe, no entanto, cláusula que impeça que um país desenvolva tais tecnologias de maneira autóctone. Assim, não haveria, em princípio, impedimento legal para que a Base Industrial de Defesa (BID) perseguisse projetos dessa natureza.

Nesse contexto, destacamos o papel da empresa brasileira AVIBRAS. Dedicada à produção de sistemas militares com ênfase em mísseis e foguetes, consagrou-se internacionalmente pelo desenvolvimento do sistema ASTROS de

¹²⁴ Fonte: *Comando Operacional de las Fuerzas Armadas Nacionales Bolivarianas*. Disponível em: https://x.com/dhernandezlarez/status/1792657786981257637?s=48&t=2elqtcPD_KX3h_MfHIdLjV1g. Acesso em: 6 jun. 2024.

¹²⁵ Disponível em: https://www.dsca.mil/sites/default/files/mas/press_release-Chile_21-08_CN.pdf. Acesso em 6 jun. 2024.

¹²⁶ <https://www.dsca.mil/press-media/major-arms-sales/mexico-harpoon-block-ii-missiles-ram-missiles-and-mk-54-torpedoes>. Acesso em: 11 jun. 2024.

¹²⁷ Disponível em <https://www.mtcr.info/en> e https://www.defesanet.com.br/armas/mctr-o-regime-de-controle-de-tecnologia-de-misseis/#google_vignette. Acesso em: 6 jun. 2024.

lançadores múltiplos de foguetes. Mas o desenvolvimento que sobressai em relevância no que diz respeito à defesa da frente Leste é o do seu míssil tático de cruzeiro (MTC) AV-TM-300. O armamento, com grande precisão¹²⁸ e destinado a alvos fixos, possui alcance de 300 quilômetros, ampliando o escopo defensivo brasileiro e trazendo o País finalmente a alcances superiores de sistemas. O investimento na sua versão naval, capaz de atingir alvos móveis, com alcance superior a 300 quilômetros, poderia materializar uma “*Kalibrization*” das forças navais brasileiras em sua busca pela dissuasão efetiva. Tais mísseis deveriam fazer parte não somente do inventário de armamentos dos meios da Esquadra, mas também dos meios distritais (Navios-Patrolha). Poderíamos ainda vislumbrar versões de um MTC conjunto, comum às FA e suas diversas plataformas de lançamento, favorecendo a escala.

Outro movimento importante é seguir com o desenvolvimento do míssil nacional de superfície (MANSUP) pela empresa SIATT/Grupo EDGE, conforme previsto na AEN Força Naval-12. O míssil já é uma realidade e se encontra em desenvolvimento a versão ER com alcance estendido a 200 quilômetros¹²⁹. Vale destacar que essa nova versão representa um salto por passar a utilizar propulsão a turbinas nacionais em substituição ao combustível sólido. O domínio da tecnologia de turbinas pela empresa brasileira Turbo Machine é uma conquista muito significativa e possibilitará, em conjunto à tecnologia de navegação já desenvolvida, ampliar o alcance da família MANSUP nas versões seguintes à ER para distâncias superiores a 800 quilômetros¹³⁰.

Os projetos descritos, demandados pelas FA brasileiras e executados por empresas nacionais, apenas corroboram a capacidade da indústria militar brasileira e a exequibilidade da inserção da MB em um patamar superior em termos de alcance de sistemas ofensivos¹³¹.

À luz do planejamento estratégico naval brasileiro, a ampliação do alcance dos sistemas ofensivos das forças navais traria incremento relevante conforme observado no quadro 7:

¹²⁸ As características do MTC podem ser encontradas em: <http://www.dct.eb.mil.br/index.php/component/content/article?id=136>. Acesso em: 6 jun. 2024.

¹²⁹ <https://www.naval.com.br/blog/2024/03/04/segundo-o-comandante-da-marinha-ultimo-lancamento-do-missil-mansup-obteve-acerto/#:~:text=Em%20novembro%2C%20durante%20o%20Dubai,dos%20EAU%20e%20do%20Brasil>. Acesso em: 11 jun. 2024.

¹³⁰ Após a concretização do projeto TF-1200 *Turbofan*. Disponível em: <https://www.turbomachine.com.br/>. Acesso em: 23 jul. 2024.

¹³¹ No período de 15 a 19 de julho de 2024 o Curso de Política e Estratégia Marítimas da Escola de Guerra Naval teve a oportunidade de visitar diversas empresas nacionais na cidade de São Paulo e no parque industrial de São José dos Campos. O desenvolvimento de turbinas pela *Turbo Machine*, particularmente, merece destaque pela penetração em mercado bastante limitado.

Quadro 7 - Contribuições da ampliação do alcance dos sistemas ofensivos

Atributo	Aderência/Contribuição/Incremento
- Ambientes	Incremento às ações nos três ambientes: Operacional Marítimo, Operacional Ribeirinho e Operacional Terrestre de Interesse Naval
- Campos de Atuação do Poder Naval (CAPN)	Três dos quatro Campos de Atuação: Defesa Naval, Segurança Marítima e Diplomacia Naval
- Capacidades Estratégicas do Poder Naval	Cinco de onze capacidades: Adaptabilidade, Consciência Situacional, Expedicionária, Poder de Combate e Prontidão
- Tarefas Básicas do Poder Naval (TBPN)	Quatro de seis Tarefas Básicas: Negar o Uso do Mar, Projetar Poder, Controlar Áreas Marítimas e Águas Interiores e Realizar Proteção Marítima
- Posturas Estratégicas	Três de quatro posturas: Persuasão, Coerção e Uso da Força
- Efeitos do Poder Naval	<u>CAPN Defesa Naval</u> – nove de onze: Controle de Área Marítima de Interesse, Negação do Uso de Área Marítima de Interesse, Proteção de ICPM, Proteção de LCM, Interdição de LCM, Defesa e Retomada de Ilhas Oceânicas Nacionais, Neutralização de Alvos de Interesse Militar, Garantia das LCF e Controle de Área Terrestre de Interesse Naval <u>CAPN Segurança Marítima</u> – dois de doze: Proteção às ICPM e Proteção às LCM <u>CAPN Diplomacia Naval</u> – três de seis: Proteção de Bens, Recursos e Nacionais no Exterior; Participação em Missões de Paz sob a Égide de Organismos Internacionais; e Fortalecimento da Liderança Estratégica Marítima do País
- Objetivos Estratégicos (OBE)	Seis de onze Objetivos Estratégicos: OBE 1, 2, 3, 4, 5 e 10
- Mitigação de Riscos	<u>Críticos</u> – dois de seis: R1 (degradação da capacidade antissuperfície) e R4 (incapacidade de proteger ICPM, ilhas oceânicas e outras regiões de interesse)

Atributo	Aderência/Contribuição/Incremento
	<u>Elevados</u> – um de três: R9 (degradação da capacidade dos meios distritais)
	<u>Moderados</u> – um de dois: R11 (degradação do poder de combate em ambientes ribeirinhos)
- Elementos de Força	Seis de treze Elementos: Força de Intervenção Marítima, Força de Proteção Marítima, Força de Desgaste, Força de Projeção, Força de Operações Especiais e Força Ribeirinha

Fonte: Autor.

Concluimos que existem dois caminhos identificados para a concretização de uma esquadra de dissuasão não nuclear: a) a ampliação de sistemas missilísticos a alcances superiores a 300 quilômetros, e b) a manutenção daquele alcance. Ambas possuem vantagens e desvantagens. Enquanto a primeira opção nos levaria aos padrões dos países mais robustos, demandaria ampla articulação diplomática a fim de evitar desconfianças, restrições tecnológicas e até mesmo uma indesejável corrida armamentista na América do Sul (dilema da segurança). Já a segunda, mais palatável sob o ponto de vista geopolítico, manteria nosso País com grande dificuldade de dissuasão real contra forças inquestionavelmente superiores, ainda que representasse um grande avanço frente ao atual alcance de nossos sistemas.

Seguiremos com a análise da segunda vertente desejável à esquadra defensiva do século XXI, a capacidade de realizar a PPTM.

6.2.2 A PPTM na MB

No capítulo 5 propusemos uma estratégia naval contemporânea denominada PPTM que assim definimos:

“Projeção de Poder de Terra sobre o Mar” (PPTM) é a denominação de uma nova estratégia naval gerada da conjugação de conceitos de uma *Jeune École* modernizada, acrescidos de fundamentos da estratégia A2AD e de novas ferramentas de precisão, capazes de possibilitar a um Estado costeiro de menor poder naval interferir decisivamente na luta nos mares, inclusive a grandes distâncias, contribuindo com outras forças para a Negação do Uso do Mar (NUM)¹³².

¹³² Observar 5.2.2.

De fato, a análise da postura ucraniana com o emprego da PPTM por meio da Tríade Naval potencializou uma marinha improvável e ocasionou impactos estratégicos bastante consideráveis, como a redução do espírito ofensivo e, até mesmo, o recolhimento da EMN ao porto em função do volume de baixas de meios.

As condições de um possível TO envolvendo a frente Leste em muito pouco se assemelhariam à porção marítima do teatro ucraniano, talvez à exceção da foz do Rio Amazonas em alguns aspectos. Enquanto no Mar Negro observamos um ambiente fechado, com restrito espaço para a manobra de forças, no Atlântico contamos com uma costa em configuração aberta, convexa sob o ponto de vista de uma força oponente em aproximação. Mas a essência da PPTM e sua capacidade de contornar uma assimetria é que trazem aderência ao conceito em outros ambientes.

O que observamos é que os recentes avanços tecnológicos de sistemas de armas tendem a afastar as esquadras dos litorais, como já aconteceu, em termos de princípios, no início do século XX com o desenvolvimento dos torpedos e sua escola estratégica, a *Jeune École*. A fim de se contrapor a tal realidade, a *US Navy*, por exemplo, vem aprimorando seus conceitos operacionais. Uma definição importante desenvolvida foi a de *kill web*¹³³ ou conjunto de capacidades ofensivas das forças navais. Entende-se que, no ambiente conjunto, multidomínios e multimensional, uma marinha tem seu poder potencializado quando seus sistemas ofensivos (cinéticos ou não cinéticos) são somados a outros variados, mas capazes de compor com os seus e garantir a consecução de efeitos. Dessa forma, entendemos que a PPTM vem exatamente nessa filosofia, para ampliar a *kill web* das esquadras (Araujo, 2024).

Assim, no contexto brasileiro, a inserção de sistemas de mísseis antinavio a partir de terra, em conjugação com a incorporação de sistemas ofensivos não tripulados de emprego único (aéreos, de superfície e submarinos) teriam exatamente esse papel de incremento da *kill web* da nossa Esquadra – em um cenário idealizado, já contando com um franco acréscimo de alcance em seus sistemas ofensivos (conforme proposto na seção anterior) e com um SisGAAZ plenamente estabelecido. A figura 21 apresenta uma simulação do incremento de sistemas missilísticos a partir de terra para a defesa da frente Leste. Traz ainda importante comparação entre as coberturas proporcionadas por sistemas visualizados com alcances de trezentos e mil quilômetros.

¹³³ Conjunto de todas as capacidades de ataque de uma esquadra (EUA, 2020).

Mais uma vez surge o debate de se tais incorporações seriam aderentes à vertente científico-tecnológica do nosso Poder Nacional. Novamente recorremos ao exemplo do MTC da AVIBRAS, do MANSUP da SIATT/EDGE e destacamos a redução do intervalo de tempo em que tecnologias de ponta se tornam acessíveis a países de menor orçamento militar. Hoje o míssil MTC já é parte do sistema ASTROS, já operado pelo Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) para lançamento de foguetes. Resta um projeto de médio prazo que produza a sua versão antissuperfície, embarcada ou por meio de lançadores de terra. Para o MANSUP, observamos o desafio de uma versão lançada a partir de viaturas em terra.

Assim, no que diz respeito ao emprego de mísseis a partir de terra, interferindo na guerra naval, os FN já estrategicamente distribuídos na costa brasileira, organizados nos Grupamentos de Fuzileiros Navais (GptFN), poderiam passar a Batalhões de Operações Litorâneas (BtlOpLit) atuando francamente na PPTM.

Com relação aos meios não tripulados navais, avaliamos que a Esquadra brasileira deva, em breve, organizar um Esquadrão específico para esse fim, congregando capacidades de reconhecimento e vigilância, mas, principalmente, o emprego dos ERPEU e ERPEUS, ambos ofensivos.

Por fim, com relação às ARP, visualizamos uma divisão de capacidades, permanecendo o 1º Esquadrão de Aeronaves Remotamente Pilotadas vocacionado ao incremento da consciência situacional das forças navais, por meio de sistemas mais complexos, enquanto o Batalhão de Combate Aéreo da Força de Fuzileiros da Esquadra evoluiria para o emprego de ARPEU, além de seguir operando meios de reconhecimento de menor complexidade.

A PPTM tem um grande potencial de contribuir para a busca da dissuasão plena e, ao que tudo indica, com dotação orçamentária relativamente baixa. Passaremos a essa análise.

A doutrina da MB se encontra em evolução, decorrência da nova sistemática de pensamento estratégico já apresentada. Dessa forma, o documento Doutrina Militar Naval (DMN) teve atualizados seus capítulos 1 e 2 por meio da publicação Fundamentos Doutrinários da Marinha. De qualquer maneira, a DMN ao tratar das TBPN, mais especificamente sobre NUM e CAM, apresentava efeitos desejados para cada uma delas. Ainda que a FDM não mais apresente efeitos das TBPN, mas dos CAPN, entendemos que as ideias permanecem válidas. Assim, em uma primeira análise, decorrente da DMN, podemos constatar:

Quadro 8 – Aderência da PPTM aos efeitos desejados da NUM e do CAM

TBPN (DMN)	Efeito Desejado	Aderência da PPTM
NUM	- Destruição ou neutralização das forças hostis	Sim
	- Ataque às LCM inimigas	Sim
	- Conquista de áreas terrestres que controlem áreas de trânsito ou que permitam a instalação de bases de apoio para a proteção de nossas LCM	Sim
CAM	- Provimento de áreas de operações seguras para projeção de poder sobre terra	Sim
	- Provimento de segurança às LCM	Sim
	- Provimento de segurança à exploração e ao aproveitamento dos recursos do mar	Sim
	- Garantia da preservação dos recursos naturais na ZEE	Sim
	- Impedimento do uso de área marítima ou ilhas oceânicas, pelo inimigo, como apoio logístico ou para projetar seu poder sobre território ou área que se deseja proteger	Sim

Fonte: Autor¹³⁴.

Já em decorrência da análise da EDM, podemos verificar quanto à PPTM:

Quadro 9 - Contribuições da PPTM para as forças navais brasileiras

Atributo	Aderência/Contribuição/Incremento
- Ambientes	Incremento às ações nos três ambientes: Operacional Marítimo, Operacional Ribeirinho e Operacional Terrestre de Interesse Naval
- Campos de Atuação do Poder Naval (CAPN)	Três dos quatro Campos de Atuação: Defesa Naval, Segurança Marítima e Diplomacia Naval
- Capacidades Estratégicas do Poder Naval	Oito de onze capacidades: Adaptabilidade, Consciência Situacional, Expedicionária, Mobilidade, Permanência, Poder de Combate, Presença e Prontidão

¹³⁴ Com informações de Brasil (2017).

Atributo	Aderência/Contribuição/Incremento
- Tarefas Básicas do Poder Naval (TBPN)	Quatro de seis Tarefas Básicas: Negar o Uso do Mar, Projetar Poder, Controlar Áreas Marítimas e Águas Interiores e Realizar Proteção Marítima
- Posturas	Três de quatro posturas: Persuasão, Coerção e Uso da Força Estratégicas
- Efeitos do Poder Naval	<u>CAPN Defesa Naval</u> – nove de onze: Controle de Área Marítima de Interesse, Negação do Uso de Área Marítima de Interesse, Proteção de ICPM, Proteção de LCM, Interdição de LCM, Defesa e Retomada de Ilhas Oceânicas Nacionais, Neutralização de Alvos de Interesse Militar, Garantia das LCF e Controle de Área Terrestre de Interesse Naval <u>CAPN Segurança Marítima</u> – dois de doze: Proteção às ICPM e Proteção às LCM <u>CAPN Diplomacia Naval</u> – três de seis: Proteção de Bens, Recursos e Nacionais no Exterior, Participação em Missões de Paz sob a Égide de Organismos Internacionais e Fortalecimento da Liderança Estratégica Marítima do País
- Objetivos	Seis de onze Objetivos Estratégicos: OBE 1, 2, 3, 4, 5 e 10
- Mitigação de Riscos	<u>Críticos</u> – dois de seis: R1 (degradação da capacidade antissuperfície) e R4 (incapacidade de proteger ICPM, ilhas oceânicas e outras regiões de interesse) <u>Elevados</u> – um de três: R9 (degradação da capacidade dos meios distritais) <u>Moderados</u> – um de dois: R11 (degradação do poder de combate em ambientes ribeirinhos)
- Elementos de Força	Seis de treze Elementos: Força de Intervenção Marítima, Força de Proteção Marítima, Força de Desgaste, Força de Projeção, Força de Operações Especiais e Força Ribeirinha

Da análise, julgamos pertinente ressaltar que a PPTM pode atuar como elemento mitigador de riscos críticos identificados pela EDM, bem como possibilitar, conjuntamente com o aumento do alcance dos sistemas ofensivos da Esquadra, chegar à capacidade dissuasória crível amplamente enfatizada pelo nível político.

6.2.3 Reflexão sobre um Conceito Operacional para a defesa da Frente Leste: revisitando modelo de defesa em camadas

A análise da reformulação do pensamento estratégico naval brasileiro nos parece no caminho correto. Mas a inspiração em países com mais experiência no desenvolvimento de capacidades de combate, após as devidas adaptações, pode contribuir. No caso específico dos EUA, Araujo (2024) nos lembra que existe um caminho denominado “desenvolvimento de combate” que, resumidamente, passa pela proposição de um Conceito Operacional entre os documentos de alto nível e a definição das capacidades. É esse conceito que permite a descoberta de imperfeições que necessitam correção por meio da ampliação de capacidades ou da criação de novas. Ou seja, entre o estabelecimento da concepção estratégica e os efeitos e capacidades, deve existir um conceito operacional que seja o integrador das capacidades para um cenário mais perigoso possível. As capacidades idealizadas para tal cenário permitirão ao País se contrapor aos demais, de menor vulto.

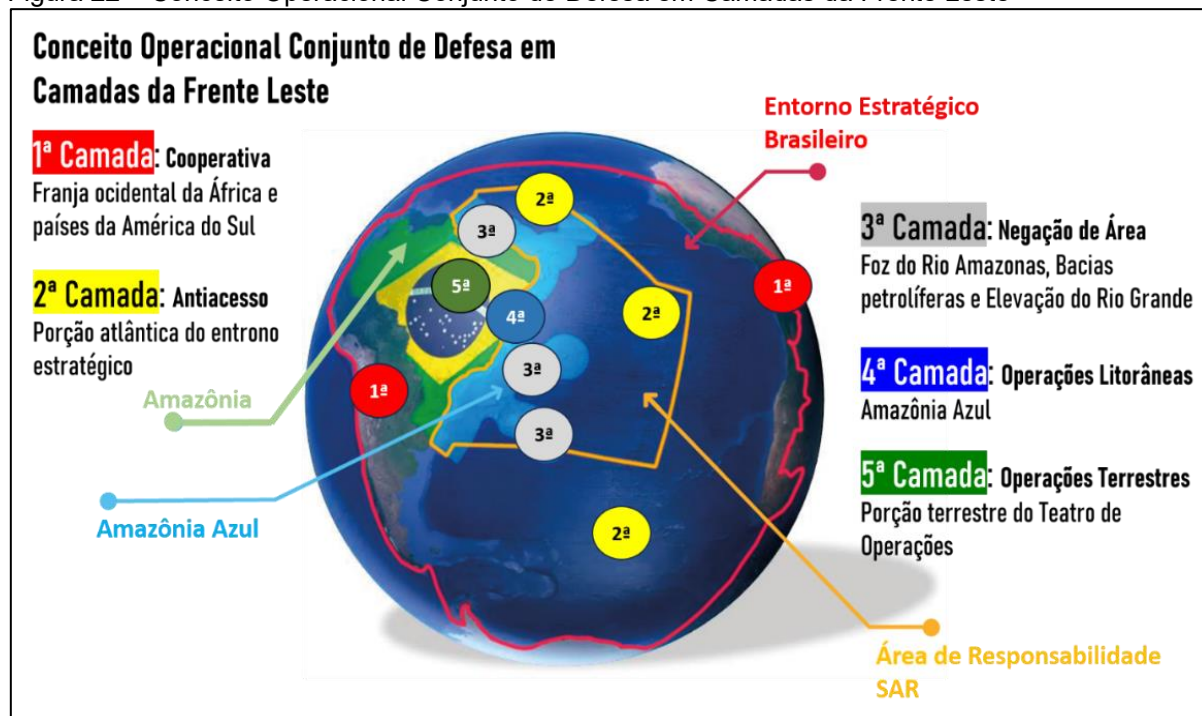
Seguindo essa linha de raciocínio, entendemos que estamos em um momento de transição tecnológica, oportuno a trabalhar um conceito operacional conjunto voltado especificamente para a defesa da frente Leste (aí incluídas as LCM e a Amazônia Azul). Enfatizamos que não é escopo deste trabalho propor o conceito na sua plenitude, mas apresentar o raciocínio e as sementes, incorporando as oportunidades identificadas no Mar Negro.

Dos estudos realizados, decidimos visitar o modelo de defesa em camadas proposto em 2011 pelo Vice-Almirante (FN) Renato Rangel Ferreira¹³⁵, e complementado em 2018. Ao modelo foram incorporadas as sínteses deste trabalho, com os dois pontos de destaque: a) a necessidade vital de ampliação do alcance das capacidades ofensivas da Esquadra (mísseis), e b) a incorporação dos conceitos da PPTM. Foi ainda considerado que a realidade atual da guerra é multidomínios e

¹³⁵ Ferreira (2011; 2018).

multidimensional, o que faz com que o ambiente informacional permeie todas as camadas defensivas em igual proporção. O Conceito Operacional Conjunto de Defesa em Camadas da Frente Leste que propomos está representado na figura 22.

Figura 22 – Conceito Operacional Conjunto de Defesa em Camadas da Frente Leste



Fonte: Autor¹³⁶.

Da época do desenvolvimento do modelo anterior até o momento atual, observamos justamente a transição tecnológica que embasa as duas sugestões de aprimoramento que apresentamos, ambas contemplando a incorporação de sistemas de armas de maior precisão e alcance e considerando como premissa que o SisGAAz, projeto prioritário da MB, será uma realidade. Aquele sistema é vital para permitir às duas novas estratégias apresentadas (esquadra de dissuasão não nuclear pelo aumento do alcance dos sistemas ofensivos e a PPTM) os pré-requisitos imprescindíveis (detecção/aquisição de alvos e consciência situacional).

Vale destacar que entendemos que o modelo em camadas permeado pela visão A2AD nos parece o mais adequado à realidade da frente Leste por ter aderência aos três elementos fundamentais destacados por Tangredi (2013): o entendimento de que o agressor terá capacidade estratégica superior, a preponderância da geografia e a predominância marítima do TO.

¹³⁶ Adaptado de Ferreira (2011; 2018).

Da mesma maneira que o modelo anterior, também propomos cinco camadas, porém redimensionadas espacialmente em função da inserção das novas capacidades, bem como da incorporação de importantes ferramentas por parte do Exército Brasileiro (EB) e da Força Aérea Brasileira (FAB). Mais especificamente, estamos falando do desenvolvimento de mísseis guiados para o Sistema ASTROS e a operacionalização do MTC, bem como do recebimento das aeronaves Gripen, ambos com potencial de contribuir para a ampliação da *kill web* da Esquadra brasileira.

Passaremos a apresentar a concepção por camadas. Um resumo pode ser encontrado no apêndice C.

A 1ª camada, a Cooperativa, se caracteriza pelas porções terrestres da franja ocidental africana e países da América do Sul e Caribe, até os limites do entorno estratégico. Nessa camada predomina o Ambiente Operacional Terrestre de Interesse Naval (ainda que no conflito essa camada tenha a possibilidade de abrigar ações de Defesa Naval como a NUM) e a diplomacia naval sobressai sobre os demais CAPN. Em termos de capacidades estratégicas, na normalidade predominam a Consciência Situacional fundamental à antecipação de crises, bem como a construção sólida de relacionamentos por meio da Cooperação e Presença. Essa última pode ser materializada pela atuação de Grupos de Assessoramento Técnico (GAT), exercícios e demais intercâmbios e parcerias. Com relação às TBPN, em situação de conflito preponderará a Projeção de Poder a fim de permitir ações de PPTM em proveito da proteção das LCM. A postura estratégica predominante na normalidade será a Cooperativa, mas na crise pode evoluir para a Persuasiva, já que o Poder Nacional contará com as ferramentas dissuasórias necessárias a apoiar o campo diplomático. O principal efeito visualizado é o da Influência no Ambiente Operacional tendo destaque o atendimento do OBE 10 (Exercer a Diplomacia Naval). Os Elmf predominantes nesta camada serão: C5ISVR e Operações Especiais. A camada prevê ainda ampla oportunidade de participação das demais FA, principalmente na fase da normalidade.

A 2ª camada, também denominada Camada Antiacesso, abrange a desafiadora imensidão do Oceano Atlântico entre a costa africana e a Amazônia Azul. O ambiente é claramente Operacional Marítimo e haverá predominância dos CAPN Defesa Naval e Segurança Marítima, amplamente associadas a: a) dissuadir ou repelir forças navais antagônicas; e b) proteger as LCM. As principais capacidades estratégicas são a Mobilidade, o Poder de Combate e a Prontidão, em proveito das TBPN NUM e

Proteção Marítima. As posturas predominantes variam da Coerção até o Uso da Força. Os efeitos são aqueles oriundos da NUM e da Proteção de LCM, agora potencializados pelo alcance estendido dos sistemas ofensivos (mísseis de médio alcance a partir de meios navais e de posições estratégicas em terra e em ilhas oceânicas). Predominam os OBE 1 (Sobrepular Ameaças Estatais no Ambiente Marítimo) e 4 (Preservar as LCM). Destacam-se os ElmF: Força de Desgaste e Intervenção Marítima. Nessa camada a presença da FAB é fundamental tanto em apoio à consciência situacional, como nas ações de combate.

A 3ª camada, Camada de Negação de Área, inclui as duas áreas às quais a END reputa “atenção especial”, quais sejam, a foz do Rio Amazonas e as Bacias Petrolíferas ao largo da região Sudeste, acrescidas da ERG. Esse acréscimo se dá em função da sua inserção nas AJB¹³⁷. O ambiente predominante é o Operacional Marítimo, ainda que ações de PPTM possam ocorrer a partir de terra. Destaca-se o CAPN Defesa Naval e as capacidades estratégicas Expedicionária, Mobilidade e Poder de Combate. As principais TBPn identificadas são o CAM e Projetar Poder por meio de OpAnf. Com a adoção das posturas de Coerção e Uso da Força, se pretende atingir os efeitos de CAM e, também, a Proteção de ICPM. Os OBE prioritários nesta camada são o OBE 1, 2 (Assegurar os Direitos de Soberania na Amazônia Azul) e 3 (Proteger as ICPM). Os principais ElmF presentes serão: Força de Intervenção Marítima e Força de Projeção. A atuação das demais FA será fundamental ao plano de fogos conjunto para a defesa dessas áreas prioritárias.

A 4ª camada, de Operações Litorâneas, será caracterizada pela Amazônia Azul propriamente dita, incluindo os arquipélagos e ilhas oceânicas. A ampliação dos sistemas ofensivos tem o potencial de “encurtar distâncias”. Assim, veremos nesta camada não somente mísseis a partir de terra e ilhas, mas a partir de meios navais de menor porte como os Navios-Patrolha. Predominarão os ambientes Operacional Marítimo e Terrestre de Interesse Naval. O CAPN principal é a Defesa Naval, e a proteção das LCM ainda será fundamental. As principais capacidades estratégicas identificadas são Cooperatividade, Expedicionária, Poder de Combate e Resiliência. Visualizam-se as TBPn NUM e Projetar Poder (OpAnf em defesa ou retomada de ilhas oceânicas e PPTM). A postura estratégica será a do Uso da Força a fim de buscar os efeitos de NUM e Defesa e Retomada de Ilhas Oceânicas nacionais. Os OBE serão

¹³⁷ Ao que tudo indica, a futura edição da END contemplará a ERG como terceira área prioritária.

1, 2 e 3. Destacam-se os seguintes ElmF: Força de Proteção Marítima, Guerra de Minas e Projeção. Espera-se a presença intensa das demais FA nesta camada.

A 5ª e última camada, de Operações Terrestres de Interesse Naval, será caracterizada pela porção terrestre do TO que, à luz da doutrina vigente, inclui as ICPM e demais áreas necessárias ao funcionamento de um teatro predominantemente marítimo. O CAPN predominante é o da Defesa Naval e vislumbramos as seguintes capacidades estratégicas predominantes: Cooperatividade, Presença e Resiliência. A TBPN predominante é a Projeção de Poder, principalmente por meio da PPTM. A postura de Uso de Força se destaca nesta camada já que se trata da última camada defensiva do TO. Os efeitos principais se relacionam à Neutralização de Alvos de Interesse Militar e se destacam os ElmF de Projeção e Operações Especiais. A atuação conjunta com as demais FA sobressai nesse momento, inclusive em preparação para uma futura preponderância da Força Terrestre em caso de queda do TO e ativação das ações nas Zonas de Defesa.

Enfatizamos que todos os esforços ocorrem de forma conjunta por meio do Estado-Maior Conjunto, amparado pelas ferramentas de comando e controle e de consciência situacional das três FA e do Ministério da Defesa.

6.3 SÍNTESE FINAL

Ao longo desta pesquisa, pudemos identificar na porção marítima do TO da Guerra da Ucrânia duas estratégias navais contemporâneas com potencial de aplicabilidade a outras marinhas, mesmo que em cenários geopolíticos distintos. Empregada pela Marinha da Rússia, a estratégia denominada “*Kalibrization*” de ampliação do alcance ofensivo de sua EMN trouxe como efeito o afastamento das forças navais da OTAN por meio da materialização plena de uma esquadra de dissuasão não nuclear. Já por parte da Ucrânia, identificamos o que denominamos de estratégia de Projeção de Poder de Terra sobre o Mar, por meio da qual, empregando uma tríade de novas capacidades militares, foi possível atenuar as assimetrias entre duas marinhas díspares.

No presente capítulo, de encerramento de desenvolvimento do trabalho, buscamos transportar essas duas estratégias navais contemporâneas, mas derivadas de estratégias navais clássicas como a Batalha Decisiva e a *Jeune École*, para a

realidade brasileira predominantemente defensiva. Buscamos, para tanto, identificar a aderência desde os documentos de Defesa de mais alto nível, passando pelos documentos navais e culminando na EDM. A análise nos permitiu: a) concluir como aderentes as lições importantes do Mar Negro, mesmo que oriundas de ambiente geográfico e marinhas tão distintas, e b) a evolução estratégica naval brasileira recente parece caminhar no sentido correto, ainda que tenham sido identificadas oportunidades de aprimoramento a partir das lições da guerra. As sugestões de Aprimoramento se encontram consolidadas no apêndice D.

Dessa maneira, foi possível concluirmos que um país de postura defensiva e com um desafio estratégico imenso, materializado na frente Leste ou marítima, precisa se manter fiel à busca pela dissuasão convencional efetiva. Essa dissuasão, em um mundo em evolução tecnológica que caminha a ritmo acelerado, não pode prescindir dos avanços proporcionados pelos mísseis de precisão e longo alcance e pelos diversos meios não tripulados que, como vimos, têm estado à disposição de países periféricos em intervalo de tempo cada vez menor.

Por fim, defendemos que a defesa da frente Leste do Brasil, incluindo a defesa da nossa Amazônia Azul e das LCM, imprescindíveis à vida Nacional, passa pelo desenvolvimento de um Conceito Operacional Conjunto de Defesa em Camadas, que complemente o processo de Planejamento Baseado em Capacidades. Esse conceito, apontando um adversário fictício, mas devidamente dimensionado, proporcionará a argamassa que ligará todas as capacidades de defesa do País e contribuirá decisivamente para o atendimento da Ação Estratégica Naval “Implantar um Sistema de Defesa Proativo da Amazônia Azul”, do Objetivo Naval “Contribuir para a Defesa da Pátria” e dos demais objetivos políticos. Deverá, acima de tudo, pautar-se pelo desenvolvimento de uma mentalidade de luta assimétrica, apoiada por tecnologia e inovação, com implicações nos planos doutrinário e organizacional, e levar em consideração as lições do Mar Negro.

7 CONCLUSÃO

O propósito desta pesquisa foi, a partir da investigação de como interagiram as estratégias navais – preparo e emprego – da Rússia e da Ucrânia para o Mar Negro, no período de 2022 a 2024, chegar a conclusões sobre a relação entre a utilização de novas tecnologias em postura estratégica defensiva pelo mais fraco e a assimetria naval. E, a partir das reflexões sugeridas pela investigação, apresentarmos propostas de interesse da MB. Apresentaremos, neste capítulo conclusivo, as linhas gerais de nossas propostas.

Analizamos as interações entre as estratégias das forças navais antagônicas nos diversos níveis de condução do emprego das Forças Armadas, mas com destaque ao par estratégico-operacional.

A inquietação que nos pareceu predominante foi se o conflito naval poderia nos trazer inspiração para a superação de assimetrias entre forças navais, posto que se trata, em nosso entendimento, do grande desafio estratégico brasileiro na defesa da sua soberania no espaço geográfico que denominamos “frente Leste”.

Desde o início, entendemos que uma entrada abrupta nos acontecimentos da guerra da Ucrânia não nos parecia o melhor caminho. Em função da relevância de se conhecer os pensamentos políticos que desaguaram nas ações navais, concluímos fundamental que a primeira seção construísse uma caracterização histórica seguida de uma análise geopolítica. Foi possível, ao final do capítulo, adquirir consciência sobre a evolução da guerra até meados de 2024, em fidelidade à delimitação proposta.

Na seção seguinte caracterizamos o pensamento político do líder russo, desde seus anseios pela busca da relevância geopolítica nacional de outrora, até sua decisão de enfrentamento à OTAN. Essa decisão, que foi sendo construída ao longo de sua trajetória, desaguou em diversas orientações estratégicas, uma das quais apareceu fortemente no Mar Negro e nos chamou a atenção, à luz do propósito da pesquisa: a construção de uma esquadra de dissuasão não nuclear. Isso foi possível por meio da “missilização” da Esquadra do Mar Negro, mais especificamente por meio da introdução do míssil *Kalibr*. Trata-se de vetor multiplataformas (pode ser lançado de meios navais, aeronavais e terrestres), multimissão (atinge alvos no mar ou em terra) e de longo alcance. Inspirados por Menks e Petersen (2022), nos referimos ao processo como “*Kalibrization*” da esquadra russa, que logrou êxito em manter afastadas as forças navais da OTAN.

Análise similar dedicamos à Ucrânia na seção seguinte. O estudo do pensamento político de Volodymyr Zelensky foi fundamental para a compreensão de como foi possível desenvolver uma semente de pensamento assimétrico na marinha ucraniana – ou o que restava dela no início do conflito. Foi esse pensamento assimétrico que conduziu suas ações para o enfrentamento de uma esquadra esmagadoramente superior pela utilização inovadora de uma conjunção de novos meios, aproveitando-se do momento de transição tecnológica. Naquele capítulo apresentamos como uma Tríade Naval Ucraniana foi construída por meio do emprego coordenado de mísseis antinavio lançados de terra e aeronaves e embarcações remotamente pilotadas ofensivas de emprego único. Mostramos os resultados surpreendentes que alcançou, materializados pelo afundamento, destruição ou neutralização de cerca de 30% dos meios da EMN.

As duas seções anteriores – somente possíveis a partir da caracterização da seção inicial –, nos permitiram chegar ao processo dialético que idealizamos desde a concepção desta pesquisa. Não nos parecia adequado simplesmente analisar as ações e apresentar conclusões diretas, sem que houvesse uma etapa intermediária de traduzir no papel as interações ocorridas. A ferramenta científica selecionada para chegar às ilações foi o emprego do Método Dialético, um processo de interações entre teses e antíteses levando às almejadas sínteses, surgidas a partir de observação concreta das realidades opostas.

Diversas considerações relevantes foram percebidas, sendo por nós avaliado importante recordar: o nascimento do Líder Novo (a partir do Líder Improvável) e sua decisão de enfrentar o inimigo superior que, em última análise, impactou a guerra tanto no campo terrestre quanto no mar; e o surgimento de uma nova forma de fazer a luta naval, inspirada nas estratégias clássicas da *Jeune École* e do Desgaste, que desaguou no fenômeno da “litoralização” da robusta EMN.

Aproveitando os ensinamentos obtidos dos ucranianos, ousamos apresentar o conceito de uma nova estratégia naval contemporânea, por nós batizada de Projeção de Poder de Terra sobre o Mar (PPTM). A PPTM foi por nós definida como:

Uma nova estratégia naval gerada da conjugação de conceitos de uma *Jeune École* modernizada, acrescidos de fundamentos da estratégia A2AD e de novas ferramentas de precisão, capazes de possibilitar a um Estado costeiro de menor poder naval interferir decisivamente na luta nos mares, inclusive a grandes distâncias, contribuindo com outras forças para a Negação do Uso do Mar (NUM).

Seguindo a pesquisa, desaguamos na seção final. Operamos a transposição do que observamos no espaço confinado do Mar Negro para a imensidão da frente Leste brasileira e as conclusões nos pareceram aderentes e promissoras. Caracterizamos o enorme desafio estratégico do Brasil, bem como sua materialização nos documentos de alto nível de defesa e internos da MB. Ficou evidente a prioridade político-estratégica da busca pela dissuasão. Após tal caracterização, partimos para a simulação teórica em nosso problema defensivo das duas estratégias que sobressaíram dos capítulos anteriores: a esquadra de dissuasão não nuclear e a PPTM. O resultado, em nossa percepção, foi de uma aderência à doutrina vigente, bem como um potencial de contribuição com os objetivos estratégicos atuais, particularmente pelo incremento dissuasório. Trouxe ainda oportunidades de aprimoramento de documentos de alto nível, sugeridas no apêndice D.

Foi justamente essa aderência que nos estimulou a galgar um passo a mais, revisitando um modelo de defesa da Amazônia Azul em camadas proposto por Ferreira (2011; 2018). Após a inserção das duas estratégias destacadas àquele modelo foi possível chegar às sementes de um futuro Conceito Operacional Conjunto de Defesa em Camadas.

Aproximando-nos do final desta enriquecedora jornada, algumas considerações parecem importantes.

Inicialmente, uma pergunta rondou nosso pensamento: como, na contemporaneidade, dissuadir oponentes muito superiores? Constatamos que, à luz do que ensina a história naval, confirmada pelo que vimos no Mar Negro, esquadras convencionalmente pensadas não são garantias absolutas em períodos de significativas transformações tecnológicas. As boas marinhas contemporâneas precisam aceitar o convite de incorporar os saltos tecnológicos, acompanhados pela inserção nas lideranças de todos os níveis de uma mentalidade de enfrentamento assimétrico. Então, no nosso entendimento, a espinha dorsal das marinhas, as esquadras convencionalmente pensadas, serão potencializadas em suas pretensões dissuasórias se promoverem reflexão e incorporação do par transformações tecnológicas e mentalidade assimétrica em suas doutrinas e práticas.

Vimos ainda que as interações navais no Mar Negro nos mostraram que existe uma certa persistência de conceitos trazidos pelas estratégias clássicas da guerra no mar. Assim, fique claro, não temos dúvida que as novas tecnologias que sobressaíram serão confrontadas por contramedidas. Foi assim com o surgimento do torpedo, do

submarino, da aviação embarcada e tantas outras ferramentas disruptivas nas batalhas navais e, a nosso ver, será também com a Tríade Naval. Terão seu peso relativo diminuído, mas elas próprias sofrerão processo regenerativo, retomando vantagens em um ciclo persistente. O que sobressai das ilações é, acima de tudo, a ideia de que é possível buscar, na modernidade, absorver dos saltos tecnológicos as ferramentas de baixo custo e grande poder de destruição na luta por superar a assimetria entre forças navais, conjugando conceitos clássicos.

Outro ponto que citamos é que a hegemonia estadunidense no mar pós-Guerra Fria (1948 – 1989) parecia indicar uma impossibilidade de contestação naval por força reduzida. Mas o advento da tecnologia, cada vez mais acessível – até mesmo a atores não estatais – vem dando sinais que contrariam tal suspeita, mais marcadamente em áreas litorâneas e mares interiores. Em anos anteriores, o mundo testemunhou ações do Hezbollah contra meios navais israelenses e, no transcurso desta pesquisa, dos Houthis iemenitas contra meios navais dos Emirados Árabes Unidos e navios mercantes. Essas ações, em escala reduzida e conduzidas por atores não estatais, convergem com um dos focos desta pesquisa, que foi a elevação desse tipo de conduta assimétrica a um novo patamar de resultados estratégicos e levada a efeito pelos ucranianos. Investigamos a exploração de transições tecnológicas por atores estatais detentores de marinhas mais fracas. Os casos citados neste parágrafo sugerem que investigações sobre a apropriação efetiva de tecnologias em momentos de transição por atores não estatais podem fazer surgir reflexões interessantes, o que, então, indicamos para pesquisas futuras.

No que diz respeito ao pensamento naval, julgamos oportuno enfatizar que a realidade brasileira demanda a busca por uma mentalidade de superação de assimetria a fim de tornar efetiva a dissuasão pretendida pelo nível político. Se o nosso maior desafio apontado nos documentos de mais alto nível é a luta pela manutenção da soberania no Atlântico Sul contra ameaça inquestionavelmente superior, faz sentido nos colocarmos no papel da marinha assimetricamente desfavorável. Assim, surge a importância de educar as lideranças navais do futuro no “pensar assimétrico”, explorando as tecnologias em evolução constante. Quando apresentamos a seção dedicada à Ucrânia, vimos que os Oficiais navais poderiam simplesmente ter encerrado o papel de sua marinha no conflito, já que seus meios navais foram destruídos. No entanto, contrariamente, arquitetaram sua luta e vislumbraram novos caminhos. Até o encerramento desta pesquisa, o resultado foi notável. O grande

desafio – e não somos ingênuos de acreditar na simplicidade dele – talvez seja como preparar as lideranças navais para conjugar o pensamento naval convencional com o “pensar assimétrico”; quando decidir pelo domínio de um em detrimento do outro; ou como decidir por que formas e pesos nas infinitas combinações possíveis. E essa reflexão também legamos para investigações futuras.

Foi a partir dessas considerações que concluímos como positiva a questão lançada. Estratégias observadas no Mar Negro, ainda que em ambiente peculiar e distinto, possuem clara aplicação a outros cenários, particularmente naquele que materializa o desafio estratégico brasileiro de assegurar a soberania no Atlântico.

O litoral de enormes proporções, com escassa presença de ilhas, nos leva à conclusão de que, similarmente aos russos no período pré-Guerra da Ucrânia, precisamos buscar continuamente o desenvolvimento e a manutenção de uma esquadra de dissuasão não nuclear crível. Essa credibilidade será – é o que sustentamos – potencializada pela dotação de mísseis de médio alcance que permitam, em primeira análise, dissuadir aventuras bélicas oponentes. Em uma situação em que a dissuasão não se materialize, o poder ofensivo dessa esquadra missilística proporcionará um afastamento de forças antagônicas da nossa costa, que não necessita ser infinito, mas aquele suficiente para dificultar operações de afronta às nossas ICPM e outras ações agressivas em terra. O oponente precisaria estar tão distante que os custos operacionais e logísticos das ações de intervenção em terra seriam muito elevados. Exemplificamos pela dificuldade de abastecer forças anfíbias em terra e utilização de aeronaves no limite dos seus raios de ação.

Essa esquadra dotada de meios adequados e sob a premissa de contar com um SisGAaz implementado e vocacionado não somente ao monitoramento, mas ao comando e controle de um teatro marítimo, seria a ferramenta principal das camadas externas do modelo de defesa em profundidade proposto. A participação das aeronaves de vigilância e de ataque da FAB teria papel imprescindível e essa esquadra de dissuasão deveria ser umbilicalmente ligada aos vetores do poder aéreo nacional, tanto para designar-lhe os alvos quanto para sua própria proteção.

Nas camadas mais internas, a estratégia da PPTM teria o valor de incrementar o conceito de *killweb* das nossas divisões navais em operações. Sistemas de mísseis antinavio poderiam ser posicionados nas ilhas, nas posições estratégicas na nossa costa e, até mesmo, em pontos de estrangulamento no exterior, em proteção às nossas LCM por meio de ações em coalizão. As capacidades missilísticas

expedicionárias do CFN (posições de difícil acesso, ilhas e posições no exterior pelos Batalhões de Defesa Litorânea) e do EB (costa em geral) seriam complementares. A eles seriam adicionados os meios não tripulados ofensivos de emprego único (ARPEU e ERPEU/ERPEUS), materializando o surgimento de uma Tríade Naval brasileira em ação de PPTM. Como abordado, contramedidas às vulnerabilidades desses sistemas já se encontram em desenvolvimento, mas isso vem acompanhado de inovações nos próprios sistemas em uma competição incremental que parece não ver um final futuro próximo.

A reflexão ampla que decanta da pesquisa é que, quando existencialmente ameaçados, Estados vêm se comportando de maneira diferente ao longo da história. Alguns entram em estado de desânimo e sucumbem antes da luta. Outros decidem resistir. Vimos uma marinha praticamente inexistente se contrapor a uma marinha de primeira linha, rica em recursos bélicos e ampla tecnologia, enfrentando franca e decididamente a assimetria.

Acreditamos que o melhor das marinhas russa e ucraniana no contexto da Guerra da Ucrânia, integrados em um salto de interoperabilidade por meio de um Conceito Operacional Conjunto de Defesa em Camadas da frente Leste e o desenvolvimento de uma mentalidade assimétrica, são o futuro da garantia da nossa soberania no mar e, por conseguinte, as grandes sínteses deste trabalho.

Essa combinação aponta a força naval defensiva desejada para o século XXI: uma força de dissuasão estratégica, capaz de superar clara assimetria atuando em camadas, apoiada em tecnologia e inovação, mantendo afastadas forças navais superiores pela letalidade de seus sistemas ofensivos múltiplos, conjugados de mar e terra.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Ricardo. **A Volatilidade Internacional e o *Design* de Forças: o Desafio da Resposta Organizacional Adaptativa**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2024.

ASCHERSON, Neal. ***Black Sea, Coasts and Conquests, from Pericles to Putin***. Londres: *Vintage Books*, 2015. E-book.

AXE, David. ***Ukraine has four Marine Brigades. It has packed all of them into a 10-mile sector***. Columbia: *Forbes*, 2023. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/davidaxe/2023/08/04/ukraine-has-four-marine-brigade-s-it-has-packed-all-four-into-a-10-mile-sector/?sh=4f0fbb422068> . Acesso em: 7 abr. 2024.

BARROS; SILVA. **Os Impactos da Guerra Russo-Ucraniana na geopolítica Ásia-Pacífico**. Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2022.

BOLTENKOV, Dmitry. ***The Russian Marine Corps. Centre for Analysis of Strategics and Technologies***. Moscou: CAST, 2016. Disponível em: <http://cast.ru/eng/products/articles/the-russian-marine-corps.html> . Acesso em: 4 mar. 2024.

BRASIL, Marinha do Brasil. **Dois Anos do Conflito Rússia x Ucrânia**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2024.

BRASIL, Marinha do Brasil. **Doutrina Militar Naval**. Brasília: Estado-Maior da Armada, 2017.

BRASIL, Marinha do Brasil. **Estratégia de Defesa Marítima (EDM)**. Brasília: Estado-Maior da Armada, 2023a.

BRASIL, Marinha do Brasil. **Estudo sobre o Conflito Rússia e Ucrânia**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2022.

BRASIL, Marinha do Brasil. **Fundamentos Doutrinários da Marinha (FDM)**. Brasília: Estado-Maior da Armada, 2023b.

BRASIL, Marinha do Brasil. **Plano Estratégico da Marinha (PEM 2040)**. Brasília: Estado-Maior da Armada, 2020a.

BRASIL, Marinha do Brasil. **Política Naval**. Brasília: Estado-Maior da Armada, 2019.

BRASIL, Marinha do Brasil. **Portfólio Estratégico da Marinha**. Brasília: Estado-Maior da Armada, 2023c.

BRASIL, Marinha do Brasil. **Um Ano do Conflito Russo-Ucraniano**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2023d.

BRASIL, Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa**. Brasília: Ministério da Defesa, 2020b. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy_of_estado-e-defesa/pnd_end_congresso_.pdf. Acesso em 25 mai. 2024.

BRASIL, Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas**. Brasília: Ministério da Defesa, 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/doutrina/md35-G-01-glossario-das-forcas-armadas-5-ed-2015-com-alteracoes.pdf/view>. Acesso em: 10 jun. 2024.

BRASIL, Ministério da Defesa. **Livro Branco de Defesa Nacional**. Brasília: Ministério da Defesa, 2020c. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/estado_e_defesa/livro_branco/Versaodolivroemporugues2020.pdf. Acesso em 25 mai. 2024.

BRASIL, Ministério da Defesa. **Política Nacional de Defesa**. Brasília: Ministério da Defesa, 2020d. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy_of_estado-e-defesa/pnd_end_congresso_.pdf. Acesso em 25 mai. 2024.

BRAW, Elisabeth. **Russia`s Growing Dark Fleet: Risks for the Global Maritime Order**. Washington, DC: Atlantic Council, 2024. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/in-depth-research-reports/issue-brief/russias-growing-dark-fleet-risks-for-the-global-maritime-order/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

BURNS, Edward. **História da Civilização Ocidental**. Rio de Janeiro: Globo, 1948.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra – Prefácio de Anatole Rapoport**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1979.

COELHO, Sandra. **Hezbollah e Hamas: Estudo Comparativo entre duas Organizações Terroristas Islâmicas**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2016. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/12769/1/TESE-SandraCoelho-211387.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2024.

COMMONS, House of. **Military Assistance to Ukraine since the Russian Invasion**. London: House of Commons Library, 2024.

COSTA, Wanderlei M. **Projeção do Brasil no Atlântico Sul: geopolítica e estratégia**. *Confins [En ligne]*, 22 | 2014, mis en ligne le 29 novembre 2014, consulté le 15 août 2024. Disponível em: https://journals.openedition.org/confins/9839?lang*fr. Acesso em: 15 jul.2024.

COUTAU-BÉGARIE, Hervé. **Tratado de Estratégia: Hervé Coutau-Bégarie**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010.

DELANOË, Igor. **Russia`s Black Sea Fleet in the “Special Military Operation” in Ukraine**. Philadelphia: Foreign Policy Research Institute, 2024.

ECKSTEIN, Megan. **After 2014 Decimation, Ukrainian Navy rebuilds to fend off Russia**. *Defense News*, 9 ago. 2021. Disponível em:

<https://www.defensenews.com/naval/2021/08/09/after-2014-decimation-ukrainian-navy-rebuilds-to-fend-off-russia/>. Acesso em: 5 abr. 2024.

EUA. *Department of Defense. Joint Publication 1. Doctrine for the Armed Forces of the United States*. Washington, DC: Joint Chiefs of Staff, 2017.

EUA. *Department of the Navy. Advantage at Sea: Prevailing with Integrated all-Domain Naval Power*. Washington, DC: Department of the Navy, 2020.

FELGENHAWER, Tyler. *Ukraine, Russia, and the Black Sea Fleet Accords*. Princeton: Princeton University, 1999. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/citations/ADA360381>. Acesso em: 5 abr. 2024.

FERREIRA, Renato Rangel. *Operações Navais no Século XXI: Tarefas Básicas do Poder Naval para a proteção da Amazônia Azul*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2011.

FERREIRA, Renato. *Reflexões sobre a Defesa Conjunta da Amazônia Azul*. Rio de Janeiro: Escola Superior de Guerra, 2018.

GALEOTTI, Mark. *Entrevista ao Washington Post em 1º de mar*. Washington: *Washington Post*, 2014. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/world/europe/russia-decides-to-send-troops-into-crimea-what-does-the-lack-sea-fleet-look-like/2014/03/01/38cf005c-a160-11e3-b8d8-94577ff66b28_story.html. Acesso em: 2 mar. 2024.

GORENBURG, Dmitry. *Russia's Naval Capabilities in the Mediterranean*. Garmisch-Partenkirchen: George C. Marshall European Center for Security Studies, 2019. Disponível em: <https://www.marshallcenter.org/en/publications/security-insights/russias-naval-strategy-mediterranean-0>. Acesso em: 9 mar. 2024.

GUTTMAN, Jon. *The Neptune Anti-ship Missile*. [Estados Unidos da América]: *MilitaryTimes*, 2022. Disponível em: <https://www.militarytimes.com/off-duty/gearscout/2022/05/12/the-neptune-anti-ship-missile-the-weapon-that-may-have-sunk-the-russian-flagship-moskva/>. Acesso em: 7 abr. 2024.

HELLENBROICH, Elisabeth. *Entendendo a Rússia*. Rio de Janeiro: Capax Dei, 2016.

HATTON, Barry. *Meet Ukraine's Small But Lethal Weapon Lifting Morale: Unmanned Sea Drones Packed with Explosives*. St Louis: Fox Star Media Inc., 2024. Disponível em: <https://fox2now.com/news/tech-talk/ap-technology/ap-meet-ukraines-small-but-lethal-weapon-lifting-morale-unmanned-sea-drones-packed-with-explosives/>. Acesso em: 11 abr. 2024.

HAVRYLIUK, Ivan. *Entrevista concedida ao Ukrainian World Congress em 5 dez. 2023*. Kiev: *Ukrainian World Congress*, 2023. Disponível em: <https://www.ukrainianworldcongress.org/ukraine-creates-a-long-range-neptune-missile-and-increases-weapons-production/>. Acesso em: 16 abr. 2024.

KITTRIE, Orde F. *Law as a Weapon of War*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2016.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Barueri: Ed. Atlas, 2017.

MENKS, Joshua; PETERSEN, Michael. ***The “Kalibrization” of the Russian Fleet***. *Proceedings* Vol. 148. Annapolis: U.S. Naval Institute, 2022.

MILITARNYI. ***Ukrainian Navy Creates a Brigade of Naval Drones***. Kiev: Ukrainian Military Center, 2024. Disponível em: https://mil.in.ua/en/news/ukrainian-navy-creates-a-brigade-of-naval-drones/#google_vignette . Acesso em: 11 abr. 2024.

MONGILIO, Heather. ***A Brief Summary of the Battle of the Black Sea***. Annapolis: U.S. Naval Institute, 2023. Disponível em: <https://news.usni.org/2023/11/15/a-brief-summary-of-the-battle-of-the-black-sea>. Acesso em: 13 abr. 2024.

NEIZHPAPA, Oleksiy. ***The Ukrainian Navy and the Fight for Democracy***. *Proceedings* Vol. 149. Annapolis: U.S. Naval Institute, 2023.

PATERNIO, Martha et al. ***A Genome-Wide Approach to the Phylogeography of the Mussel *Mytilus Galloprovincialis* in the Adriatic and the Black Seas***. Pádua: Sec. Marine Fisheries, Aquaculture and Living Resources, 2019. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fmars.2019.00566/full>. Acesso em: 20 fev. 2024.

PINCHUK, Victor. ***Time is Running Out to Help Ukraine and Defend the West***. Washington, DC: Atlantic Council, 2024. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/ukrainealert/time-is-running-out-to-help-ukraine-and-defend-the-west/>. Acesso em: 1º abr. 2024.

PINTO, Pedro. **Conflito no Iêmen: A Expansão do Controlo dos Houthis e as Repercussões Geopolíticas para o Oriente Médio**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2022. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/27283/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Pedro%20Pinto.pdf> . Acesso em: 12 abr. 2024.

PLOKHY, Serhii. ***The Russo-Ukrainian War***. Nova Iorque: W.W. Norton & Company, 2023.

PUTIN, Vladimir. ***On the Historical Union of the Russians and Ukrainians***. Moscou: website oficial da Presidência da República da Rússia, 2021. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/page/160>. Acesso em: 15 fev. 2024.

PUTIN, Vladimir. ***Tucker Carlson Interviews Vladimir Putin, February 6th 2024***. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fOCWBhuDdDo>. Acesso em: 15 fev. 2024.

RUDENKO, Serhii. ***Zelensky: a Biography***. Kiev: Polity, 2022.

SILVA, Livia; FIGUEIREDO, Vinicius. **Ucrânia: Conflito como Herança da “Cortina de Ferro” na Rússia Contemporânea**. Marília: OCI UNESP, 2018.

SILVA, Jediel. **O Transporte Marítimo de Carga e a Proteção de Bandeira Brasileira**. Brasília: AVM Faculdade Integrada, 2016. Disponível em: https://www.monografias.com/pt/trabalhos3/transporte-maritimo-carga-protecao-bandeira/trna_sporte-maritimo-carga-protecao-bandeira3.shtml . Acesso em: 30 mai. 2024.

SOUZA, Geraldo. **Dialética e Educação – Dialética e Violência – Dialética e Felicidade**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação, [S.], n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/3783> . Acesso em: 8 mai. 2024.

SPS. **Russia-Ukraine War 2024 Outlook**. Birmingham: SPS Global Insights, 2024. Disponível em: <https://www.sps-global.com/global-insights-special-report/russiaukraine2024> . Acesso em: 24 fev. 2024.

SUTTON, H. I. **Guide to Ukraine’s Long Range Attack Drones**. [Estados Unidos da América]: Covert Shores, 2024. Disponível em: <http://www.hisutton.com/> . Acesso em: 11 abr. 2024.

TANGREDI, Sam J. **Anti-Access Warfare: Countering A2/AD Strategies**. Annapolis: Naval Institute Press, 2013.

TILL, Geoffrey. **Seapower: a Guide for the Twenty-First Century**. 4. Ed. Londres: Routledge, 2018.

UKRAINE, Ukrainian Navy. **Strategy of the Naval Forces of the Armed Forces of Ukraine 2035**. Kiev: Ukrainian Navy, 2019. Disponível em: <https://navy.mil.gov.ua/en/strategiya-vijskovo-morskyh-syl-zbrojnyh-syl-ukrayiny-2035/> . Acesso em: 5 abr. 2024.

USNWC. **Maritime Doctrine for the Russian Federation**. Newport: U.S. Naval War College, 2022. Disponível em: <https://usnwc.edu/Research-and-Wargaming/Research-Centers/Russia-Maritime-Studies-Institute> . Acesso em: 1º mar. 2024.

WEF. **The Global Risks Report 2024**. 19. Ed. Genebra: World Economic Forum, 2024. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_The_Global_Risks_Report_2024.pdf . Acesso em: 5 abr. 2024.

WHITE, Dan. **The Ghost of Hetman Sahaidachny: Evaluating Ukraine’s Maritime Military Operations**. Washington, DC: U.S. Congress Wilson Center, 2023. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/blog-post/ghost-hetman-sahaidachny-evaluating-ukraines-maritime-military-operations-0> . Acesso em: 13 abr. 2024.

WILLIAMS, Jessica. **Legitimizing and Operationalizing US Lawfare: The Successful Pursuit of Decisive Legal Combat in the South China Sea**. Maxwell:

Air University Journal of Indo-Pacific Affairs, 2021. Disponível em: <https://media.defense.gov/2021/Mar/07/2002595020/-1/-1/1/16%20WILLIAMS.PDF>. Acesso em: 26 jul. 2024.

ZAGORODNYUK, Andiry. **Webinar: By Air and Sea, What Does the Spring Hold for Ukraine?**. [Estados Unidos da América]: *Atlantic Council*, 2024. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/event/by-air-and-by-sea-what-does-the-spring-hold-for-ukraine/>. Acesso em: 7 abr. 2024.

ZANNARINI, Enrico. **Russia and th Responsibility to Protect: from a bifurcating understanding to the unlawfulness of the ‘Special Military Operation’ against Ukraine**. Amsterdam: *Amsterdam Law Forum*, 2023. Disponível em: <https://amsterdamlawforum.org/articles/476/files/645f5854bb5de.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2024.

ZELENSKY, Volodymyr. **President of Ukraine: Speeches**. Kiev: *website oficial da Presidência da República da Ucrânia*, 2024. Disponível em: <https://www.president.gov.ua/en/news/speeches?date-from=01-01-2024&date-to=01-03-2024& token=IS0SkGDZ59kYaFlcKXAt5cWrUFuzwIU3tGFYinGO>. Acesso em 17 mar. 2024.

APÊNDICE A
O DIMENSIONAMENTO DA FORÇA

1. Força de Intervenção Marítima

Foi dimensionada para atingir os seguintes efeitos: a) Proteção das LCM; b) Proteção das ICPM; c) Defesa das Ilhas Oceânicas; e d) Controle de Áreas Marítimas (em especial a foz do Rio Amazonas e a Elevação do Rio Grande).

Figura 17 – Força de Intervenção Marítima

Meio	Qtd.	Dimensão Visual do Elemento de Força e Necessidades de Obtenção
Navio Aeródromo Multipropósito (NAM) (capacid. Op. Asa Fixa)	1	
Aeronaves do NAM (Esclarec., Atq.; e A/S)	16	
Escoltas	8	
Aeronaves dos Escoltas (Esclarec./Atq.)	8	
SARP - a partir de terra ou dos navios	40	

Fonte: Brasil (2023a).

2. Força de Proteção Marítima

Foi dimensionada para atingir os seguintes efeitos: a) Proteção das LCM (em caso de crise); b) Proteção das ICPM (em caso de crise); c) Repressão à exploração/exploração não autorizada de recursos na Amazônia Azul; e d) Repressão a ilícitos transfronteiriços e ambientais.

Figura 18 – Força de Proteção Marítima

Meio	Qtd.	Dimensão Visual do Elemento de Força e Necessidades de Obtenção
Navio Patrulha Oceânico	10	
Navio Patrulha de 500 Ton	20	
Aeronaves de Patrulha Marítima	*	

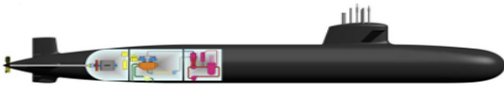
* As aeronaves de Patrulha Marítima não foram dimensionadas, pois ainda há indefinições na MB e na FAB quanto ao emprego da Asa Fixa em proveito da Força Naval.

Fonte: Brasil (2023a).

3. Força de Desgaste

Foi dimensionada para atingir os seguintes efeitos: a) interrupção de LCM no entorno estratégico, e b) negação do uso das seguintes áreas marítimas de interesse: ERG, proximidade das Ilhas Oceânicas, Foz do Rio Amazonas e Bacias Petrolíferas.

Figura 19 – Força de Desgaste

Meio	Qtd.	Dimensão Visual do Elemento de Força e Necessidades de Obtenção
Submarinos de propulsão convencional	4	
Submarino Convencionalmente Armado com Propulsão Nuclear (SCPN)	1	

Fonte: Brasil (2023a).

4. Força de Projeção

Foi dimensionada para atingir os seguintes efeitos: a) defesa/retomada de Ilhas Oceânicas, b) neutralização de alvos de interesse militar em terra, c) controle de área terrestre de interesse naval, e d) proteção de bens, recursos e Nacionais no exterior.

Figura 20 – Força de Projeção

Meio	Qtd.	Dimensão Visual do Elemento de Força e Necessidades de Obtenção
NAM (capacid. Op. Asa Fixa)	1	
Navios Anfíbios	3	
EDCG/EDVM	3 EDCG 6 EDVM	
Aeronaves para movimento Helitransportado	8	
Aeronaves de escolta e Apoio de Fogo	6	
UAnf	*	 * De acordo com o Anexo do PCF

Fonte: Brasil (2023a).

APÊNDICE B

ALCANCE DE SISTEMAS OFENSIVOS NAVAIS

Tabela 2 – Alcance de sistemas ofensivos navais antissuperfície

País	Sistema	Alcance (km)
Alemanha	<i>Naval Strike Missile</i>	200
Austrália	<i>Naval Strike Missile</i>	200
Canadá	<i>Naval Strike Missile</i>	200
Chile	<i>RGM-84L HARPOON Block II</i>	124
China	YJ-21	1.500
Espanha	<i>Naval Strike Missile</i>	200
EUA	<i>Block V Tomahawk</i>	2.000
	<i>Naval Strike Missile</i>	200
França	<i>Exocet MM40 B3C</i>	200
Índia	<i>Dhanush</i>	750
Israel	<i>Gabriel Mark V</i>	400
Irã	<i>Zulfiqar Basir</i>	700
México	<i>RGM-84L HARPOON Block II</i>	124
Portugal	<i>RGM-84L HARPOON Block II</i>	124
Reino Unido	<i>Block V Tomahawk</i>	2.000
	<i>Naval Strike Missile</i>	200
Venezuela	C-802 A	120
	SM-90	90
Houthis (Iêmem)	<i>Quds Z-0</i>	800
Hezbollah (Líbano)	<i>Yakhont</i>	300

Fonte: Autor¹³⁸.

¹³⁸ Com dados obtidos em: <https://x.com/dhernandezlarez/status/1792657786981257637?s=48&t=2elqtcPDKX3hMfHdLjV1g>, https://www.dsca.mil/sites/default/files/mas/press_release-Chile_21-08_CN.pdf, <https://www.dote.osd.mil/Portals/97/pub/reports/FY2022/navy/2022sm-2.pdf?ver=KIPLZwXE4wG696ZR59Kdw==>, <https://cimsec.org/fighting-dmo-pt-8-chinas-anti-ship-firepower-and-mass-firing-schemes/>, https://www.iiss.org/globalassets/media-library---content--migration/files/research-paper_s/2022/03/addressing-the-iranian-missile-threat-a-regional-approach-to-risk-reduction-and-arms-control.pdf, https://shop.janes.com/fighting-ships-22-23-yearbook-6541-3000230021?_gl=1%2A1xw2fd%2A_gclau%2ANTQxMDI0OTAzLjE3MDkzNzkzMzQ, <https://www.naval-technology.com/news/what-is-the-maritime-strike-tomahawk-cruise-missile/>, https://www.kchf.ru/eng/ship/today_all.htm, <https://missilethreat.csis.org/missile/dhanush/>, <https://news.usni.org/2020/10/16/china-arming-venezuelan-navy-with-anti-ship-missiles>, <https://www.iiss.org/online-analysis/military-balance/2024/01/houthi-anti-ship-missile-systems-getting-better-all-the-time/>. Acesso em 11 jun. 2024.

APÊNDICE C

QUADRO RESUMO DO CONCEITO OPERACIONAL CONJUNTO DE DEFESA EM CAMADAS

Quadro 10 – Quadro resumo do Conceito Operacional Conjunto de Defesa em Camadas

Características	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª
Predominantes¹³⁹	Cooperativa	Antiaceeso	Negação de Área	Operações Litorâneas	Operações Terrestres
Ambiente	Operacional terrestre de interesse naval	Operacional Marítimo	Operacional Marítimo	Operacional Marítimo e Terrestre de Interesse Naval	Terrestre de Interesse Naval
CAPN	Diplomacia Naval	Defesa Naval e Segurança Marítima	Defesa Naval	Defesa Naval	Defesa Naval
CEPN	Consciência Situacional, Cooperatividade e Presença	Mobilidade, Poder de Combate e Prontidão	Expedicionária, Mobilidade e Poder de Combate	Cooperatividade, Expedicionária, Poder de Combate e Resiliência	Cooperatividade, Presença e Resiliência
TBPN	Projetar Poder	NUM e Proteção Marítima	CAM e Projetar Poder	NUM e Projetar Poder	Projetar Poder
Posturas Estratégicas	Cooperação e Persuasão	Coerção e Uso da Força	Coerção e Uso da Força	Uso da Força	Uso da Força
Efeitos	Influência no Ambiente Informacional	NUM e Proteção de LCM	CAM e Proteção de ICPM	NUM e Defesa e Retomada de Ilhas Oceânicas	Neutralização de Alvos de Interesse Militar
OBE	10	1 e 4	1, 2 e 3	1, 2 e 3	3
ElmF	C5IVR e Operações Especiais	Desgaste e Intervenção Marítima	Intervenção Marítima e Projeção	Proteção Marítima, Guerra de Minas e Projeção	Projeção e Operações Especiais
Demais FA	FAB e EB	FAB	FAB e EB	FAB e EB	FAB e EB

Fonte: Autor.

¹³⁹ Uma característica predominante não exclui outras.

APÊNDICE D

SUGESTÕES DE APRIMORAMENTO

1. NÍVEL POLÍTICO

- a. Analisar a pertinência de adotar posicionamento favorável à ampliação do alcance dos sistemas ofensivos navais para além de 300 quilômetros, procedendo avaliação de oportunidades e riscos associados.
- b. Decorrente do subitem anterior, a Força deve buscar influenciar o mais alto nível decisório quanto a uma solução para a empresa AVIBRAS que contemple a manutenção do controle nacional da empresa.
- c. Buscar apoio das demais FA para o desenvolvimento conjunto de um míssil de médio alcance, multiplataformas, versão antinavio, de modo a integrar as capacidades ofensivas das três Forças na defesa da Amazônia Azul.

2. NÍVEL ESTRATÉGICO

- a. Na END, buscar a incorporação da ERG como terceira “área de atenção especial”, a se somar à faixa que vai de Santos a Vitória (bacias petrolíferas) e a área em torno da foz do rio Amazonas (Brasil, 2020 p. 47).
- b. No PEM, na AEN – DEFESA-2: citar especificamente os mísseis de médio alcance como exemplo de tecnologia disruptiva (Brasil, 2020a, p. 62).
- c. No PEM incluir a AEN “FORÇA NAVAL-13 – Desenvolver o Míssil Tático de Cruzeiro Antissuperfície Conjunto Multiplataformas – Descrição: Executar o Projeto do MTC Antissuperfície de médio alcance. Responsável: DGMM” (Brasil, 2020a, p. 72).
- d. No PEM incluir a AEN “FORÇA NAVAL-14 – Obter Sistemas de ARP ofensivas de emprego único” – Descrição: obter sistemas de ARP de ataque que ampliem a capacidade ofensiva das forças navais e que tenham capacidade de atuar tanto a partir de meios navais como a partir de terra. Responsável: DGMM” (Brasil, 2020a, p. 72).
- e. No PEM incluir a AEN “FORÇA NAVAL-14 – Obter Sistemas de ERP ofensivas de emprego único” – Descrição: obter sistemas de Embarcações Remotamente Pilotadas de ataque que ampliem a capacidade ofensiva das forças navais a partir de terra. Responsável: DGMM” (Brasil, 2020a, p. 72).

- f. No PEM incluir na AEN – OCOP-2 – incluir especificamente os mísseis antissuperfície de cruzeiro de médio alcance na modernização dos sistemas de armas dos meios navais (Brasil, 2020a, p. 74).

3. NOS FUNDAMENTOS DOUTRINÁRIOS DA MARINHA

- a. Em 2.5 b) Acrescentar à TBPN “Projetar Poder” a frase final “Pode estar associada à TBPN de negar o uso do mar como Tarefa Básica prévia”. Tal se justifica em função das ações de PPTM a serem incorporadas, que permitem à Projeção de Poder contribuir diretamente para a NUM (Brasil, 2023b, p. 2-13).

4. NA ESTRATÉGIA DE DEFESA MARÍTIMA

- a. Em 1.3.3, “Prioridades Estratégicas”, no item a) XI DEF11, substituir a expressão entre parênteses “(atualmente, por meio do Submarino Convencionalmente Armado de Propulsão Nuclear)” por “(Por meio do Submarino Convencionalmente Armado de Propulsão Nuclear, mísseis de médio alcance e plataformas não-tripuladas de ataque)” (Brasil, 2023a, p. 1-8).
- b. Em 1.4, “Análise de Risco”, acrescentar como R1 o seguinte risco: “Incapacidade de dissuasão plena pela não existência de sistemas ofensivos de médio alcance compatíveis com os disponíveis nos acervos das principais potências mundiais ou regionais. Avaliação: Crítico” (Brasil, 2023a, p. 1-10).
- c. Em 3.2, “Dimensionamento da Força”, no subitem 3.2.1, “Força de Intervenção Marítima”, acrescentar na coluna “Meio”: “ElmAnf”. Na coluna “Qtd.”, acrescentar: “04”. Justificativa: trata-se de incorporar as capacidades da PPTM por meio do emprego de GptOpFuzNav valor Elemento Anfíbio, dotados de mísseis antinavio, formados a partir dos quatro futuros Batalhões de Operações Litorâneas (BtlOpLit), atualmente GptFNNa, GptFNSa, GptFNRJ e GptFNRG.
- d. Em 3.2 ainda, “Dimensionamento da Força”, no subitem 3.2.1, “Força de Intervenção Marítima”, acrescentar na coluna “Meio”: “ERP”. Na coluna “Qtd.”, acrescentar: “20”. Justificativa: trata-se de incorporar as capacidades oriundas da PPTM por meio do emprego de Embarcações Remotamente Pilotadas de ataque de emprego único.
- e. Em 3.2, “Dimensionamento da Força”, no subitem 3.2.5, “Força de Desgaste”, acrescentar na coluna “Meio”: “ElmAnf”. Na coluna “Qtd.”, acrescentar: “04”. Justificativa: similar à do item “c”.

- f. Em 3.2 ainda, “Dimensionamento da Força”, no subitem 3.2.5, “Força de Desgaste”, acrescentar na coluna “Meio”: “ERP”. Na coluna “Qtd.”, acrescentar: “20”. Justificativa: similar à do item “d”.
- g. Em 3.2, “Dimensionamento da Força”, no subitem 3.2.6, “Força de Projeção”, acrescentar na coluna “Meio”: “ElmAnf”. Na coluna “Qtd.”, acrescentar: “04”. Justificativa: trata-se de incorporar as capacidades oriundas da PPTM por meio do emprego de GptOpFuzNav valor Elemento Anfíbio, dotados de mísseis antinavio, formados a partir dos quatro futuros Batalhões de Operações Litorâneas (BtlOpLit), atualmente GptFNNa, GptFNsa, GptFNRJ e GptFNRG.
- h. Em 3.2 ainda, “Dimensionamento da Força”, no subitem 3.2.6, “Força de Projeção”, acrescentar na coluna “Meio”: “ERP”. Na coluna “Qtd.”, acrescentar: “20”. Justificativa: trata-se de incorporar as capacidades oriundas da PPTM por meio do emprego de Embarcações Remotamente Pilotadas de ataque de emprego único.
- i. No futuro dimensionamento do ElmF b) II) “Força de Proteção Marítima (Grupamentos de FN)” considerar a reorganização dos atuais GptFN em BtlOpLit provendo os ElmAnf a serem empregados na PPTM.

5. NO PORTOFÓLIO ESTRATÉGICO DA MARINHA¹⁴⁰

- a. No Programa de Obtenção de Meios de Superfície acrescentar o Projeto de Obtenção de Sistema de Embarcações Remotamente Pilotadas de Ataque de Emprego Único.
- b. No Programa de Obtenção de Meios Aeronavais – acrescentar o Projeto Obtenção de Sistema de Aeronaves Remotamente Pilotadas de Ataque de Emprego Único.
- c. No Programa de Meios de Fuzileiros Navais, acrescentar no escopo do Projeto Mobilidade a obtenção de Embarcações de Desembarque capazes de desembarcar sistemas do porte do MTC-300, e com capacidade de mar.
- d. No Programa Esporão, ampliar o escopo do Projeto MANSUP. Além da versão já operacional e da versão ER (em desenvolvimento), evoluir para uma versão que possa ser lançada a partir de viaturas e uma de ataque de precisão a alvos em terra. Seguir buscando a ampliação de alcance.

¹⁴⁰ Brasil (2023c).

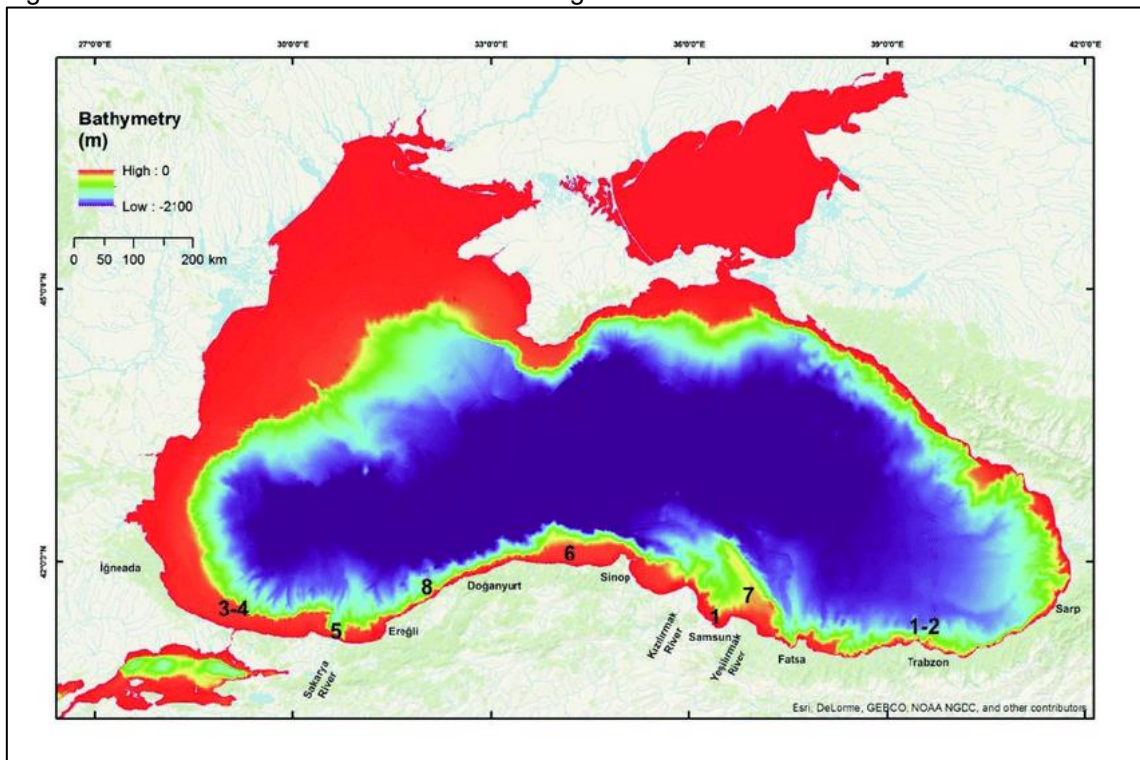
ANEXO A ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O Mar Negro: configuração política



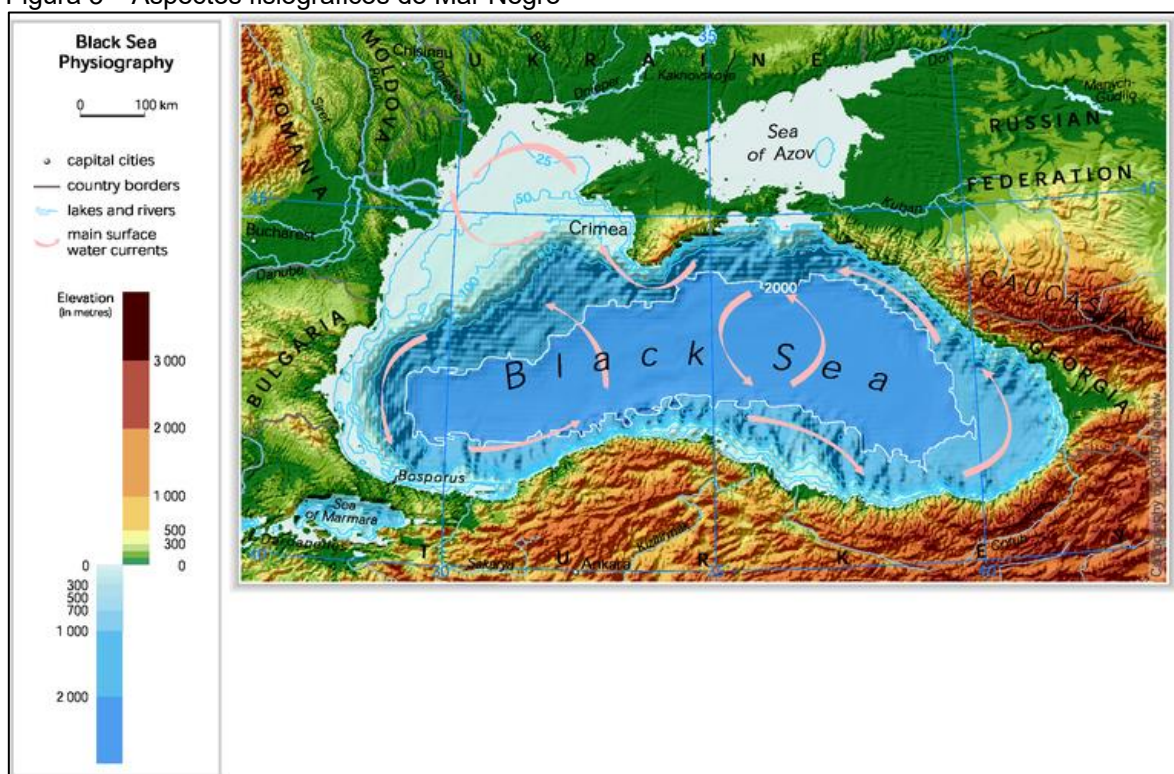
Fonte: disponível em <https://www.theworldofmaps.com/digital-maps/continent-maps/digital-map-countries-around-black-sea-838>. Acesso em 20 fev. 2024.

Figura 2 – Levantamento batimétrico do Mar Negro



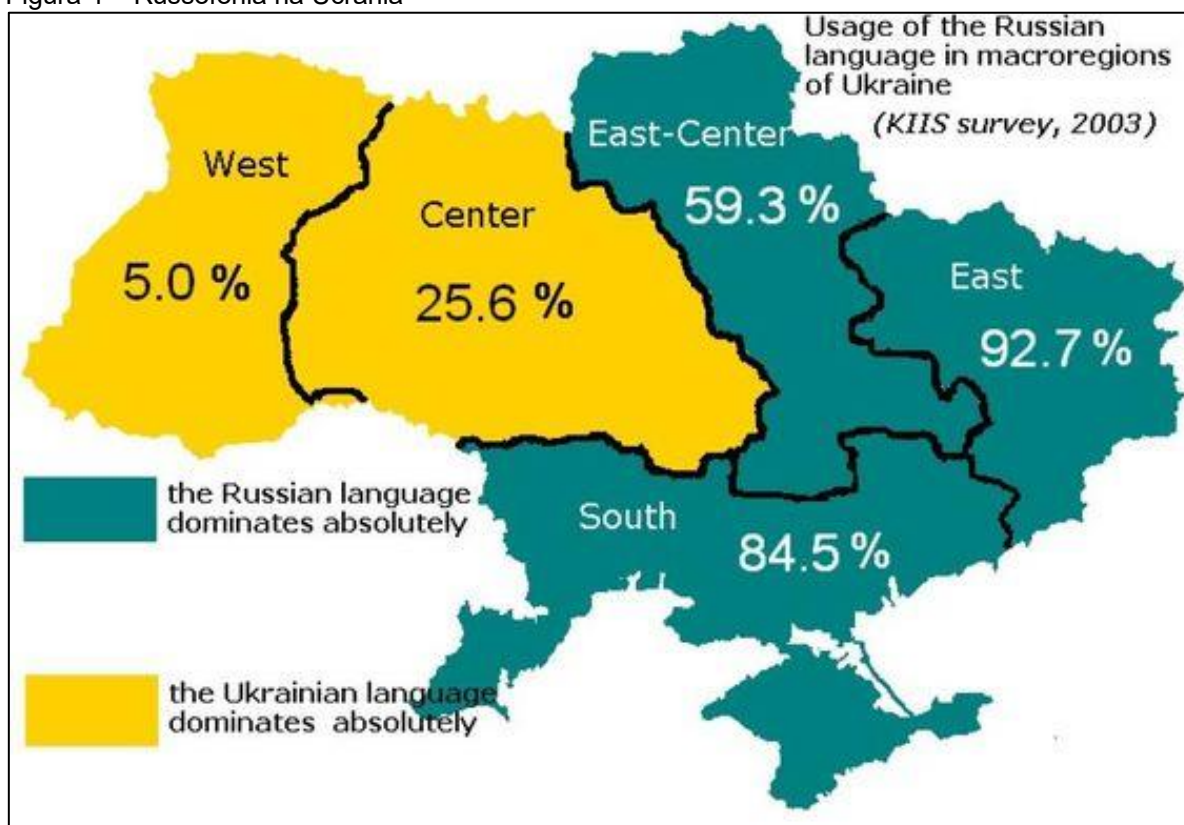
Fonte: Paterno, 2019.

Figura 3 – Aspectos fisiográficos do Mar Negro



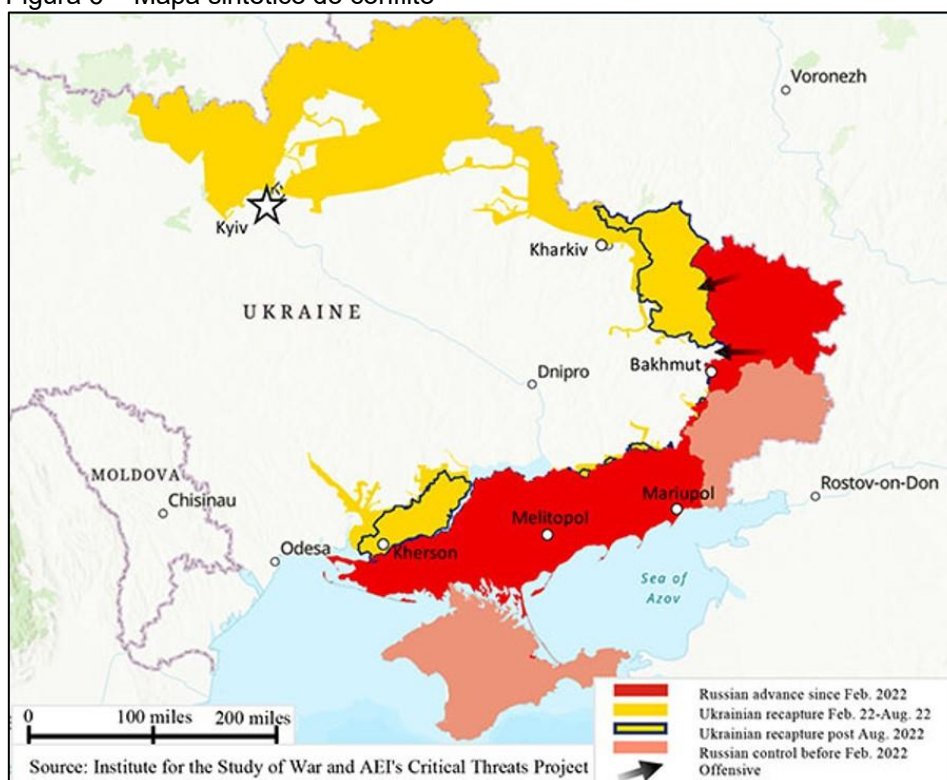
Fonte: *European Environment Agency (EEA)*. Disponível em: https://www.eea.europa.eu/data-and-maps/figures/black-sea-physiography/bl1_overview eps/ image_large . Acesso em: 20 fev 2024.

Figura 4 – Russofonia na Ucrânia



Fonte: *Kyiv International Institute of Sociology*. Disponível em: <https://www.kiis.com.ua/?lang=eng> . Acesso em: 24 fev. 2024.

Figura 6 – Mapa sintético do conflito



Fonte: Harvard Kennedy School, Belfer Center for Science and International Affairs, *Ukrainian Situation FEB2024*. Disponível em: <https://www.russiamatters.org/news/russia-ukraine-war-report-card/russia-ukraine-war-report-card-feb-6-2024>. Acesso em: 24 fev. 2024.

Figura 8 – Capacidade de bombardeio naval pelos mísseis *Kalibr*



Fonte: Adaptado de War Studies University. Disponível em: <https://securityanddefence.pl/Conclusions-from-the-use-of-aviation-in-the-first-half-of-the-first-year-of-the-Ukrainian,161959,0,2.html>. Acesso em: 12 mar. 2024.

Figura 10 – Bateria de mísseis antinavio R-360 *Neptune*



Baterias de Mísseis Antinavio R-360 Neptune
Fabricante: Luch Design Bureau – Ucrânia
Alcance: 320 km Cabeça de combate: 330 Kg Velocidade: 900 km/h

Fonte: Autor. Com informações e imagem obtidas em *SPETS Techno Export* e *United States Naval Institute*. Disponível em: <https://spetstechnoexport.com/pt/profile-company> e <https://news.usni.org/2024/04/03/ukraine-needs-more-weapons-as-russia-stays-committed-to-victory-panel-says>. Acesso em: 7 abr. 2024.

Figura 11 – ARP UJ-26 *Beaver*



Aeronave Remotamente Pilotada de Ataque de Uso Único UJ-26 Beaver
Fabricante: Governo da Ucrânia
Alcance: 1.000 km Cabeça Explosiva: 20 Kg Velocidade: 200 km/h

Fonte: Autor. Com informações e imagem obtidas em: https://armyrecognition.com/defense_news_december_2023_global_security_army_industry/ukraine_launches_massive_production_of_uj-26_beaver_kamikaze_drones_for_deep_strikes_inside_russia.html. Acesso em: 12 abr. 2024.

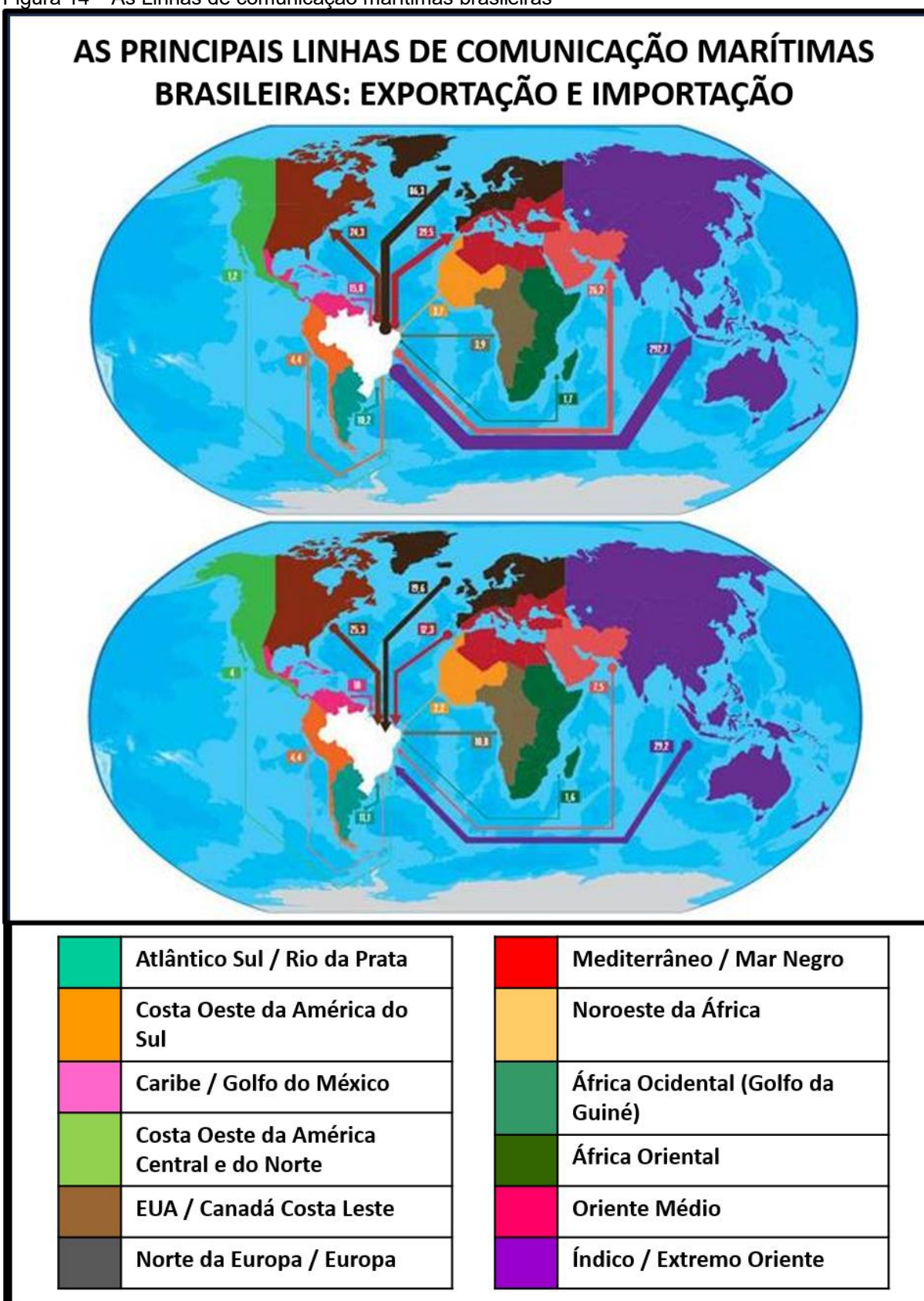
Figura 12 – ERP *Magura V5*



Embarcação Remotamente Pilotada de Ataque de Uso Único Magura V-5
Fabricante: Governo da Ucrânia
Alcance: 800 km Carga explosiva: 200 Kg Velocidade: 200 km/h

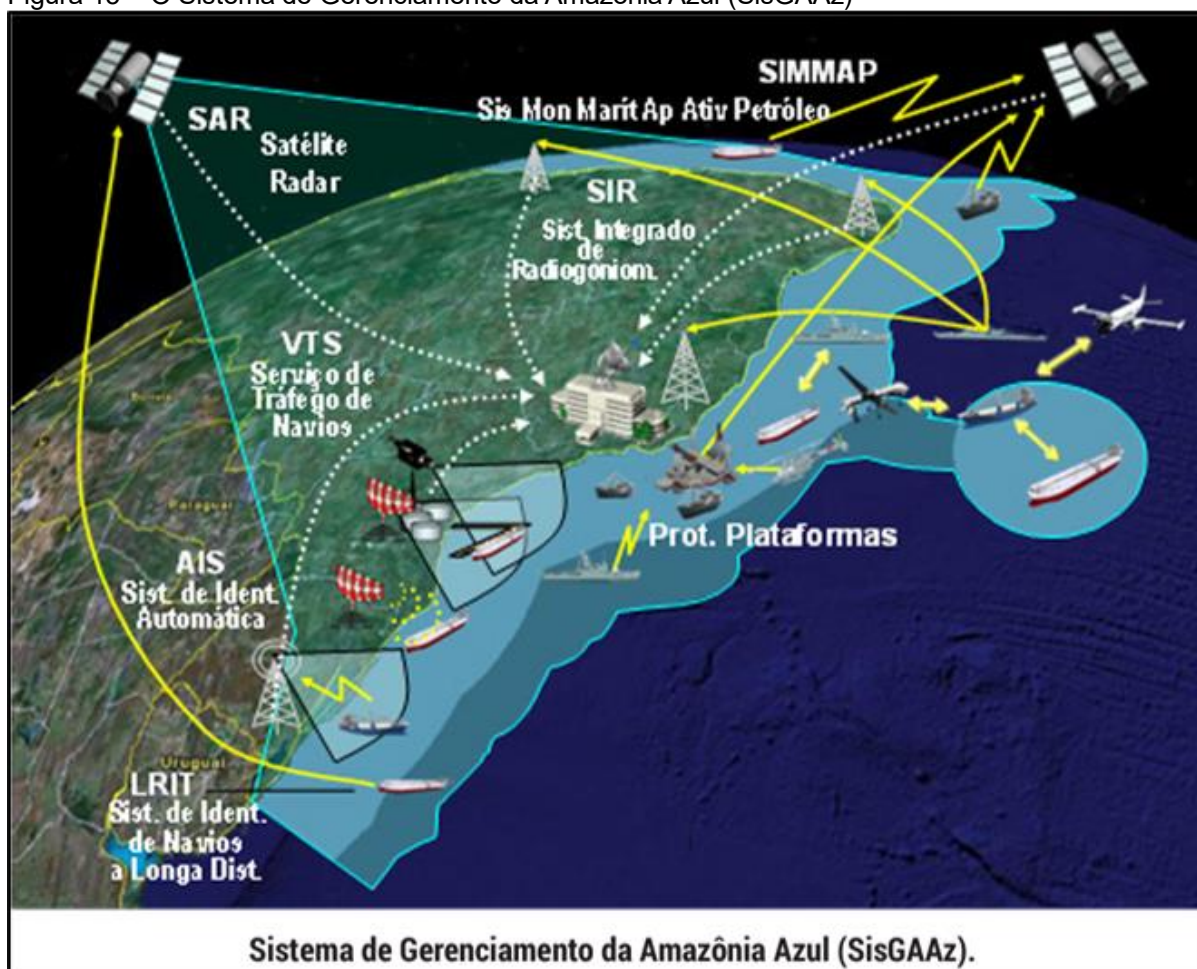
Fonte: Autor. Com informações e imagem obtidas em Militarnyi (2024) e Hatton (2024).

Figura 14 – As Linhas de comunicação marítimas brasileiras



Fonte: Autor. Adaptado de Silva (2016). Mapas originalmente elaborados pela ANTAQ.

Figura 15 – O Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul (SisGAAz)



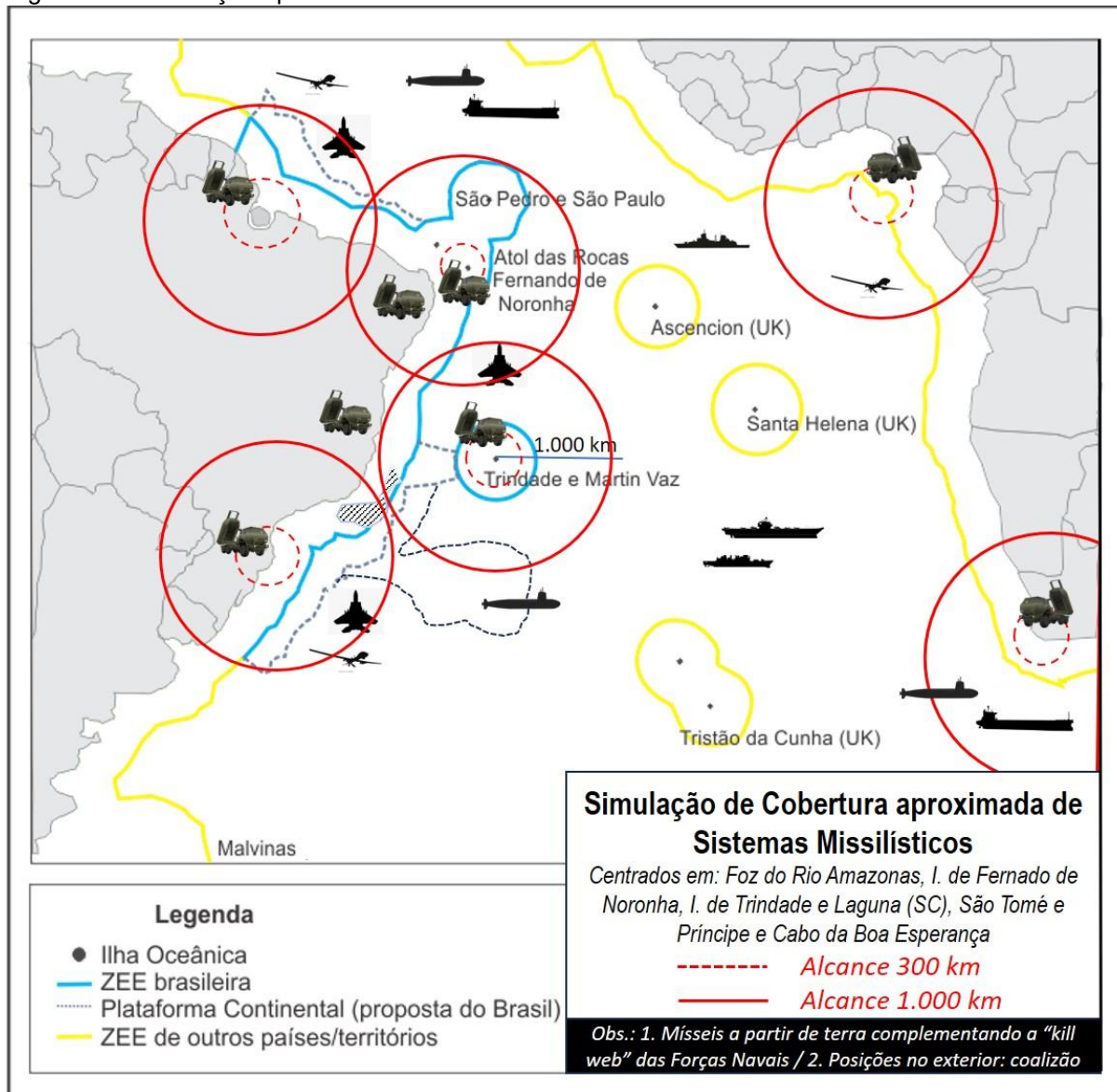
Fonte: Brasil (2019).

Figura 16 – O entorno estratégico brasileiro



Fonte: Brasil (2020a).

Figura 21 – Simulação aproximada de cobertura de sistemas missilísticos



Fonte: Autor. Adaptado de Costa (2014).

ANEXO B
TABELA

Tabela 1 – Participação do Mar Negro no comércio marítimo russo

Ano	Volume total do comércio russo transportado por mar (Mt)	Volume de comércio russo transportado pelo Mar Negro (Mt)	Participação do Mar Negro no comércio russo (%)
2023 ¹	453,40	151,20	33,35
2022	841,52	263,65	31,33
2021	835,47	256,76	30,73
2020	820,80	252,00	30,70
2019	840,30	258,20	30,72
¹ Informações do 1º semestre de 2023 Mt – milhões de toneladas			

Fonte: *Database of Russia's Association of Commerce Sea Ports* (Delanoë, 2024).